HITLER
CULPADO OU INOCENTE?

SÉRGIO OLIVEIRA

SÉRGIO OLIVEIRA é um militar, com 29 anos de exército e pesquisador.

Acostumado à rígida disciplina dos quartéis tornou-se um detalhista exigente, examina, pergunta e confere tudo, sempre quer saber o porquê das coisas, dos acontecimentos diários constantes da imprensa, dos livros, da História e assim naturalmente da II Guerra Mundial.

Sobre essa última ele, por gostar do assunto, como Militar, possui praticamente todos os livros que foram publicados no Brasil. Devorava-os apesar de achar o conteúdo às vezes bastante estranho e esquisito mas, naturalmente, como a quase totalidade das pessoas, acreditando na Mentira do Século.

Sentia que havia coisas erradas nessas "Histórias" mas como não conhecia nenhuma contestaçõ aos fatos que eram apresentados no Brasil, nem sabia da existência de livros estrangeiros sobre os fatos, não teve motivação para duvidar ou pesquisar sozinho tal assunto. Quando passavam os filmes e as mini-séries, estranhava cada vez mais essa insistência em mostrar os alemães como "bandidos". *Uma verdade não precisa ser provada por filmes e livros durante meio século.*

Quando, após profunda pesquisa junto a historiadores franceses, ingleses, dinamarqueses, suecos, canadenses, norte-americanos e alemães, lancei em 1987, o livro "Holocausto Judeu ou Alemão? Nos Bastidores da Mentira do Século". (Considerado

HITLER
CULPADO OU INOCENTE?

REVISÃO
EDITORA LTDA

Editado pela
REVISÃO EDITORA LTDA
Cx. Postal 10466
Rua Voltaire Pires, 300, conj. 2
90001 Porto Alegre - RS - BRASIL

Capa: Natal na Chancelaria
Montagem: Murilo Lopes

SÉRGIO OLIVEIRA

HITLER CULPADO OU INOCENTE?

1ª edição

1989

REVISÃO
EDITORA UM

Conferindo e Divulgando a História

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

"Trinta anos após a libertação dos campos, existem apenas um ou dois historiadores, aparentemente honestos, que têm a coragem de escrever que a CÂMARA DE GÁS DE MAUTHAUSEN É UM MITO" - dizia Christian BERNADAC em meados da década de 70. Outros dez anos se passaram e a escassez de autores revisionistas continua a mesma. A história da Segunda Guerra Mundial, em muitos pontos cruciais —como no caso específico do "extermínio" de judeus e prisioneiros de campos de concentração—, continua a ser escrita segundo o interesse dos "vencedores", sem qualquer compromisso com a verdade e autenticidade dos fatos.

A obra de S. E. CASTAN — "Holocausto Judeu ou Alemão?" — surgiu há pouco tempo, como nau solitária e praticamente desarmada em meio a um mar infestado de submarinos. Ela foi e será atacada por muito tempo ainda, pelo menos enquanto navegar isolada. Mas seu exemplo irá frutificar e mais cedo ou mais tarde outras naus se irão juntar a ela, porque é possível enganar a muitos por um certo tempo, mas é inviável sustentar mentiras indefinidamente.

A obra "Acabou o Gás!.. — O Fim de um Mito", publicada mais recentemente peJa Editora Revisão Ltda., veio desfazer a alegação de que Auschwitz, Birkenau e Majdanek haviam sido "campos de extermínio", dotados de câmaras de gás. Trata-se de uma obra científica, conclusiva e definitiva sobre a mais abjeta das farsas criadas pela propaganda anti-alemã, montada por aqueles que necessitavam desviar a atenção mundial de seus próprios pecados.

Por mais de uma década, paralelamente ao desempenho profissional, vínhamos atuando como orientador e co-autor de trabalhos monográficos destinados à obtenção de títulos de graduação e pós-graduação de alunos de diversas universidades do País. Este tipo de trabalho voltado para diversos campos do saber, fez-nos despertar o gosto pela pesquisa bibliográfica, mormente as de natureza histórica, principalmente porque é da análise do comportamento humano em face aos desafios de sua época que se pode, com relativa segurança, interpretar o presente e projetar o futuro.

Aliás, isto nos foi ensinado por Eduardo GALEANO—um "revisionista" uruguaio da História da América Latina, que deixou inserido nas páginas de sua obra mais laureada este lapidar ensinamento: "A História é um profeta com os olhos voltados para trás; pelo que foi e contra o que foi, anuncia o que será..."

Pois bem, esta colocação de GALEANO nos leva a uma profunda reflexão: como pôde o povo alemão, maculado por tantos atos de maldade gratuita, de vis assassinatos, de massacres injustificados e indiscriminados, erguer do pó, em menos de três décadas, uma Nação arrasada? Como teria sido possível essa ressurreição tão espetacular da Alemanha?

Em 1945 a Alemanha estava sucumbida. Mais de dez milhões de mortos, outro tanto de inválidos; a força de trabalho dizimada; a população reduzida a velhos, mulheres e crianças; todas as grandes cidades em ruínas; as zonas industriais destruídas ou removidas para outros países; a rica Silésia incorporada à Polônia; milhões de refugiados perambulando sem teto e sem alimentos; as vias de comunicação cortadas; enfim, por todos os lados o caos e a miséria resultantes da hecatombe...

Em 1970, apenas 25 anos depois da derrota, a Alemanha já se impunha com naturalidade, tranqüilamente, a todo Leste Europeu (à exceção da União Soviética) e às demais nações do Oeste continental. Sua economia, logo depois, superava a da Inglaterra...

Que tipo de povo realizou este "milagre"?

A expressão de "um milagre" é a que melhor se presta para definir o que se passou na Alemanha. Invoca admiração e também espanto diante da velocidade vertiginosa de sua ressurreição. No ano de 1970, voltando-se os olhos para o passado, constatava-se que há vinte e cinco anos era a Alemanha um país de joelhos em terra, autêntico campo de ruínas. E apesar de tudo, transcorrido aquele relativamente curto espaço de tempo, transformara-se na terceira potência mundial.

"Não tereis a Alsácia e a Lorena"—dizia uma canção francesa muito popular no Leste do país.

*Pois os franceses Max CLOS e Yves CUAU, em um livro publicado em 1971, em Paris, intitulado "A Revanche dos Dois Vencidos", confessavam que o movimento diário nas fronteiras do Mosela chegava a ser, no início da década de 1970, da ordem de 8.000 transeuntes, dos quais cerca de 1.500 apenas para o distrito de Forbach. A metade desses imigrantes eram jovens de menos de 21 anos. Esse verdadeiro êxodo tinha uma razão muito simples: os salários relativos a igual qualificação de trabalho eram superiores de 30 a 40% na Alemanha, chegando por vezes a 50%.

Os franceses reclamavam desolados: "Sarreguemines e toda a região de Bitche caem pouco a pouco na órbita alemã. Nossos povoados se tornam dormitórios do Sarre."*

E note-se que naquela época, como agora, o Sarre não era considerado na República Federal Alemã como região de vanguarda. Ao contrário, o nível de vida de seus habitantes era inferior ao do resto do país.

A Alemanha de Oeste representa apenas um terço da população da comunidade européia, e sua superfície não é mais do que uma pequena parte da Europa. Contudo, esta "mini-Alemanha" é um país de abundância, saturado de riqueza e capaz de proporcionar o bem-estar de seu povo.**

O sociólogo e historiador inglês Arnold TOYNBEE, no início deste século, a partir da análise histórica do comportamento dos povos, propôs uma célebre teoria — a do "desafio e resposta". Segundo esta teoria, seriam vitoriosas as sociedades humanas (nações) que fossem capazes de responder ao desafio do meio físico e de suas próprias contradições psicossociais, fracassando aquelas que não tivessem capacidade de responder a esse desafio.

É inegável que o povo alemão soube responder a esse desafio. Soube em menos de um quarto de século fazer ressurgir das cinzas um país arrasado, transformando-o, do nada, na terceira potência econômica do mundo.

Poderiam os "Bárbaros do século XX" ter realizado tal "milagre"? Quais os caracteres imprescindíveis à realização de uma obra de tamanho vulto?

É preciso reconhecer que alguma coisa de errado se passa. As "estórias" de barbarismo, de massacres indiscriminados, de escravidão e terror só conduzem à destruição e nunca ao labor construtivo e empreendedor.

Qualquer alusão a campos de concentração faz com que o indivíduo comum, o leitor descompromissado com análises de maior profundidade, construa na mente as imagens dos "campos nazistas", onde "feitores" de chicotes nas mãos tangiam "escravos", aos magotes, obrigando-os a realizar tarefas penosas e superiores à sua capacidade física.

Campos de concentração existiram sempre, desde o alvorecer da humanidade, quando as sociedades humanas resolveram romper os impasses e os litígios através da guerra. Não se faz guerra sem o enfrentamento de inimigos "internos" e "externos"... E esses inimigos, quando capturados vivos, têm de ser confinados, pelo

menos até que se resolva o conflito. Onde confinar esses inimigos senão em locais apropriados, especialmente construídos para essa finalidade?

Só os alemães confinaram seus inimigos em "campos de concentração"?

Somente nos "campos" alemães se cometeram atrocidades?

As leis internacionais permitem "matar" prisioneiros de guerra? Em que circunstâncias isso pode ocorrer?

A bibliografia sobre os "campos de concentração" é muito restrita e, via de regra, tendenciosa, sensacionalista e voltada tão-somente para os "campos alemães". Por isso, as fontes consultadas quando da realização do presente trabalho foram, à exceção do livro de S. E. CASTAN, todas elas anti-alemãs. As citações contidas ao longo do texto, referem-se a obras de autores como Miklos NYISLI, Christian BERNADAC, Leon URIS, Jean François STEINER, Catherine ROUX, Marc HILLEL, Gita SERENY, Joseph NICHTHAUSER, S. KESSEL, Giménez MORENO, Jurt VON NEGUT Jr., cuja intenção estava voltada, inquestionavelmente, para a denúncia de atrocidades "cometidas pelos alemães".

Isto de certo modo facilitou o nosso trabalho, já que o pouco que se pôde pinçar de cada uma dessas obras, está livre de suspeitas. Nenhuma das obras em questão procura outra coisa senão denegrir os alemães, atribuindo-lhes ações perversas e destituídas de qualquer arrazoado. Ocorre, porém, que não se pode, a não ser quando se trata de pura ficção, mentir sempre. Todas essas obras, quando analisadas de forma crítica, deixam escapar aqui e ali revelações interessantes, merecedoras de estudo ou confrontação com suas similares.

Essas obras — tal como ocorre com as muitas "fotografias de massacres" e de ocorrências do dia-a-dia de "campos de concentração nazistas"—, geralmente se perdem em contradições, em cifras absurdas, enfim, numa série de falsidades que não resistem ao crivo de uma análise imparcial.

Verifica-se que Giménez MORENO, por exemplo, intitula sua obra de "Mauthausen — Campo de Concentração e de Extermínio", e acaba revelando que este local, comparado com Baulau (França), onde ficou confinado anteriormente, é "uma autêntica colônia de férias".

É sabido que em todos os processos referentes aos campos de concentração alemães, as "testemunhas" foram escolhidas a dedo e instruídas sobre o "que dizer" e o "que negar". (Os depoimentos de Boris Bazilewsky e do Dr. Marko Antonow Markov, durante o processo de Nuremberg, no "affair" Katyn, é um claro exemplo da espécie de "testemunhas" utilizadas pelos "juizes" aliados.)"*

Mas ocorreram gafes, testemunhas "mal preparadas" que acabaram - como Josef Schwaiger, que depôs no Processo Schulze-Streiwieser (Colônia), declarando o que pensavam e não o que os outros achavam que deveriam pensar.

Imaginem o espanto dos presentes, quando o prisioneiro de matrícula n: 641 teve a ousadia de declarar: "Passei cinco anos em Mauthausen; trabalhava na fabricação de calçados... Lembro-me desse tempo com saudades, pois estava bem melhor do que agora..."

Alguém que já esteve no "inferno" gostaria de revê-lo?

Christian BERNADAC, em sua obra "Os 186 Degraus", entrevista uma série de ex-internos do campo de Mauthausen, que não "saíram pela chaminé", mas que foram libertados (alguns pelos próprios alemães, antes da ocupação do campo pelos norte-americanos), e se vê obrigado a relatar que muitos deles, anos depois, levaram suas famílias para visitar o local onde passaram alguns anos de vida.

Pois esses ex-internos não só voltaram ao "inferno", como levaram seus familiares para conhecê-lo!

Esses "fatos isolados" que não passaram pelo crivo da censura, ou que foram relatados por "descuido" dos autores, levaram-nos a pensar, a rever nossa posição diante do episódio conhecido como "extermínio".

S. E. CASTAN lancetou o tumor, abriu a ferida, alertou para o engodo histórico imposto a toda uma geração. Fomos verificar até que ponto ele tinha razão.

Este trabalho é fruto da pesquisa que realizamos.

Max CLOS & Yves CUAU.** ***A Revanche dos Dois Vencidos, **p20.**

"Área da Europa = 10.523.000 km^2; área da Alemanha Ocidental (incluindo parte de Beriim) = 284.4Ó8 km^2. Esta área ê equivalente a do Rio Grande do Sul, que perfaz um total de 282.184 km^2. (N. do A.)

*****Ver "O *Massacre de Katyn*", do mesmo autor e mesma editora.**

1? PARTE

Os Antecedentes

/ - As raízes remotas

Hoje em dia muito se fala em anti-semitismo, em preconceito racial, em nacionalismo exacerbado — enfim, coloca-se a pecha de "nazista" em todo aquele que tenta desmistificar velhas mentiras que têm sido transmitidas de geração em geração.

Uma propaganda maciça inculca nas pessoas a impressão de que os judeus são uma "raça perseguida", incapaz de realizar qualquer maldade. E essa propaganda está entorpecendo a capacidade de raciocínio das pessoas, criando uma opinião pública favorável a escusos desígnios, principalmente porque mascara uma ideologia milenar voltada — esta sim! — para a supremacia racial judaica, para a conquista e escravização de todos os outros povos.

Enquanto os cristãos pautam o seu modus vivendi nas mensagens de amor, harmonia, igualdade e irmandade entre os povos, contidas no Novo Testamento, os judeus seguem o Torah,[1] cujo teor aponta para o ódio a tudo o que não for judeu, para a desarmonia, para a desigualdade e para o desentendimento entre os povos (porque é dividindo que mais facilmente se conquista).

> "Não celebrarás concerto algum com elas, não as tratarás com compaixão, nem contrairás com elas matrimônios; não darás tua filha a seu filho, nem tomaras sua filha para teu filho."
>
> (Deuteronômio, VII, 2-3)

> "O amonita ou a moabita não entrarão jamais na congregação do Senhor, ainda depois da décima geração."
>
> (Deuteronômio, XXIII, 3)

---

[1] O Torah (ou Pentateuco) compreende os cinco primeiros livros da Bfblia — Gênese, Êxodo, Levftico, Números e Deuteronômio. Segundo a tradição, Moisés teria escrito todo o Pentateuco. Atualmente muitos estudiosos, baseados em dados dos textos, acreditam que o Pentateuco na verdade se origina de cinco fontes independentes: 1) Um documento escrito entre 100 e 900 a.C, onde Deus aparece como Jeová ou Javé; 2) um documento de mesma época, onde Deus aparece come Eloim; 3) o Deuteronômio, um pergaminho encontrado em Jerusalém em 621 a.C; 4) o Código Sagrado; 5) o Código Sacerdotal. Outros estudiosos, baseados em informações arqueológicas, não aceitam a teoria da multiplicidade de fontes do Pentateuco (Torah). Acreditam que, mesmo que Moisés não tenha escrito as cinco obras, seu conteúdo ê eminentemente mosaico, porque seus elementos básicos remontam realmente ã sua época e refletem piamente os seus ensinamentos.

"(...) tu as pássaras a cutelo, sem que fique uma só."

(Deuteronômio, VII, 2)

"E os filhos dos estrangeiros edificarão os teus muros, e os seus reis te servirão... E abrir-se-ão de contínuo as tuas portas: elas não se fecharão nem de dia nem de noite, a fim de que te seja trazida a fortaleza das nações, e te sejam conduzidos os seus reis. Porque a gente e o reino que não te servir, perecerá; na verdade, aquelas nações serão totalmente devastadas». E sugarás o leite das gentes, e serás criada ao peito de reis..."

(Isafas, LX, 10-12-16)

"Fez Salomão pois tomar a rol todos os homens prosélitos, que havia na terra de Israel.- e destes escolheu setenta mil, para que levassem as cargas às costas, e oitenta mil para que cortassem pedra dos montes.-"

(Crônicas, II, 17-18)

"E trazendo seus moradores os mandou serrar, e que passassem por cima deles carroças ferradas; e que os fizessem em pedaços com cutelos, e os botassem em fornos de cozer tijolo. E assim fez ele em todas as cidades dos amonitas. E voltou Davi e todo o exército para Jerusalém."

(Samuel, XII, 31)

Na época presente, certamente com os olhos voltados para os ensinamentos contidos no Torah, Theodore Herzl, o fundador do Sionismo, diria:

"Nós somos uma única nação. Nós não somos judeus americanos nem judeus soviéticos, nós somos apenas judeus!"[2]

[2]In: Louis MARSCHALKO. *Os Conquistadores do Mundo,* p.21.

Mas Herzl conhecia, também, outra fonte de ódio e discriminação racial. Como todo o dirigente judeu engajado na causa sionista, obedecia às regras de um Protocolo elaborado a partir de um Congresso que teria sido realizado em Basiléia (Suíça) no ano de 1897.

O referido documento, mundialmente conhecido como "Os Protocolos dos Sábios de Sião", passou a ser conhecido por não-judeus no início do corrente século, mais precisamente em 1902, quando Sérgio Nilus publicou a primeira edição, em russo, do polêmico livro "Velikoye w Malom i Antichrist kak bliskaya politicheskaya vozmojnost" (O Grande no Pequeno ou o Anti-Cristo como posibilidade política imediata).

Tudo indica que uma das cópias dos Protocolos que resumiam as decisões tomadas no Congresso de Basiléia, justamente a pertencente a Theodore Herzl, foi roubada, em Viena, do quarto de hotel em que o líder sionista se hospedara, logo após a realização do evento em território suíço.

O próprio Herzl —conforme diversos historiadores, entre eles o francês Roger Lambelim e o brasileiro Gustavo Barroso —confirmou, através de uma carta endereçada à Comissão Sionista, em 1901, o desaparecimento de sua cópia dos Protocolos.

Outras edições de livros que continham o texto original dos Protocolos dos Sábios de Sião tornaram públicas as terríveis deliberações tomadas no Congresso de Basiléia.

Em pleno arrebol do século XIX que terminava, e do século XX que surgia, os ensinamentos do Torah ganhavam forma num projeto satânico de conquista do mundo.

P. Hochmuth, autor de um famoso livro — "O domínio judaico mundial"—, afirmava que um grupo oculto de treze judeus governava o mundo, sendo doze representantes das doze tribos de Israel e mais um chefe. Segundo este autor, "de certo em certo tempo, esses dirigentes se reuniam, à noite, cabalisticamente, no cemitério judaico da cidade de Praga (capital da Tchecoslováquia), para deliberarem acerca do andamento dos planos estabelecidos nos Protocolos."[3]

O poder exercido pelos "treze judeus" provinha, de acordo com revelações de Brafmann, um judeu lituano convertido, do *Kahal.*

[3]Outro autor, citado por Gustavo Barroso — o inglês John Retcliffe, dizia que a reunião do cemitério de Praga era verdadeira, ocorrendo de século em século, em redor do Túmulo do Grão-Mestre Caleb. (In: Gustavo BARROSO. *Os Protocolos dos Sábios de Sião,* p.33.)

Brafmann publicou um livro extremamente revelador — "O Livro do Kahal"—, em 1876.0 livro desapareceu de circulação, o mesmo acontecendo com seu autor. Em suas revelações sobre essa organização secreta, Brafmann dizia que "o Kahal era o governo administrativo dos judeus e o Beth Dine, o tribunal judiciário introduzido pelo Talmud." A essas duas autoridades (o Kahal e o Beth Dine) estariam subordinados todos os judeus do mundo.

O jornal londrino "The Morning Post", em artigo de 12 de julho de 1919, exclamava: "O poder misterioso e irresistível provém do Kahal. Ele representa o Governo Oculto do Povo Judeu."

Dentre os dispositivos de que trata o Kahal está o "direito de Hazaka", isto é, as condições de arrematação e venda, com o fito de "explorar as propriedades dos cristãos", pois, de acordo com o Hoschen Hamischepot, "tudo o que não pertence aos judeus é propriedade do deserto" (res nullius).

A verdadeira história dos Protocolos dos Sábios de Sião, todavia, remonta a uma época bem anterior àquela em que se realizou o famoso e decisivo Congresso de Basiléia. Ela recua ao ano de 1865, quando na cidade belga de Bruxelas foi lançado o livro de Maurice Joiy— "Diálogos no Inferno entre Maquiavel e Montesquieu". Maurice Joiy era o pseudônimo de um judeu, que ao ser circuncidado recebera o nome de Moses Joel.

O livro de Joiy (ou Moses Joel) passou desapercebido, tendo restrita tiragem. Os poucos exemplares editados se espalharam por diversos países da Europa, tendo um deles ido parar em Constantinopla.

Muitos anos depois, quando os Protocolos vieram à lume, a comunidade judaica internacional tentou por todos os meios negar sua autenticidade. O já esquecido livro de Joiy veio representar o único argumento dos que pretenderam comprovar a falsidade dos Protocolos. Argumento de fraca consistência, diga-se de passagem...

Em 26 de junho de 1933, a Federação das Comunidades Judaicas da Suíça e a Comunidade de Berna, também naquele país, promoveram um julgamento, visando provar que os Protocolos eram uma falsificação e proibir a sua publicação. (As primeiras edições, principalmente as russas, de Sérgio Nilus, haviam sido adquiridas e destruídas pelos judeus, mas um volume permaneceu guardado no British Museum sob o n: 3.296 —D.17. Todavia, como inúmeras edições continuaram a surgir na década de 20 e início da década de 30, já não era possível "suprimir" todos os exemplares.)

A decisão do tribunal bernês foi prolatada em 14 de maio

de 1935: os Protocolos foram julgados falsos sob a alegação única de que copiavam trechos da obra de Maurice Joiy (ou Moses Joel).

Ora, a se dar crédito a tal argumento chega-se à conclusão de que a Bíblia é "falsa", pois inúmeros trechos do Gênesis são reproduzidos ipsis litteris em Crônicas, assim como trechos de Reis aparecem repetidos em Isaías!

No caso dos Protocolos o que ocorreu, sem qualquer sombra de dúvida, é que os congressistas de Basiléia utilizaram o livro de Maurice Joiy como ponto de referência para suas deliberações, como fazem os constituintes da atualidade em relação a Constituições já existentes. Afirmar que os Protocolos dos Sábios de Sião são falsos porque reproduzem trechos do livro de Maurice Joiy é o mesmo que afirmar que a Constituição Brasileira de 1937 era falsa porque calcada na Polonesa de 1935!

Apesar do Tribunal Suíço de Apelação Criminal ter anulado o julgamento de Berna, em 1 de novembro de 1937, os propagandistas judaicos continuam, até hoje, negando a autenticidade dos Protocolos. E não poderia ser de outro modo, porque no momento em que o mundo aceitar a autenticidade desse documento, cujo teor se verá a seguir, os judeus se encontrarão metidos num beco sem saída.

Não cabe aqui transcrevera integrados Protocolos dos Sábios de Sião, basta resumi-los segundo Gustavo BARROSO, emérito historiador brasileiro, membro da Academia Brasileira de Letras, da Academia de Ciências de Lisboa e de várias dezenas de órgãos culturais do país e do exterior. É interessante ressaltar que a obra de BARROSO sobre os Protocolos foi publicada em 1936, época em que a "degradação moral" era ainda uma nuvem que se formava no horizonte longínquo.

Com base no texto integral dos Protocolos, pode-se concluir que os judeus pretendiam "conquistar o mundo" com o emprego de técnicas satânicas. Técnicas baseadas no seguinte programa:

> "1: — Corromper a mocidade pelo ensino subversivo;
>
> 2º. -Destruir a vida de família;
>
> 3º. — Dominar as pessoas pelos seus vícios;
>
> 4: —Envilecer as artes e prostituir a literatura;
>
> 5: — Minar o respeito pela religião; desacreditar tanto quanto possível os padres, reverendos e pastores, espalhando contra eles histórias escandalosas; en-

corajar a alta crítica, a fim de corroer a base das crianças e de provocar cismas e disputas no seio da Igreja;

62 — Propagar o luxo desenfreado, as modas fantásticas e as despesas loucas, eliminando gradualmente a faculdade de gozar de coisas simples e sãs;

72 — Distrair a atenção das massas pelas diversões populares, jogos, competições esportivas, etc; enfim, divertir o povo para impedi-lo de pensar;

82 — Envenenar os espíritos com teorias nefastas, arruinar o sistema nervoso com a barulheira incessante e enfraquecer os corpos pela inoculação do vírus de várias enfermidades;

92 — Criar o descontentamento universal e provocar ódio e desconfiança entre as classes sociais;

102 —Despojar a aristocracia das velhas tradições e de suas terras, gravando-as com impostos formidáveis, de modo a forçá-la a contrair dívidas; substituir as pessoas de sangue nobre pelos homens de negócios e estabelecer por toda parte o culto do Bezerro de Ouro;

112 — Empeçonhar as relações entre patrões e empregados pelas greves e "lockouts", eliminando, assim, qualquer possibilidade de acordo, que daria em resultado uma colaboração frutuosa;

122 — Desmoralizar as classes superiores por todos os meios e provocar o furor das massas pela visão das torpezas estupidamente cometidas pelos ricos;

132 —Permitir à indústriaque esgote aagricultura, transferindo os agricultores para a louca especulação;

142 —Bater palmas a todas as utopias de maneira a meter o povo num labirinto de idéias impraticáveis;

152 —Aumentar os salários sem vantagem alguma para o operário, majorando paralelamente o custo de vida;

162 — Fazer surgir "incidentes" que provoquem suspeitas internacionais; dar forma e vida aos antagonismos entre os povos; despertar ódios e multiplicar os armamentos ruinosos;

172 — Conceder o sufrágio universal, a fim de

que os destinos das nações sejam confiados a gente sem educação;

182 — Derrubar todas as monarquias e por toda parte estabelecer repúblicas; intrigar para que os cargos mais importantes sejam confiados a pessoas que tenham segredos que se não possam revelar, a fim de poder dominá-las pelo pavor do escândalo;

192 — Abolir gradualmente todas as formas de constituição, a fim de implantar o despotismo, absoluto, do bolchevismo;

202—Organizar vastos monopólios, nos quais sossobrem todas as fortunas, quando soar a hora da crise política;

212 — Destruir toda a estabilidade financeira; multiplicar as crises econômicas e preparar a bancarrota universal; parar as engrenagens da indústria; fazer ir por água abaixo todos os valores; concentrar todo o ouro do mundo em certas mãos;deixar capitais enormes em absoluta estagnação; em um momento dado, suspender todos os créditos e provocar o pânico;

222 — Preparar a agonia dos Estados; esgotar a humanidade pelo sofrimento, angústias e privações, porque a fome cria escravos."[4]

Este programa, claramente contido nos Protocolos, está perfeitamente delineado nos dias atuais, levando muitas pessoas a revisar e modificar conceitos.

A tentativa de negação de autenticidade dos Protocolos, baseada unicamente na similaridade de alguns trechos do documento com o livro de Maurice Joly (Moses Joel),[5] caiu por terra num julgamento realizado no Cairo, e apesar de ter sido aceita no julgamento de Berna, acabou também sendo rejeitada em segunda instância, pois o Tribunal de Apelação Criminal da Suíça anulou o resultado do julgamento de Berna, em 1 de novembro de 1937.

Um grande esforço foi feito para anular as provas da autenticidade dos Protocolos dos Sábios de Sião, e hoje em dia, qualquer pessoa que fizer a mínima alusão a estes documentos, é logo rotula-

---

[4]Gustavo BARROSO. *Os Protocolos dos Sábios de Sião,* p.51/52.

[5]O exemplar do livro de Maurice Joly, encontrado em Constanthopla, foi a única prova real apresentada pelos judeus.

da de bárbara e perseguida pelas comunidades judaicas.

Vozes esparsas chegaram a se levantar contra o terrível plano de dominação do mundo através da seara do mal. Estas vozes tiveram de calar-se, todavia, porque forças gigantescas e invencíveis se ergueram contra elas.

II - OI? quartel do século XX

Embora muitos exemplares do livro de Sérgio Nilus tivessem circulado na Rússia, não obstante o esforço no sentido de retirar a obra de circulação, poucos deram crédito ao seu conteúdo. E entre os cépticos situavam-se, com toda a certeza, os membros da nobreza czarista.

Moisés pregara durante sua longa peregrinação pelo deserto: **..não colocarás um estranho acima de ti* **(como rei ou czar)** *que não seja teu irmão".* E **os Protocolos reafirmavam:** *"Devem ser derrubadas todas as monarquias..."*

Apesar disso, nenhuma providência concreta foi tomada contra o bolchevismo que se fortalecia. Quando este movimento eclodiu, o czar e vários membros de sua família foram assassinados em Ekaterinburg. Os assassinos foram Jacob Swerdlow, que mais tarde se tornou Presidente da União Soviética, Jacob Jurovszkij, Chaijim Golocsikin e Peter Jernakow—todos judeus. Mas praticamente todos os que vinham conspirando para provocar a desintegração e a subjugação da Rússia também eram judeus. Trinta anos antes, o grande romancista russo, Fedor Dostoiévsky, escrevera em seu tratado sobre os judeus: *"O* reinado e a tirania deles está chegando. O despotismo sem limites da ideologia deles está agora apenas começando. A bondade humana, a fraternidade e a ânsia de justiça vão desaparecer sob a tirania que se avizinha; todos os ideais cristãos e patrióticos morrerão para sempre!"[5A]

Marx e Lênin traçaram as diretrizes ideológicas do movimento bolchevista, enquanto banqueiros internacionais o custearam. De acordo com o serviço secreto note-americano de contra-espionagem e imprensa, os seguintes importantes banqueiros daquele país contribuíram para a implantação do bolchevismo na Rússia: Jacob Schiff, Felix Warburg, Otto Kahn, Mortimer Schiff e S. H. Hanauer — todos judeus.[6]

[5A] Louis MARSCHALKO. Op. cit. p«40.

[6] O relatório cita artigos pubicados no "Daiy Forward", jornal publicado em Nova York, descrevendo de forma minuciosa como quantias vultosas, em dólares, foram transferidas para os bolchevistas, a partir de contas do Sindicato Westphalian-Rhineland, uma importante firma comercial judaica. De igual modo, o relatório informava que a casa bancária de Lazare Brothers, em Paris, o Banco Gunsbourg, de São Petersburgo, com **filais** em Tóquio e Paris, a casa bancária londrina de Speyer & Co., e o Nya Banken, de Estocolmo, haviam contribuído para a implantação do bolchevismo através do envio de dinheiro.

O sucesso do bolchevismo na Rússia animou os líderes do movimento a tentar exportá-lo para outros países. Até mesmo na América do Sul eles se fizeram presentes. Na Argentina, já no distante ano de 1918, Salomon Haselman e sua esposa, Julia Fitz, ambos judeus, começaram a organizar o comunismo. A revolução argentina estourou em janeiro de 1919, e só em Buenos Aires registraram-se 800 mortos e 4000 feridos. Entre os jornais publicados em ídiche, destacadamente o Roiter Stern, o Roiter Hilfe, o Der Poer e o Chivolt estiveram empenhados em divulgar uma franca propaganda bolchevista. Quando a passageira revolução comunista, intentada no Brasil, foi suprimida, em novembro de 1935, foi possível constatar que, com exceção de Luís Carlos Prestes, todos os demais líderes eram judeus (Harry Berger, Baruch Zell, Zatis Janovisai, Rubens Goldberg, Moysés Kava, Waldemar Roterburg, Abrahão Rosemberg, Nicolau Martinoff, Moisi Lipes, Jayme Gandelsman, Carlos Garfunkel, Waldemar Gutinik, Henrique Jvilaski, José Weiss, Armando Gusiman, Joseph Firedman e muitos outros, como a própria amante de Luís Carlos Prestes).

No México o número de vítimas do bolchevismo subiu a 20.000, quase todos mártires católicos, entre os quais 300 sacerdotes e 200 jovens devotos. Os líderes da revolução bolchevista mexicana foram Plutarco Elias Calles (filho de um judeu sírio e de uma mulher índia) e Aron Saez, também judeu e possuidor de uma vasta fortuna.

O movimento bolchevista nos Estados Unidos teve início no ano de 1919, e foi liderado maciçamente por judeus que tinham emigrado da Rússia, mas também da Polônia e de outros países do leste europeu. A C.I.O. — a maior organização trabalhista dos Estados Unidos—, estava sob a liderança de Sidney Hillman, enquanto que a Federação Americana do Trabalho, era fundada por Samuel Gompers, ambos imigrantes judeus vindos da Inglaterra.

Mas, o que se passou na Europa, do lado de fora das fronteiras da Rússia?

Na Inglaterra, o Partido Comunista surgiu sob a liderança de judeus, tal como ocorreu em relação as organizações chamadas Ligas Antifascistas ou Movimentos Contra a Guerra. Os nomes de maior proeminência foram: Lord Marley, Ivor Montagu, Hannen Swaffer, Gerald Barry, Bernhard Baron, Nathan Birch, Morris Isaacs e Harold Laski.

Na França, o controle do marxismo esteve e ainda está quase totalmente nas mãos de judeus. Entre os fundadores do movimento,

naquele país, estavam Zay, Leon Blum, Denains, Mandel-Bloch e Zyrowsky, dentre outros.

Na Bélgica, um judeu chamado Charles Balthasar foi o organizador do Partido Bolchevista, cujo principal suporte, durante longo tempo, foi uma associação judaica denominada Gezerd.

Em 1932, os bolchevistas que viviam na Suíça intitulavam-se Socialistas Esquerdistas. Leon Nicole era o chefe deles, e o seu assistente, um judeu russo chamado Dicker, que instigou a revolução de 9 de novembro de 1932, da qual resultou um total de treze mortos e cem feridos.

Em 1914, a Europa contava com dezessete monarquias e apenas três repúblicas; quatro anos depois contavam-se tantos Estados republicanos quanto monarquias.-

Ernst NIEKISCH em "Widerstand", III, de 11 de novembro de 1928 e, mais tarde, Adolf HITLER no número especial do Volk. Beobachter, de 3 de janeiro de 1931, alertavam que "somente a Alemanha parecia resistir a essa corrente ideológica da época— cuja fonte de irradiação estava centrada numa instituição a serviço das tentativas de pilhagem organizadas por uma central internacional, cujo fim último era a conquista do poder."

Na época, vários órgãos da imprensa escrita e falada, mantidos ou mesmo dirigidos pelos judeus, levaram os antigos adversários da Alemanha a pressentir nas numerosas manifestações de protesto nacionalista a reação característica de um povo "impenitente, sempre enamorado da autoridade, hostil à democracia e ao direito de autodeterminação dos povos."[7]

A Alemanha reagia francamente contra o plano de dominação contido nos Protocolos, mas ao seu redor muitos cediam à trama maquiavélica. Diz Joachim FEST:

> "Esses movimentos alcançavam êxito mais durável nos países em que a guerra fora acompanhada de *insurreições revolucionárias de esquerda,* OU naqueles onde o conflito mundial suscitara ou revelara *ondas complexas de descontentamento."*[6]

Mais adiante, esclarece esse biógrafo de Hitler:

> "E qualquer que fosse a maneira particular como

[7]Joachim FEST. *Hitler,* p.99/100.

[8]Idem, p.100.

> misturavam as classes, os interesses e os sintomas, pareciam todos despender energias atuando nas camadas profundas da sociedade, camadas que eram a uma só vez as mais limitadas e as mais fundamentais. O nacional-socialismo não era senão um moviimento de *protesto e de resistência às forças que procuravam minar a estrutura social."^*

Nos primeiros anos, ninguém poderia imaginar que "pudessem se defrontar com o sucesso ou mesmo fazer concorrência de igual para igual aos grupos maciços e poderosamente organizados dos partidos de filiação marxista, uns poucos "bebedores de cerveja" com idéias nacionalistas, aos quais se juntaram grupos de ex-combatentes desiludidos e burgueses ameaçados pela proletarização".[10]

Em realidade, o povo alemão que optou pelo nacional-socialismo temia a revolução. A consciência pública dos alemães alimentava a impressão inextirpável de que, como as forças da natureza, as revoluções, indiferentes ao arbítrio de seus promotores e participantes, perseguiam seus objetivos segundo um mecanismo elementar e terminavam de modo inexorável num regime de terror, na destruição, no crime e no caos.

A manutenção da ordem e da paz pública sempre estiveram inscritas entre as aspirações maiores do povo alemão. Um temor legítimo, uma angústia crescente tomava corpo em toda a sociedade alemã, à medida em que as manifestações revolucionárias chegavam às ruas, à imprensa e aos demais órgãos de divulgação.

Mas o temor crescia, sobretudo em conseqüência da Revolução Russa de outubro de 1917, descrita, sem exagero, sob uma **luz** demoníaca de assassínios em massa, perseguições e arresto de bens. As narrativas dos refugiados e emigrantes chegados em massa à Alemanha confirmavam as orgias cometidas por bárbaros sedentos de sangue. Um dos jornais de Munique publicou importante artigo, em outubro de 1919, característico do delírio de angústia manifestado naquela época, e sintomaticamente revelador da origem de todos os males que afligiam a Europa:

> "Um tempo lamentável este onde asiáticos circuncisados, inimigos do Cristianismo, erguem em toda parte suas mãos asquerosas e sangrentas para nos estrangular em massa! Os massacres de cristãos cometidos pelo judeu Issaschar Zederblum, aliás Lênin, surpreenderiam até a um Gêngis Cã. Na Hungria, seu discípulo Cohn, aliás, Bela Khun, tem percorrido o infortunado país à frente de um bando de terroristas, dispostos a matar e a roubar, aptos a enforcar burgueses e camponeses em sinistros patíbulos transportados em caminhões. Um faustoso harém conduzido em carros principescos lhe permitiu violentar inúmeras donzelas cristãs. Só seu lugar-tenente, Samuely, fez degolar sessenta padres num abrigo subterrâneo». Oito padres foram crucificados à porta de suas igrejas antes de serem assassinados! E agora se diz que essas cenas de horror vão se reproduzir da mesma forma na Alemanha."[11]

Joachim FEST afirma que "o horror que se apoderou de todos em face as notícias das atrocidades cometidas no Leste não era injustificado, pos se baseava em testemunhos dignos de crédito."[12]

Segundo ele, um dos chefes da *Cheka,* o letoniano M. Latsis, declarara no fim de 1918, "que era a condição social, e não a culpabilidade ou inocência, que devia impor a pena de prisão ou mesmo a execução do acusado."[13] M. Latsis ordenara peremptoriamente: "Nós estamos a ponto de eliminar a burguesia em sua qualidade de classe determinada. Vocês, companheiros e companheiras, não têm nenhuma necessidade de provar que esse ou aquele tem agido contra os interesses do poder soviético. A primeira pergunta a ser feita em relação a um detido é sobre a classe a que pertence, de onde vem, qual o seu grau de instrução e sua profissão. As respostas fornecidas deverão selar a sorte do acusado."[14]

Essa era a quintessência do terror vermelho™

A agitação que o novo regime promovia, com a certeza de vencer e a todos dominar, fazia parte de uma síndrome que o italiano Felippo Turati definiu como uma "intoxicação bolchevista". Com essa agitação se propunha demonstrar que a conquista da Alemanha pelas forças conjugadas do proletariado internacional

[9]Ibidem, p.100.
[10]Joachim FEST. Op. **cit.** p.100/101.
[11]Münchener Beobachter. de 04/Out/1919. In: Joachim FEST. Op. cit. p.101/102.
[12]Joachim FEST. Op. cit. p.102.
[13]Idem, p.102.
[14]Ibiem, p.102.

não só constituía uma etapa decisiva da revolução mundial—deflagrada pelos judeus, de conformidade com o que fora estabelecido pelos Protocolos —, mas que era iminente. As atividades ultra-secretas dos emissários soviéticos, as perturbações organizadas em caráter permanente, a república dos conselhos operários da Baviera, o movimento subversivo de 1920 no vale do Ruhr, as rebeliões do ano seguinte no centro da Alemanha, os levantes em Hamburgo e, em seguida, no Saxe e na Turíngia, tinham oferecido argumentos sólidos aos que, nos bastidores, temiam a ameaça de uma revolução extensiva do regime soviético e desejavam defender-se dela.

Ninguém ignorava que a *intelligentsia* da União Soviética vinha sendo eliminada por meio de um assassinato em massa, a economia destruída de alto a baixo e a agricultura reorganizada em meio à deportações forçadas e fuzilamentos.

A atitude de defesa em relação à ameaça revolucionária marxista forneceu ao nacional-socialismo os argumentos de que necessitava para impor-se como partido, pois Hitler repetia, invariavelmente, que o NSDAP tinha por objetivo maior o repúdio e a eliminação da concepção marxista.

Os alemães conservadores viam, em 1918, o fim de uma época e o surgimento de outra. Com o desaparecimento das antigas formas de governo, também um certo modo de vida se extinguia. A inquietude, o extremismo das massas, a agitação revolucionária não eram encarados, em geral, como simples conseqüências da guerra, mas sim como sinais indicadores de um tempo novo e caótico do qual seriam banidos todos os valores que tinham promovido a grandeza da Europa e tornado familiar a sua imagem.

Muitos alemães se ressentiam, em especial, da brusca e provocante ruptura com as normas em vigor no domínio da moral.[15] O casamento, enunciava uma "ética social do comunismo", não era outra coisa senão um nefasto produto do capitalismo; a revolução o eliminaria, exatamente como as penas previstas para o aborto, o homossexualismo, a bigamia ou o incesto.

Da União Soviética eram exportadas idéias e teorias como a do "codo d'água", segundo a qual o desejo sexual não era diferente da sede, isto é, uma necessidade elementar que precisava ser satisfeita sem mais rodeios.

Joachim FEST traça um quadro que bem retrata a década de 20, em que vários itens dos Protocolos foram retirados do papel e ganharam vida no cotidiano das sociedades:

> "O foxtrote e os vestidos curtos, a corrida em busca do prazer, as imagens porcinas do patologista sexual Magnus Hirschfeld ou o tipo do homem da época ("o dançarino de capote impermeável, calçando sapatos de sola de borracha laminada e vestindo calças Charleston, os cabelos alisados com gomalina e bem esticados para trás") chocavam a maior parte da opinião pública alemã, com uma intensidade que se um cronista contemporâneo se desse ao trabalho de analisar retrospectivamente, custaria muito a entender hoje em dia."[16]

Em outras palavras, as táticas prescritas nos Protocolos, que tinham em mira solapar os costumes e as instituições, não encontravam solo fértil na Alemanha. Pelo contrário, despertavam repulsa e indignação. Mas se estas táticas se mostravam inúteis, outras havia que poderiam resultar proveitosas. O documento de Basiléia ensinava a *"fazer surgir incidentes que provoquem suspeitas internacionais; envenenar os antagonismos entre os povos; despertar ódios..."*

Berthold BRECHT em sua ópera "Mahagonny", escrita em parceria com Weill (ambos judeus), preparou uma cena final em que os atores desfilavam no palco portando flâmulas nas quais se lia: "Pelo caos nas cidades!" — "Para a imortalidade da canalhice!"[17]

Será que alguém poderia duvidar que um dia todas essas provocações não iriam servir de ponto de partida para um ato desesperado de defesa coletiva?

Numerosos jornais e panfletos da época— conforme Joachim FEST —afirmavam que "os ideais alemães de fidelidade, de graça divina, de amor à Pátria, estavam sendo sufocados sem piedade durante as tempestades da revolução e do período consecutivo. Tinham sido substituídos pelo desgoverno, pelo nudismo, pelo naturalismo descontrolado, pela concubinagem.»"[18]

Hitler foi, sem dúvida, o primeiro político a criar um denominador comum a todos os sentimentos de descontentamento que

---

[15]Esta "revolução de costumes", tendendo para a quebra de valores até então fundamentais, como a família, está perfeitamente delineada nos Protocolos.

[16]Joachim FEST. Op. cit. p.105.

[17]Berthold BRECHT. *Gesamelte Werke.* Vol. 2, p.561/562.

[18]Joachim FEST. Op. cit. p.111.

se manifestavam tanto entre os civis como no meio militar. Deu-lhes uma orientação e uma força combatente. De fato, sua personalidade surgia como a síntese de todas as angústias, pessimismos, queixas e temores que fermentavam a época.

Joachim FEST diz que a Alemanha era para Hitler, "o objeto de uma conspiração mundial; era assediada de todos os lados pelos bolchevistas, maçons, capitalistas — todos súditos do "tirano dos povos", o judeu ávido de sangue e de ouro, que assumira, desde o início do século, o comando estratégico daquela obra destrutiva."[19]

Ele consultava a cada dia o texto dos Protocolos, e constatava, perplexo, que o mundo em torno de si estava mergulhando, inexoravelmente, na cova sem fundo do plano de dominação estabelecido em Basiléia.

Os Protocolos orientavam para *"a multiplicação dos armamentos ruinosos",* onde os artefatos nucleares certamente estavam incluídos, e Hitler, vislumbrando a possibilidade de sucesso do plano judaico, escrevia em *Mein Kampf:*

> "Se com a ajuda de sua profissão de fé marxista o judeu alcançar a vitória sobre os povos deste mundo, seus lauréis serão a coroa fúnebre da humanidade, e, assim consumadas as coisas, por milhões de anos nosso planeta girará, despovoado, através dos espaços siderais."[20]

Analisando a personalidade de seu biografado, seus anseios e ideais, Joachim FEST chegou a conclusão de que "o objetivo a que Hitler se propunha era, nada mais nada menos, do que curar o mundo."[21]

Diz ele:

> "Hitler não pensava de nenhum modo em ressuscitar os bons e velhos tempos, muito menos em restaurar suas estruturas feudais, como acreditavam reacionários sentimentais, que o tinham seguido e encorajado com uma convicção cega, inabalável e ininterrupta.

[19]Idem, p.114.

[20]Adolf HITLER. *Mein Kampf,* p.70.

[21]Joachim FEST. op. cit. p.114.

> O que ele pretendia eliminar era a auto-alienação do homem alemão, que vinha sendo paulatinamente motivada pelo processo em andamento."[22]

Em uma carta escrita em 16 de setembro de 1919, Hitler desabafava—conforme Ernst DEUERLEIM:

> "Ora, os fatos são os seguintes: antes de mais nada o judaísmo constitui incontestavelmente uma raça e não uma simples comunidade religiosa. Por conseqüência de uniões consangüíneas milenares, freqüentemente concluídas no mais estrito círculo, o judeu conservou em geral sua raça e seu caráter próprios com mais força do que os numerosos povos entre os quais viveu. Resulta daí que uma raça estrangeira, não-alemã, vive entre nós, não tem o desejo e não tem a condição de renunciar a suas caraterísticas étnicas, à sua maneira própria de sentir, de pensar e de agir, e tem, entretanto, os mesmos direitos políticos que nós alemães. Se o instinto dos judeus os leva fundamentalmente ao materialismo, seus pensamentos e seus esforços tendem ainda mais para essa filosofia de vida. Tudo o que leva o homem em direção a esferas mais elevadas, quer se trate de religião, quer de socialismo, quer de democracia, não significa para eles senão outros tantos meios de chegar a seus fins, de satisfazer o apetite de dinheiro e de dominação."[23]

As meditações que assinalaram o período em que Hitler, desmobilizado da Wehrmacht e desempregado, perambulava pelas ruas de Munich, levaram-no a concluir que o tipo do partido burguês tradicional não era mais capaz de enfrentar o peso e o dinamismo combativo das organizações de massa da esquerda. Só um partido constituído sobre as mesmas bases, mas com uma filosofia mais resoluta ainda, seria capaz de deter a avalanche marxista, ponta-delança do plano judeu de conquista da Alemanha.

O NSDAP se apresentou como um partido nacional que não

[22]Idem, p.116.

[23]Ernst DEUERLEIM. *Hitlers Einlrüt in die Politik und die Reichwehr,* p.201 (In: Joachim FEST. Op. cit. p.134/135.)

reivindicava a exclusividade outrora pretendida por outros partidos nacionais. Livre de qualquer idéia de classe, quebrava a tradição segundo a qual o patriotismo era privilégio dos importantes, das pessoas cultas e dos ricos. Ao mesmo tempo nacional e plebeu, viril e pronto para agir, tinha criado um traço de união entre a idéia nacionalista e o grande público. A burguesia, que até então considerava as massas um elemento de ameaça social, à qual opunha um reflexo de defesa, acreditou poder aceitar, pela primeira vez, o oferecimento de uma vanguarda agressiva.

O NSDAP aos poucos começou a congregar pessoas das mais diversas origens, de todas as condições sociais, e seu dinamismo tendia a unir grupos, interesses e sentimentos antagônicos. O que atribuía um denominador comum às numerosas contradições e aos antagonismos que nele se misturavam era precisamente uma constante atitude de defesa contra o proletariado, contra a burguesia, contra o capitalismo e, fundamentalmente, contra o marxismo.

Ao tempo em que a figura de Hitler começava a tomar vulto no cenário político da Alemanha, e o NSDAP congregava um número cada vez maior de adeptos, a propaganda judaica começava a mover-se na tentativa de negar a autenticidade dos Protocolos, desviando a atenção do mundo. Mesmo assim, não apenas Hitler, mas inúmeras personalidades de outros países continuavam percebendo o desenrolar da trama sinistra.

Eis algumas manifestações emitidas na época:

"Uma política judaica significa que o povo judeu faz uma política de coletividade nacional, isto é, política duma entidade nacional, a despeito de sua divisão a política duma frente única nacional que rompe e atravessa as fronteiras das políticas regionais."

(M. Jacob — Publicista judeu,
em janeiro de 1921)[24]

"Eis que amadurece a idéia a que todos os piores fautores de desordem ardentemente se devotam e da qual esperam a realização, o advento de uma República Universal, baseada nos princípios da igualdade absoluta dos homens e na comunhão dos bens, da qual seja banida qualquer distinção de nacionalidades e que não reconheça nem a autoridade dos pais sobre os filhos, nem a do poder público sobre os cidadãos, nem a de Deus sobre a sociedade humana. Postas em prática, tais teorias devem desencadear um regime de inaudito terror."

(Papa Bento XV — Epístola "Moto próprio")

"A história da civilização há dois mil anos é dominada por uma luta sem tréguas, com diversas alternativas e revezes entre o espírito judaico e o espírito greco-romano."

(G. BATAULT - "Le Problème Juif")

"Tomai as três principais revoluções dos tempos modernos: a revolução francesa, a norte-americana e a russa. Serão outra coisa senão o triunfo da idéia judaica de justiça social, política e econômica?"

(Marcus Elia RAVAGE — "Century Magazine"
janeiro de 1928)*

"Antes de tudo, a Revolução Francesa foi uma revolução econômica. Se pode ser considerada o termo duma luta de classes, deve-se também ver nela o resultado duma luta entre duas formas de capital: o capital imobiliário e o capital móvel, o capital real e o capital industrial e agiota. Com a supremacia da nobreza desapareceu a supremacia do capital rural, e a supremacia da burguesia permitiu a supremacia do capital industrial e agiota. A emancipação do judeu está ligada à história de preponderância desse capital industrial e agiota."

(Bernard LAZARE - "UAntisémitisme", Vol. I)*

"Existe uma nação especial que nasceu e cresceu nas trevas, no meio de todas as nações civilizadas, com o fim de submetê-las. Há cento e cinqüenta anos que se desvendam suas tramas e os cristãos não que-

[24]Esta citação, como todas as seguintes que compõem o presente capítulo, foram coletadas da obra de Gustavo BARROSO — *"Os Protocolos dos Sábios de Sião"*, p.75 e seg.

•Autores judeus.

rem ver o perigo."

(MALLET — "Recherches historiques
et politiques...", Paris, 1817)

"Nós amamos o ódio! Devemos pregar o ódio. Só por ele poderemos conquistar o mundo."

(LUNATCHARSKI)*

"Somos os corruptores do mundo, seus destruidores, seus incendiários, seus carrascos. Não há progresso, porque, justamente, nossa moral impdiu todo progresso real e criou obstáculos a toda reconstrução do mundo em ruínas."

(Oscar LEVY)*

"Que nos odeiem, nos expulsem, que nossos inimigos triunfem sobre nossa debilidade corporal, será impossível se livrarem de nós! Nós corroemos os corpos dos povos e infeccionamos e desonramos as raças, quebrando-lhes o vigor, apodrecendo tudo, decompondo tudo com nossa civilização mofenta."

(Kurt MUENGER - "O Caminho do Sião"
— Der Weg nach Sion)*

"O cosmopolitismo do agiota torna-se o internacionalismo proletário e revolucionário."

(EBERLIN)*

"A alma do judeu é dupla: dum lado é o fundador do capitalismo industrial, financeiro, agiota e especulador, colaborando para a centralização dos capitais, destinada a destruir a propriedade, a proletarizar os povos e a criar a socialização; do outro, combate o capitalismo em nome do socialismo, isto é, da socialização total."

(Bernard LAZARE)*

"O sonho internacionalista do judeu é a unificação do mundo pela lei judaica, sob a direção e domínio

"Autores judeus.

do povo sacerdotal."

(G. BATAULT - "Le Problème Juif")

"Nos países de grandes massas camponesas, sobretudo, os judeus se entregam ao comércio das bebidas alcoólicas, propagando com rara habilidade o vício da embriagues. Segundo o judeu Bernard LAZARE, autor de "L'Antisémitisme" (Vol. II, p.23) na Romênia, como, aliás, na Rússia, "os judeus arrematavam o monopólio da venda das bebidas alcoólicas-." (...) Na Europa havia mesmo uma designação própria para os judeus que se ocupavam da venda de bebidas alcoólicas: eram os *felatakim."*

(Gustavo BARROSO — *"Os Protocolos
dos Sábios de Sião")*

"O plano judeu (dizia o autor abaixo citado no início da década de 30) é, depois de armar os não-europeus, insuflar-lhes idéias socialistas ou imperialistas, e lançá-los contra a Europa."

(Gustavo BARROSO - Op. cit.)

"Quanto mais uma revolução é radical, mais liberdade e igualdade resultam para os judeus. Toda nova liberdade corrente de progresso, consolida a posição dos judeus."

(EBERLIN-Op. cit.)*

"O socialismo e o comunismo são criações judaicas e nada mais. (...) as tendências comunistas, inegáveis dos semitas, podem ser identificadas desde a mais remota antigüidade."

(KADMI-COHEN)*

"O ideal bolchevista está em harmonia com as mais belas concepções do judaísmo."

("A Crônica Judaica"—Jewish Chronicle
-4 de abril de 1919)*

"Autores judeus.

"A Rússia agoniza presentemente sob o reinado da ditadura e do terror judaicos."

(G. BATAULT-Op. cit.)

"Nessa dispersão, o judeu para se conservar puro e unido, criou o 'ghetto', que alguns atribuem às perseguições dos cristãos. (...) Se os judeus foram encerrados em *bairros especiais,* é porque foram os primeiros a desejar isso, o que seus costumes e convicções exigiam."

(G. BATAULT-Op. cit.)

"O judeu é o preparador, o maquinador, o engenheiro-chefe das revoluções^. A acusação dos anti-semitas parece fundada: o judeu tem o espírito revolucionário e, conscientemente ou não, é um agente de revolução... Foi da Judéia que saiu o fermento de revolução que agita o mundo... O entusiasmo passional negativo dos judeus os mantêm durante dois mil anos em estado de franca rebelião contra o mundo inteiro."

(Gustavo BARROSO, citando B. LAZARE, KADMI-COHEN e EBERLIN, todos judeus)

"Dum ponto de vista elevado, pode-se, com justiça, falar da judaização das sociedades contemporâneas e da cultura moderna. Estamos dominados por princípios ético-econômicos saídos do judaísmo e o espírito de revolta que agita o mundo o inclinará ainda a se enterrar mais nesse sentido."

(G. BATAULT-Op. cit.)

"Tudo isso e o que segue sobre a imprensa merece ser meditado e comparado com a realidade. Então se verificarão coincidências e fatos que se não tinham percebido. Continuando a observar, verifica-se que *tudo obedece a um sistema de articulação secreto..."*

(Henry FORD — *"O Judeu Internacional")*

III - A Ascensão de Hitler e do Nacional - Socialismo

Em 5 de novembro de 1918, o Presidente Wilson transmitiu à Alemanha os termos de um armistício, termos estes que haviam sido *aceitos* pelos Governos Aliados, e declarava a sua disposição de *fazer a paz com o Governo da Alemanha segundo as condições formuladas no discurso do Presidente ao Congresso, em 8 de janeiro de 1918, e nos princípios de ajuste enunciados em seus discursos subseqüentes.*[25]

O acordo foi aceito pela Alemanha, basicamente, porque o Governo germânico acreditou nas palavras de Woodrow Wilson; no entanto, em 28 de junho de 1919, quando o Tratado de Versalhes lhe foi *imposto,* verificou-se que *dezenove* das *vinte e três* condições de paz sugeridas pelo Presidente norte-americano haviam sido *flagrantemente violadas.*

Quem foi responsável por esta traição à Alemanha e à paz mundial?

J.F.C. FULLER, considerado um dos maiores filósofos e especialista em assuntos militares do presente século, de nacionalidade inglesa, afirma que o Tratado de Versalhes resultou "dos temperamentos diversos de seus três principais artífices: o Presidente norte-americano Woodrow Wilson, Georges Clemenceau e David Lloyd George — podados ou ampliados para se adaptarem ao leito procustiano da massa democrática sentimental."[26]

G. BATAULT, em sua obra "Le Problème Juif", conforme citação de Gustavo BARROSO, afirma que "vozes isoladas e, depois, a opinião pública, denunciaram reiteradamente o eminente papel que teriam desempenhado na elaboração desse péssimo tratado os *judeus* que *cercavam* em grande número os Srs. W. Wilson, Lloyd George e Clemenceau."[27] E acrescenta: "Judeus da Finança e judeus revolucionários são acusados de haver ditado de conivência uma paz judaica."[28]

Arthur BRYANT, citado por J.F.C. FULLER, é de opinião que o velho e desiludido Clemenceau foi quem realmente dominou a

[25]Cf. John Maynard KEYNES. In: J.FjC. FULLER. *A Conduta da Guerra,* p.210.

[26]J.F.C. FULLER. Op. cit. p.210.

[27]Gustavo BARROSO. Op. cit. p.106.

[28]Idem, p.106.

Conferência. Ele considerava a Carta de Wilson um embuste sentimental. Dizia: "Quatorze commandements! Cest un peu raide! Le bon Dieu n'en avait que dix! (..) La guerre n'est finie, la guerre continue!"[29]

A paz imposta aos alemães nascia condenada. Era, sem dúvida, uma "Paz Cartaginesa", destinada a transformar-se numa catástrofe.

Era voz comum durante a guerra (1914-1918), que as nações aliadas combatiam para salvar a democracia. Depois da vitória, porém, verificou-se que acontecera justamente o contrário. Em lugar de ser salva, a democracia ficou tão enfraquecida que, um após outro, ditadores emergiram do caos, para estabelecer autocracias na Polônia, Turquia, Itália, Espanha, Portugal, Áustria e Alemanha. Os líderes que tomaram as rédeas do poder em cada um desses países tinham uma coisa em comum: clara aversão ao bolchevismo. Opunham-se, portanto, não somente à velha ordem que decretara a situação calamitosa em que se encontravam seus países, mas também à nova ordem marxista, a qual havia tomado pé na Rússia e que, durante a fase final da guerra e de todo o após-guerra, ameaçava todos os países não-comunistas europeus.

Desde 1923, quando os franceses ocupavam o Ruhr.e encorajavam um movimento separatista na Renânia, sob a liderança comunista, Adolf Hitler passou a ganhar notoriedade. Em 9 de novembro daquele ano, ele e Ludendorff tentaram um golpe-de-Estado, em Munich, e, embora falhasse, sua tentativa foi um triunfo político inquestionável, porque passou a ser um dos homens mais discutidos da Alemanha. Durante seu encarceramento na fortaleza de Landsberg-am-Lech, Hitler escreveria o primeiro volume de sua obra *Mein Kampf* ("Minha Luta"), livro que tendia visivelmente ase transformar numa mistura de biografia, tratado ideológico e manual tático de ação.

Hitler jamais perdeu de vista o aspecto técnico da propaganda anti-semita, que fazia do judeu o inimigo universal, único responsável por todos os males. A despeito de todos os aspectos de sua argumentação, não viu, na tese relativa às tentativas de hegemonia mundial dos judeus, apenas uma frase psicologicamente eficaz, mas, evidentemente, a chave que lhe permitiu apreender todas as manifestações da História. Foi — segundo Joachim FEST — sobre esta "fórmula redentora" que baseou sua convicção cada vez mais sólida de que era um dos poucos a compreender a essência da

29 Cf. J.F.C. FULLER. Op. cit. p.211.

grande crise da época e talvez o único com real disposição de resolvê-la.

Referindo-e ao judaísmo, dizia:

> "Sim, é absolutamente verdade que mudei de opinião quanto à maneira de combatê-lo. Cheguei à conclusão de que, até agora, vinha sendo moderado demais! Durante a redação do meu livro, cheguei à convicção de que, de agora em diante, será necessário empregar os mais enérgicos meios de combate para vencer. Estou persuadido de que esta é uma questão vital, não apenas para a Alemanha, mas para todos os povos, pois o plano de dominação de Judá não visa tão-somente a conquista da Alemanha, nem mesmo da Europa, mas de todos os países do mundo."[30]

Joachim FEST reconhece que "a estratégia da conspiração mundial dos judeus via na Alemanha o adversário essencial e que se encontrava na vanguarda de todas as forças que lhe opunham reação."[31] E acrescenta: "Em nenhuma parte, aliás, a contaminação biológica e a coalizão das intrigas capitalistas e bolchevistas agiam de maneira tão sistemática e tão destruidora.» E era precisamente desta constatação que Hitler tirava a energia animadora de seus apelos à vontade de todos: a Alemanha era o campo de batalha do mundo onde se decidia a sorte do patrimônio terrestre."[32]

Hitler prevenia, conforme FEST:

> "Se nosso povo e nosso Estado fossem vítimas desse tirano sedento de sangue e de dinheiro, a Terra inteira subumbiria sufocada por esse monstro. Se, ao contrário, a Alemanha dele se livrar, o grande perigo que ameaça os povos estará eliminado."[33]

Perdendo a Alemanha, o mundo judaico deixaria escapar uma região da qual ele vinha emitindo poder. Por isso, a cúpula diretiva

30 E. JACQUEL. In: Joachim FEST. Op. cit. p.259.
31 Joachim FEST. Op. cit. p.260.
32 Idem, p.260.
^Ibidem, p.260.

do movimento não haveria de ceder facilmente. Entre o nacional-socialismo— e, fundamentalmente, Hitler, que liderava de forma inconteste o partido —e o judaísmo internacional esboçava-se uma luta sem tréguas e sem fronteiras.

Uma análise fria e isenta de tendências e predisposições leva ao reconhecimento de que a guerra, que só viria, de fato, em 1939, já fora declarada ao nacional-socialismo alemão no próprio momento do seu nascimento. O partido de Hitler nascera condenado à guerra, por ser fundado num movimento que inevitavelmente faria inimigos no seio do bolchevismo e ao capitalismo, isto é, as duas forças que atuavam no plano de fundo, sob o férreo controle judaico.

No momento em que Hitler assumiu o poder, com a tenaz disposição de abolir o sistema imposto por Versalhes e de erguer o seu próprio povo, em alguma parte, foi imediatamente decidida uma declaração de guerra.

Mas quem arcaria com o ônus da guerra? Quem derramaria sem sangue pela causa judaica?

O Protocolo VII fornecia a resposta: os *canhões norte-americanos!*

Franklin Delano Roosevelt seria a solução de todos os problemas: primeiro, fornecendo armamentos e recursos bélicos à Inglaterra e à União Soviética; depois, atirando o próprio povo norte-americano à guerra.[34]

O mundo judaico declarou guerra à Alemanha no momento exato em que Hitler subiu ao poder, ou talvez mesmo antes disso, quando compreendeu que os alemães não se submeteriam aos ditames de Versalhes. O movimento de boicote contra a Alemanha irrompeu nos Estados Unidos já em 1932. Naquela época, organizações judaicas publicaram anúncios de páginas inteiras no *New York Times,* afirmando: "Vamos boicotar a Alemanha Anti-Semítica!" No ano seguinte, certamente preparando-se para ações futuras contra a Alemanha, Henry Morgenthau estava gestionando para o reatamento de relações diplomáticas com o Kremlin. E o primeiro embaixador soviético em Washington foi nada mais nada menos do que o sanguinário comissário Litvinov (nascido Finkelstein).

Apesar das pressões internas e externas, o nacional-socialismo crescia e se transformava num movimento amplo e popular. Nada seria capaz de impedir a subida de Hitler ao poder.

O dia 30 de janeiro de 1933 estava chegando ao fim».

Pela Unter den Linden e pela Wilhelmstrasse desfilavam longas colunas. As tochas que os desfilantes carregavam difundiam clarões no crepúsculo. Numa das janelas da Chancelaria era possível divisar a silhueta de Hitler, imóvel, recebendo o aplauso da multidão.

Ao contrário do punho fechado, cheio de ódio, as cerradas fileiras saudavam com a mão aberta, espalmada, num gesto de amizade, de fraternidade e de paz!

As cartas estavam dispostas sobre a mesa, porque Afold Hitler, na tarde daquele dia, fora nomeado Chanceler do Reich.

---

^Segundo o Instituto Carnegie, o Presidente Roosevelt descendia de judeus vindos da Holanda (Claes Martenszen van Rosenvelt). Além disso, inúmeros judeus compunham o primeiro escalão do Governo note-americano: Felix Frankfurter, Henry Morgenthau, Bernard Baruch, Samuel Roseman, Sidney Hillman, La Guardiã, David Dubinsky, Alger Hiss, Herbert H. Lehman, Moritz Gomberg e outros.

IV - A guerra e seus antecedentes

"Eu não me tornei Chanceler do Reich para agir de modo diferente do que proclamei durante catorze anos. Somos desses que só têm uma palavra."
(Adolf HITLER - 1! de novembro de 1933)

A ascensão de Hitler ao poder fez com que cerca de 60 mil judeus deixassem a Alemanha. Eles buscaram refúgio na América e em diversos países da Europa, "relativamente pouco dispostos a acolhê-los".[36]

Entre os trânsfugas encontrava-se, certamente, a elite judaica, pois ninguém mais do que ela sabia que chegara a hora do acerto de contas. Seu plano de conquista do mundo fora desmascarado pelo nacional-socialismo. E contra a *violência* pregada nos Protocolos, com toda a certeza, seria interposta a *violência.* Aqueles que deixavam a Alemanha não se importavam com a sorte dos que ali ficaram, pois os possíveis *mártires* serviriam, afinal de contas, de bandeira para a causa sionista, como se verá adiante.

Fiel à sua teoria segundo a qual "antes de vencer os inimigos externos era preciso, primeiro, aniquilar os inimigos internos", Hitler havia conservado, nos meses que sucederam sua ascensão ao poder, uma atitude relativamente passiva e só se tinha manifestado no cenário internacional através de atos como o desligamento da Liga das Nações.

A certeza de que Hitler era de cumprir sua palavra, levou a liderança internacional judaica (Kahal) a tomar providências no sentido de evacuar do território alemão a elite daquela nacionalidade. Os detentores de fortuna, em primeiro lugar, e, em seguida, os principais valores de sua intelligentsia deixaram apressadamente a Alemanha.

De certo modo, Hitler também se encarregara disso tomando providências como a expulsão, em 28 de outubro de 1938, de 17.000 judeus poloneses que se encontravam *irregularmente* no território do Reich.[36]

[35]Joachim FEST. Op. cit. p.497.

[36]No dia anterior o Governo polonês linha declarado invalidados os passaportes de todos os judeus que residiam em território estrangeiro, o que significava que os 17X100 membros daquela nacionalidade, que residiam em território alemão, haviam-se tornado apátridas.

Essa medida absolutamente legal, sob à luz do direito, ocasionou um ato terrorista de graves conseqüências. O judeu Herschel Grynszpan, residente em Paris, invadiu a embaixada alemã naquela cidade, com o intuito de *vingar* a expulsão dos judeus poloneses que residiam na Alemanha, entre os quais se encontravam seus pais. Grynszpan pretendia assassinar o embaixador alemão, Johannes von Welczek, mas, por equívoco, acabou matando o conselheiro da embaixada, Ernst von Rath.

O ato terrorista, perpetrado em 7 de novembro de 1938, gerou uma grande onda de repulsa na Alemanha. Na noite de 9 de novembro, milhares de alemães foram as ruas, em praticamente todas as cidades do país, quebrando vitrines de lojas pertencentes a judeus e atentando contra algumas sinagogas. Esse acontecimento passou a História como "A Noite de Cristal".

Após esse evento, Hitler passou a incentivar a saída dos judeus que ainda residiam na Alemanha, mas encontrou grandes dificuldades porque *nenhum país demonstrou interesse em recebê-los.* Nem mesmo para a Palestina eles puderam ir, porque a Inglaterra, que detinha o controle da área destinada aos judeus, opôs-se categoricamente ao translado daqueles *indesejáveis.*

O projeto de emigração do território alemão para Madagascar também não progrediu, porque as finanças internacionais judaicas negaram o provimento de recursos para o projeto. Para os membros do Kahal não era conveniente a saída dos judeus residentes na Alemanha. Afora um punhado de apaniguados, cuja sobrevivência era importante para a cúpula diretiva do sionismo, a grande massa lhe era indiferente. Pelo contrário, sua permanência na Alemanha valia como uma provocação ao nacional-socialismo, como uma possibilidade de atuação subversiva no coração de um país que era impulsionado para a guerra e, principalmente, como *grande trunfo na hora final do ajuste de contas...*

Os judeus, que manipulavam os governos dos possíveis marionetes que iriam enfrentar a Alemanha num futuro próximo, sabiam da inevitabilidade da guerra. Ela estava prevista nos Protocolos».

A 19 de agosto de 1939, doze dias antes de ser deflagrada a guerra, num momento em que ela poderia ainda ser evitada através de um acordo entre a União Soviética, a França e a Inglaterra, Stalin diria ante o Politburo:

"Estamos plenamente convencidos de que a Alemanha, se assinarmos uma aliança com a França e a Inglaterra, se verá obrigada a não intervir na Polônia.

Desta maneira poderia evitar-se a guerra e o futuro adquirirá, neste caso, um rumo perigoso para nós. Por outro lado, se a Alemanha aceita a nossa proposta de um pacto de não-agressão, atacará, sem dúvida alguma, a Polônia, e a intervenção da Inglaterra e da França nesta guerra será inevitável. Nestas circunstâncias, teremos muitas possibilidades de nos mantermos afastados do conflito e teremos a vantagem de esperar algum tempo até que chegue a nossa hora. Isto é precisamente o que nos interessa. Por este motivo, a nossa decisão é chegar a um acordo com os alemães e não com as potências ocidentais. O que nos interessa é que rebente uma guerra entre a Alemanha por um lado e a França e a Inglaterra por outro. É essencial para nós que a guerra dure muitos anos para que os beligerantes se esgotem. Entretanto, temos de intensificar o nosso trabalho político nesses países para que estejamos bem preparados quando terminar a guerra."[37]

A minuta desse discurso de Stalin foi apresentada diante do Tribunal de Nuremberg pelos defensores dos réus alemães, e Joe J. HEYDECKER e Johannes LEEB, com base nas palavras do dirigente bolchevista, afirmam: *"Stalin queria que Hitier se lançasse na guerra".*^

Além do mais, o acordo firmado pela União Soviética com a Alemanha permitiu aos russos apossarem-se dos países bálticos, Estônia, Letônia e Lituânia — e, mais tarde, da Finlândia, além de grande parte da Polônia.

Até hoje ninguém pode provar, concretamente, que Hitier desejasse a guerra. Talvez esta pudesse ter sido evitada se a França e a Inglaterra não interferissem na questão polonesa.

Muitos autores pretendem resumir a questão polonesa ao "Corredor" e a Dantzig, todavia, existiam outros motivos para a intervenção aiemã naquele país. Hitier acabara de declarar— "Não pensem, senhores, que sou um idiota e que me forçarão a guerrear só por causa da questão do Corredor Polonês" — quando mãos invisíveis começaram a agir no sentido de tornar a guerra inevitável.

Na Polônia, as minorias alemãs começaram a ser perseguidas

[37]In: Joe J. HEYDECKER & Joahnnes LEEB. *O Julgamento de Nuremberg,* p.202.
[38]Idem, p.202.

e assassinadas friamente, com requintes de barbárie e sadismo: mulheres eram encontradas com os seios decepados; homens com os corpos mutilados; crianças penduradas em ganchos de açougues.- Milhares e milhares de pessoas inocentes foram massacradas, e sobre elas o mundo permaneceu em silêncio... A imprensa polonesa, dominada pelos judeus, desencadeara o ódio contra os alemães. Tudo se movia em direção à guerra. A decadência francesa foi tema em Varsóvia, onde muitos propugnavam no sentido de que a Polônia deveria ocupar, na Europa, o papel de Estado sucessor da França. Uma onda de fanatismo patriótico agitava o país. Por toda parte, encontravam-se pessoas, infiltradas no seio do povo, a dizer que *tinham medo de que seus políticos deixassem passar a ocasião de dar uma lição aos alemães.*[39] *Uma vez que Hitier quer o desaparecimento do Corredor* — diziam —, *a Polônia haverá de suprimi-lo à sua maneira: retomando a Prússia Oriental!*[40]

Os agitadores profissionais gritavam em todas as esquinas de Varsóvia: *"Berlim está a lOOkm da fronteira; será em Berlim que se decidirá o impasse e que se assinará a paz!"* Enquanto Hitier dava curso ao plano de transferência dos judeus para Madagascar, a Polônia reclamava a ilha para si, alegando que as nações jovens e proliferas tinham direito a uma nova partilhado mundo. As concessões do Governo alemão à Polônia eram acolhidas com a convicção de que resultavam do reconhecimento de sua força. Nas semanas que antecederam a guerra, estudantes quebraram as vidraças da Embaixada da Alemanha, gritando: *"A Berlim!"* O Ministro da Guerra, Kasprzicki, afirmava a todos os pacifistas: *"Recomendam-nos o fortalecimento da defensiva, as manobras em retirada, a resistência em nossas linhas de água. Não faremos nada disso. Nosso gênio é a ofensiva e será tomando a ofensiva que venceremos!"*^

Pois foi essa Polônia preparada e disposta à guerra—conforme atestam os antecedentes históricos, que seria *atacada* pela Alemanha, em 1: de setembro de 1939.

Louis MARSCHALKO recorda que, naquele mesmo dia, Maurice Berdéche, um conhecido professor francês, dizia: "Naturalmente, saberemos amanhã cedo que Hitier atacou a Polônia. Certas pessoas têm esperado anciosamente por este momento. Elas têm estado esperando este ataque, têm rezado por ele. Esses homens se cha-

[39]Cf. Raymond CARTIER. *A Segunda Guerra Mundial,* V. I, p.17.
[40]Idem, p.17.
[41]Ibidem, p.18.

mam Mendel, Churchill, Hore-Belisha e Paul Reynaud. A grande liga da reação judaica estava decidida a ter a sua própria guerra. Essa era a sua guerra santa."[42]

No dia 11 de agosto, Hitler declarara — conforme C.J. BURCKHARDT, citado por Joachim FEST: "Tudo o que empreendo é dirigido contra a Rússia; se o Ocidente é cego demais para entender isso, serei obrigado a me entender com a Rússia, vencer o Ocidente e depois reunir minhas forças e me voltar contra a União Soviética."[43]

As palavras de Hitler foram plenamente confirmadas, pelo menos no que tange ao desdobramento da guerra. O pacto de não-agressão firmado com Stalin foi de efeito efêmero e não teve outro significado senão evitar uma guerra em duas frentes. Hitler sabia que o perigo maior para a Alemanha e para o nacional-socialismo vinha do leste, pois o bolchevismo não era outra coisa senão um instrumento do plano judaico de conquista do mundo. E para que ele pudesse ser concretizado, Hitler e seu partido tinham que ser destruídos.

"Os canhões americanos..." — estabelecia O Protocolo *n°.* VII. Os canhões norte-americanos, assim como uma infinidade de outros itens bélicos, salvariam a Inglaterra e a União Soviética da derrota no período 1940/1942. Depois, Roosevelt e sua assessoria judaica lançariam o povo norte-americano na guerra.

Premido pelas imposições de uma guerra total, o Governo alemão não pôde canalizar recursos para seu plano de transferência dos judeus. Como do exterior também foram negados esses recursos, Hitler se viu forçado a optar por outra alternativa. E esta foi a deportação para as áreas do leste, para a Polônia prioritariamente, onde os judeus foram reunidos em guetos e em campos de concentração, como o de Auschwitz — o maior dentre todos.

E foi em torno desses guetos e desses campos que se criou um mito: o mito do extermínio ou holocausto...

Números foram adulterados, estórias foram engendradas, mentiras foram construídas e difundidas pelo mundo inteiro, apresentando os alemães como carrascos insensíveis e os judeus como vítimas inoentes... A opinião pública mundial, que poderia lembrar-se dos Protocolos e do plano em marcha, foi bombardeada com informações alienadoras.

---

[42]Louis MARSCHALKO. Op. cit. p.63.

[43]In: Joachim FEST. Op. cit. p.696.

E hoje, só há uma maneira de encontrar a verdade escondida com tanto zelo: é buscar nas entrelinhas dos livros, nos documentos históricos e no raciocínio lógico, a resposta para as perguntas que hão de conviver com a juventude de hoje. Uma juventude que se depara com a pujança da Alemanha e pergunta a si mesmo: *"Teriam sido os alemães capazes de praticar todo o mal que nos é mostrado?"*

i\" *PARTE*

O Regime Concentracionário

V- Flagrantes de um campo de concentração

Giménez MORENO, um dos muitos republicanos espanhóis que estiveram em Mauthausen, como prisioneiros, escreveu um livro de memórias com um título mentiroso — "Mauthausen — Campo de Concentração e Extermínio".

Entre as muitas inverdades contidas na referida obra, é digna de nota a seguinte:

> "Os prisioneiros, infelizes possuidores de dentes e obturações de ouro, eram encaminhados imediatamente ao barracão do isolamento e automaticamente gaseados em grupos; dali eram levados ao crematório."[1]

Aliás, segundo MORENO, "os quatro fornos, embora funcionando dia e noite não conseguiam absorver completamente a quantidade fantástica de mortos."[2]

Christian BERNADAC, autor de outra obra sobre Mauthausen, totalmente desfavorável aos alemães, apesar de tudo se vê obrigado a confessar:

> "Trinta anos após a libertação dos campos, existem apenas um ou dois historiadores, aparentemente honestos, que têm a coragem de escrever que a CÂMARA DE GÁS DE MAUTHAUSEN É UM MITO."[3]

O mais estranho na obra de MORENO é o fato de que, embora o título dê a entender que a abordagem principal se volte para Mauthausen, somente a partir da página 131 o autor trata efetivamente daquele campo de prisioneiros.

A primeira parte do livro relata as peripécias de um dos 300 mil espanhóis, integrantes das forças republicanas, que fugindo para território francês, acabou internado em um "campo de refugiados".

Bem mais prático e convincente para o que se pretende é,

---

[1]Giménez MORENO. *Mauthausen — Campo de Concentração e Extermínio,* p.199.

[2]Idem, p.198.

[3]Christian BERNADAC. *Os 186 Degraus,* p.17.

ao invés de relatar com palavras próprias, deixar que o autor narre o que se passou com ele em território francês:

"Os campos franceses foram construídos em grandes e extensas planuras e o material empregado foi muito simples: arame farpado, gendarmes metropolitanos e tropas coloniais senegalesas. Nesses grandes "currais" foram abrigados (?) os republicanos espanhóis. A vista panorâmica dos mencionados campos era desoladora, não se observava uma alma viva em seus arredores... Sem ter onde se abrigarem, os internos faziam todas as suas necessidades ao ar livre: dormir, defecar, morrer de fome, de nojo e, logo mais, matar os piolhos, que não eram sequer combatidos... Chuvas, tempestades e neve caíam com fartura, martirizando e dizimando os novos Cristos, que além das inclemências do tempo, agüentavam as injustiças que os homens lhes impunham. (...) Vários dias se sucederam sem abastecimento de qualquer espécie; os refugiados tiveram que se valer das poucas provisões de boca que ainda possuíam. Esta situação se prolongou por duas semanas. A totalidade dos campos de concentração em que os espanhóis se achavam internados distavam uns dez quilômetros das aglomerações ou povoados urbanos mais próximos. (...) Foi nesses descampados que surgiram aquelas aglomerações fantasmagóricas, em que os seres pareciam ressurgir da pré-história. (...) Os espanhóis para não morrer ao relento, começaram a fazer cortes retangulares na terra, conseguindo assim tirar pedaços de barro que tinham certa consistência por causa das raízes e, colocando-os uns em cima dos outros, os improvisados pedreiros construíram seus primeiros abrigos com paredes não superiores a um metro de altura. Uma vez de pé, essas pareces eram recobertas com mantas ou lonas. Infelizmente a idéia não chegou a ter êxito: a região pirenaica está sujeita nessa época do ano a chuvas e nevadas; por isso os exilados sofreram mais um infortúnio: falhou o seu intento de se protegerem contra as intempéries. Em conseqüência das grandes chuvas, as cabanas improvisadas foram destruídas, carregando consigo as ilusões dos infelizes...

Erupções cutâneas, furúnculos, sarna, gripe, pneumonia, enfim toda essa gama de enfermidades que se apoderam da parte física do homem em tempos de privações e de cruéis sofrimentos, atacaram, quase sem exceção, os desalentados espanhóis. O tifo não se fez presente, por motivos bem conhecidos: nessa época do ano o frio e a neve dificultam o aparecimento desse vírus. (...) Aos espanhóis foi imposto uma escolha: "Franco ou o campo de concentração". As autoridades militares francesas não conseguiram mesmo assim descongestionar os campos, pois voltar para a Espanha significava o cárcere e os campos de extermínio em sua própria pátria.

Os castigos a que era submetidos os que tentavam fugir eram realizados nos barracões que serviam de abrigo aos guardas do campo; os presos recapturados recebiam generosas bordoadas; os policiais obrigavam os próprios castigados a cavarem uma fossa de mais ou menos um metro e meio de profundidade, de acordo com a altura de cada condenado e, a seguir, eram ali enterrados até a altura do pescoço, sendo mantidos nessa posição durante até 24 horas. (...) Depois de muito tempo, os franceses deram ordem de distribuir duas refeições por dia, em quantidade estritamente necessária para que os internos não morressem de fome.

As fossas que os primeiros refugiados tinham sido obrigados a cavar provocavam vazamentos, por onde escorriam, aos borbotões, os excrementos que ali se vinham acumulando desde os primeiros dias da chegada dos refugiados. Em certas ocasiões, uns tantos imprudentes chegaram a afundar nas esterqueiras até os joelhos... "Siémpre hay quién sin querer mete la pata..." Como era de se esperar, daqueles vulcões de dejetos escorria verdadeira lava, empestando a atmosfera e espalhando doenças. (...) À noite, havia o toque de silêncio, para que pudessem todos dormir bem entre os lençóis de neve e os colchões de lama. Muitos não conseguiam despertar com o toque de alvorada, eis que tinham caído no sono eterno."[4]

---

[4] Giménez MORENO. Op. cit. p.87/101.

E, finalmente, uma interessante observação:

> "No futuro, quando se puder falar e escrever sem obstáculos a respeito da estadia dos refugiados espanhóis nos campos de internação franceses, poder-se-á conhecer toda a verdade sobre esses fatos de tamanha importância histórica."[5]

Note-se que, apesar do longo relato dos acontecimentos ocorridos em território francês (Giménez MORENO esteve interno em Baulau, nos Pirineus Orientais), o autor intitula sua obra de "Mauthausen".

É interessante pinçar algumas das muitas características atribuídas pelo autor àquele campo de trabalho localizado em território austríaco:

> "Logo após a chegada ao campo de Mauthausen, um indivíduo que falava corretamente o espanhol aproximou-se do nosso grupo, que aguardava em forma, e disse: — Vocês têm sido respeitados e continuarão recebendo aqui este tratamento. O comandante do campo quer que suas ordens sejam executadas ao pé da letra. Vocês vieram para este campo para trabalhar e manter bom comportamento. O comandante deseja que vocês sejam um perfeito exemplo para todos os internados de outras raças. Não procurem fugir, pois qualquer tentativa nesse sentido será reprimida e castigada para exemplo dos demais. O trabalho civil que vocês realizarem será feito a serviço da Alemanha, pois vocês foram categorizados como súditos alemães."[6]

Em seguida, segundo o relato de MORENO, os espanhóis recém-chegados formaram uma longa fila e depois de receberem uma tigela de sopa, passaram diante de escriturários e auxiliares que iam "sucessivamente registrando todos os objetos que os novos internados apresentavam, os quais eram metidos em sacos. Fechados os sacos, estes eram marcados com o número de matrícula de cada cativo."[7]

E continua o autor de "Mauthausen —Campo de Concentração e de Extermínio":

> "No dia seguinte, os presos foram identificados e fotografados. Todos os dados foram depositados no arquivo do campo...
>
> O toque de alvorada dava-se às 5 horas da manhã... Os internados dormiam em beliches rústicos, mas tinham colchão e cobertor... Tinham direito ao asseio corporal e este devia estar concluído antes das 6 horas... As camas também deviam estar arrumadas e o café tomado, pos naquele horário todos deveriam participar da formatura matinal...
>
> As formaturas efetuadas na praça eram muito meticulosas, e cada condenados devia lembrar-se do seu lugar habitual...
>
> Os indivíduos deviam alinhar-se segundo sua altura, os mais baixos na primeira fila e assim sucessivamente, até ficarem os mais altos na última fila...
>
> Às 7 horas, as longas filas de trabalhadores deixavam o campo... Às 7 horas e 30 minutos iniciavam-se os trabalhos diários na pedreira...
>
> Às 10 horas e 30 minutos os grupos encarregados da comida iam buscar os panelões, fora do recinto da pedreira, onde se encontravam os caminhões vindos das cozinhas do campo... A comida e a hora de distribuição eram as mesmas para todos os condenados, mas os Kapos dispunham das gamelas à vontade, repartindo entre si quatro ou mais recipientes. Terminada a pausa para alimentação, o apito chamava de novo ao trabalho. Novamente se realizava a formatura, correndo todos de um lado para outro, pois os internados não podiam enganar-se quanto ao grupo a que pertenciam...
>
> Os trabalhos recomeçavam à tarde, da mesma forma, mas em ritmo mais vagaroso. Os Kapos não

---

[5] Idem, p.106.

[6] Ibidem, p.137.

[7] Ibidem, p.138.

pressionavam os cativos como no período da manhã. Ao reiniciarem-se os trabalhos do turno da tarde, procuravam esquivar-se, desaparecendo ou "camuflando-se" para fazer melhor a digestão...

Na pedreira, por volta das quatro da tarde o trabalho ia se tornando cada vez mais lento. Iniciava-se a contagem de todas as ferramentas para serem guardadas no depósito. Às 17 horas, os Kapos davam ordem para recolher todas as pedras espalhadas, de 4 a 10 quilos, que eram levadas a um canto da pedreira. Às 17 horas e 30 minutos soava o apito: era o momento de deixar definitivamente o trabalho. Entravam todos em forma e os Kapos, acabada a contagem do pessoal, ordenavam que cada prisioneiro colhesse e carregasse às costas uma pedra, dentre as que haviam sido anteriormente amontoadas para essa finalidade...

Quando o grupo chegava à altura da grande muralha que cercava parcialmente o campo, os internados iam ali depositando as pedras que carregavam sobre o ombro. Essas pedras destinavam-se a continuar e concluir a muralha que fechava o campo de concentração.

Às 18 horas e 30 minutos todo o efetivo do campo devia estar pronto para comparecer à última formatura- As formaturas se prolongavam até às 19 horas. Neste intervalo de 30 minutos os "Blockführers" realizavam o último controle dos efetivos. Terminada a "revista", os Kapos e os Stubes realizavam a distribuição das rações: pão, margarina, café e 300 gramas de batatas cozidas.. Aos domingos e feriados, o almoço do meio-dia costumava receber algumas melhorias.. À noite, servia-se a costumeira porção de pão e uma geléia parecida com mel.. De modo geral, este era o regime alimentar adotado em todos os campos de concentração alemães- A nova inspeção era realizada após a refeição da noite. Minuciosamente era verificado se os detentos estavam em boas condições; tudo era examinado: monogramas, números, roupas, tamancos; os detentos também deviam estar com a cabeça raspada— Os "Bloks-Alterters" só permitiam a entrada nos blocos aos detentos que estivessem em perfeito estado de asseio— A "revista dos piolhos" (revision von laus) era realizada metodicamente uma vez por semana..

O toque de recolher dava-se impreterivelmente às 22 horas. A partir dessa hora, todas as janelas dos blocos eram fechadas com cortinas..

A falta de higiene, a poeira em volta dos armários, a sujeira do piso —tudo isso era suficiente para justificar uma boa reprimenda.. As revistas eram efetuadas de surpresa—"[8]

Uma análise, ainda que superficial, deste relato descritivo de Giménez MORENO, permite verificar que a rotina de Mauthausen em nada difere do dia-a-dia das casernas de todo o mundo. Quem prestou o Serviço Militar vai notar aqui os mesmos princípios de disciplina, rigorismo de horários, formaturas freqüentes, marcialidade, alimentação frugal, higiene pessoal, cuidado com os materiais e uniformes, revistas de camas e armários, enfim, o espelho fiel do cotidiano dos quartéis.

Quanta diferença de Mauthausen para Baulau, Barcarès, Saint Cyprien, Vernet d'Ariège, Agaut, Aries, Argelès, Mont Luis, Marignac, Argelès-sur-Mer, Béziers, Agde, Sangage, Sept Fontes, Tarn, Garonne, Limoux, Gours, Collioure, Digne, Oraison, Auch e outros tantos "campos de refugiados" em território francês, onde os espanhóis amargurarам meses e meses ao relento e à míngua de alimentação!

Em Mauthausen se trabalhava... Nos campos franceses não se fazia nada... Tinha-se a liberdade de caminhar entre as cercas de arame farpado durante as 24 horas do dia...

Em compensação, "moria-se de fome, de frio e de tédio" — como afirma Giménez MORENO.

Na França, os fugitivos, que teoricamente não eram "prisioneiros", mas "refugiados", eram "apenas" ENTERRADOS por 24 horas, enquanto em Mauthausen e nos outros campos alemães eles eram punidos com a pena de MORTE.

Há algum motivo de reprovação para esse procedimento?

O Art. 395 do Código Penal Brasileiro prevê para o crime de EVASÃO DE PRISIONEIRO, em tempo de guerra, a pena de MORTE, o que aliás ocorre em praticamente todos os códigos penais do mundo.

---

[8]Ibidem, p.139/184.

A pena máxima, aliás, não é prevista apenas para este tipo de crime, mas, também para outras ações como: RECUSA DE OBEDIÊNCIA (INSUBORDINAÇÃO), OPOSIÇÃO A ORDEM DA SENTINELA, AMOTINAMENTO DE PRISIONEIROS, etc.

Quem tiver o cuidado de verificar, sem predisposições ou opiniões tendenciosas, as aplicações de pena de morte em campos de concentração alemães, vai constatar que, invariavelmente, elas se deram em razão do cometimento de algum ato punível com esta pena, segundo a legislação de todos os demais países.

Os cuidados com a higiene corporal eram rigorosos e tinham por objetivo evitar as epidemias que grassavam a partir da promiscuidade e das infestações de piolhos. Se o objetivo dos campos fosse o "extermínio", por que evitar as doenças? Por que os cortes de cabelo e remoção dos pêlos axilares e pubianos? Por que as revistas noturnas cotidianas? Por que as inspeções periódicas?

Justamente sobre esta peculiaridade relativa ao asseio corporal que, diga-se de passagem, constituía regra geral em todos os campos alemães, parece interessante reproduzir depoimentos constantes de algumas obras consultadas:

> "À medida que o comando ia entrando na pedreira, os passos dos infelzes que compunham a coluna tornavam-se mais penosos, pois o terreno era um constante lodaçal, em que chafurdavam os pés... Os golpes de cassetetes, socos e pontapés impediam que os prisioneiros se mantivessem de pé..."[9]

De acordo com o mesmo autor, "os Bloks-Alterters só permitiam a entrada nos blocos aos detentos que estivessem em perfeito estado de asseio",[10] o que significa, por conseqüência, que NENHUM PRISIONEIRO DORMIA NO INTERIOR DOS ALOJAMENTOS.

Em Mauthausen, na Áustria, embora o rigor dos invernos, a dar-se crédito às palavras de Giménez MORENO, a totalidade dos prisioneiros que trabalhavam na pedreira, dormiam ao relento, tal como ocorrera com os espanhóis em solo de França! Teriam eles sobrevivido nessas circunstâncias? Parece que sim, pois o autor em questão aí está para comprovar com seu livro "Mauthausen — Campo de Concentração e de Extermínio"...

---

[9] Ibidem, p.159.

[10] Ibidem, p.178.

VI - Os 4 "judeus" enforcados em Mauthausen

Quem não se lembra de ter visto uma clássica fotografia com quatro prisioneiros enforcados em um campo de concentração alemão, sob às vistas de algumas centenas de companheiros "obrigados" a assistir ao ato? Ao pé das fotografias, invariavelmente, as legendas esclarecem tratar-se de "judeus vítimas do nazismo".

Mariano Constante, um dos muitos republicanos espanhóis que passaram longo tempo em Mauthause, como prisioneiros, concedeu um importante depoimento sobre o "enforcamento dos quatro judeus daquele campo". Este depoimento se encontra inserido na obra de Christian BERNADAC - "Les 186 Marches" (Os 186 Degraus) —, publicada por Editions Famont, Genève, 1976 e Otto Pierre, Editores, 1980, e pode ser assim resumido:

> "Saras foram as fugas dos campos de concentração. Todavia, registraram-se algumas tentativas em Mauthausen. Nas primeiras semanas de 1942, Hans Bonarewitz, um prisioneiro polonês de crime comum, mecânico nas garagens SS, pensou em fugir escondendo-se numa caixa. A oficina mecânica SS devolvia, regularmente, à garagem central de Viena, as peças gastas, recebendo em troca peças novas do mesmo tipo. Numa determinada semana de janeiro de 1942, o responsável pela oficina resolvera mandar para a garagem central três motores velhos. Bonarewitz amarrou os dois motores menores numa caixa de dois metros de comprimento, deixando um espaço livre onde ele pudesse se acomodar. Na manhã do dia em que se realizaria o transporte, depois da chamada, ele se instalou na caixa e aparafusou a tampa pelo lado de dentro. Uma hora depois, o carregamento saía de Mauthausen, dentro de um caminhão. Dois dias depôs, Bonarewitz estava fechado no "bunker". Não há qualquer depoimento sobre as circunstâncias da sua captura. Bonarewitz, de acordo com o regulamento para os casos de fuga, foi enforcado na presença de todo o efetivo de prisioneiros.
>
> Algumas semanas depois, quatro prisioneiros alemães de crime comum também tentaram fugir. Entre os quatro "criminosos alemães", estava o Kapo Fritz

do Baukommando, que era muito conhecido entre os espanhóis e estimado, também, pelo seu comportamento. Tanto no interior do campo, como nos locais de trabalho, o Kapo Fritz, invariavelmente, dava a impressão de ser tímido e raramente erguia a voz. Por isso mesmo, os espanhós tentavam de todas as maneiras, ser designados para o seu grupo de trabalho.

Em 1941/1942, foram construídas as passagens subterrâneas para receber os tubos do aquecimento central vindo da caldeiro, que ficava dentro da área eletrificada; essas passagens iam até os barracões recentemente construídos. Entre o "block bunker" e o local do barracão Baubüro, os trabalhadores haviam aberto uma trincheira com uns três metros de comprimento, onde foram postos inúmeros canos para água quente, cabos elétricos, etc. A passagem era muito estreita e só se arrastando era possível atravessá-la. Durante toda a execução desses trabalhos, os SS puseram uma sentinela exatamente no lugar onde terminava a passagem, isto é, fora do perímetro eletrificado e vigiado de noite, assim que os prisioneiros voltavam para o interior do campo.

Fritz e mais três companheiros de nacionalidade alemã, que trabalhavam na pedreira, prepararam a fuga para o dia em que a trincheira, inteiramente pronta, tivesse que ser coberta de terra e tapada com cimento. Com algumas tábuas e papelão, Fritz fechou a "passagem externa" e passou uma camada fina de cimento nessa frágil e falsa obstrução. Ao verem o buraco cimentado, os SS tiraram a sentinela de lá.

Quando anoiteceu, eles se insinuaram na trincheira-túnel, passaram por baixo da área eletrificada e foram dar no local em que Fritz havia "tapado" a passagem. Tiraram o papelão e as tábuas e saíram do campo. Em seguida, desceram para a pedreira onde era mais fácil ultrapassar a segunda cerca de arame farpado. E, depois, veio a fuga pelos campos e vilarejos.

Durante quatro ou cinco dias os quatro fugitivos perambularam pela Áustria, mas os SS haviam dado o alarma. Certo dia, quando Fritz e seus companheiros foram pedir comida num dos vilarejos, alguns moradores os denunciaram e eles foram recapturados.

De volta a Mauthause, a orquestra dos deportados tocou em sua homenagem a canção francesa "J'attendrai ton retour...", que se traduz por "Vou esperar você voltar". Foram enforcados diante do campo inteiro reunido. Um por um, os quatro alemães foram subindo os degraus da forca. O segundo passou a corda no pescoço do primeiro, o terceiro no segundo; Fritz no terceiro. Como organizador da fuga, ele fora reservado para o fim. Teve que passar a corda em seu próprio pescoço.

Acabado o enforcamento uma longa fila de prisioneiros desfilou diante da forca."[11]

A famosa fotografia dos "quatro judeus enforcados em Mauthausen" foi apresentada como "prova" no julgamento a que foram submetidos ex-administradores e guardas do campo. Apesar da negativa dos réus, os acusadores afirmaram tratar-se de "judeus vítimas do extermínio".

Em 1973, Christian BERNADAC, autor de uma das muitas obras sobre Mauthausen, mostrou a fotografia ao ex-prisioneiro Mariano Constante, então residente na Catalunha. O espanhol não teve dúvidas em identificar a fotografia e relacioná-la com o episódio que presenciara:

—Não se trata de judeus! —afirmou com convicção. Os justiçados são o Kapo Fritz e seus três companheiros que tentaram fugir em janeiro de 1942. Todos eram alemães condenados por crimes comuns. Nenhum deles era judeu!

—Tem certeza? — Insistiu Bernadac.

—Mas é claro! E apontando com o dedo: Este é o Kapo Fritz. Eu e muitos outros espanhóis, ex-prisioneiros de Mauthausen, trabalhamos no seu grupo. Ninguém seria capaz de esquecer o Kapo Fritz...

Christian BERNADAC não se deu por satisfeito. Conseguiu, através de Constante, o endereço de outros cinco espanhóis que haviam estado em Mauthausen durante quatro anos. Todos confirmaram a informação inicial: os justiçados, entre os quais figurava o Kapo Fritz, eram ALEMÃES e não JUDEUS como se vinha afirmando.

---

[11]Mariano CONSTANTE. In: Christian BERNADAC. *Os 186 Degraus,* p.113/115.

As circunstâncias da fuga e do justiçamento dos quatro fugitivos foram idênticas as relatadas por Mariano Constante. Todos, aliás, tinham assistido ao enforcamento.

A obra de S. E. CASTAN - "Holocausto Judeu ou Alemão?" —, aborda com maior profundidade os inúmeros embustes montados a partir de fotografias. Os livros que tratam do "extermínio" nos campos de concentração alemães, certamente julgando que os seus leitores são um bando de ignorantes, apresentam foto-montagens ridículas, variando a localização geográfica dos fatos, acrescendo detalhes, etc. Um monte de sapatos tanto pode representar os despojos de "prisioneiros assassinados em Auschwitz", como retratar o "Campo de Exterminação de Lublin"...

Os russos, pouco hábeis no forjamento de provas, deram-se mal em Nuremberg, por ocasião do julgamento dos "responsáveis" pelo massacre de Katyn. No que diz respeito aos campos poloneses, para não criarem possíveis problemas em face às provas que iriam apresentar contra os administradores de Chelmno, Treblinka, Sobibor e Belzec, optaram pelo mais fácil: destruíram as provas!

Fred A. LEUCHTER pôde, através de exames científicos, desmistificar a existência de câmaras de gás em Majdanek, Auschwitz e Birkenau. Nada pôde fazer com respeito àqueles campos, porque suas instalações já não existiam. Os alemães, ao contrário do que ocorrera com os demais campos, DEMOLIRAM JUSTAMENTE AQUELES, segundo informaram os russos...

VII - Um total que jamais fecha

Números elevados sempre impressionam mais, e os autores de obras anti-alemãs, mormente aqueles que se dedicam ao "holocausto", "genocídio" ou "extermínio", cuidam de usar cifras astronômicas para "dar mais ênfase" aos seus relatos sensacionalistas.

Na maioria das vezes os leitores se vêem convencidos pelos exageros e mentiras que lhes são impingidos, simplesmente porque realizam tão-somente uma leitura superficial, exploratória, de lazer, sem dar-se ao trabalho de analisar criticamente o conteúdo dessas obras ou de compará-los com similares.

No caso específico dos números, os absurdos chegam a ser gritantes.

Os alemães sempre foram extremamente metódicos no que tange a registros e assentamentos. Em todos os campos de prisioneiros havia registros completos dos internos. A maioria desses registros "sumiram" misteriosamente após a "libertação" dos campos, por motivos inconfessáveis, sendo os "libertadores" os maiores suspeitos por esses desaparecimentos.

Infelizmente para os propagadores de mentiras, os cinco livros de registro de Mauthausen escaparam e se encontram disponíveis para consulta no museu do campo. Nesses livros encontram-se relacionados 120.400 prisioneiros, que passaram pelo campo em seus cinco anos de existência. Ao lado de cada nome aparece a nacionalidade do interno, a causa de seu confinamento, a data de internamento, a data de saída e a causa mortis e data da morte para os que morreram.

A matrícula 3.058, por exemplo, pertence ao espanhol Christobal Bautissa-Bernal; a matrícula 9.841 ao belga Raymond Nias; o número 120.400 ao judeu francês Majleck Fenenbaun...

Passaram por Mauthausen, durante os cinco anos de funcionamento, 120.400 prisioneiros ou internos, no entanto o autor Christian BERNADAC, descaradamente, diz:

> "Mauthausen, fortaleza e acrópole ao mesmo tempo. Muralhas gigantes de granito e concreto dominando o Danúbio: espigões estranhos com a forma de chapéus chineses: arames farpados e porcelana tecendo uma intransponível rede elétrica de proteção. Sim! Fantástica cidadela construída sobre a terra des-

de a Idade Média. Mauthausen... Mauthausen na Áustria. Mauthausen dos *155.000 mortos."*[12]

Pois, apesar disso e dos "horrores" que se praticavam em Mauthausen, a testemunha Josef Schwaiger, matrícula 641 —Processo Schulze-Streiwieser (Colônia 23/11/66 a 30/10/67 declarou:

> "Passei cinco anos em Mauthausen; trabalhava na fabricação de calçados. Fazíamos sapatos para todo o mundo, desde o soldado raso até o comandante, mulher e filhos. Lembro-me desse tempo COM SAUDADES, POIS ESTAVA BEM MELHOR DO QUE AGORA."[13]

Josef Schwaiger não era um privilegiado administrador do campo. ERA UM PRISIONEIRO. Tinha um número de matrícula como tantos outros!

O leitor certamente já leu pelo menos uma dezena de vezes a afirmativa de que "nos campos de concentração nazistas se entrava pelo portão e saía pela chaminé..."

Pois bem, em Mauthausen não era assim. Em sua obra "Os 186 Degraus", Christian BERNADAC,entremeando verdades e mentiras, se vê obrigado a relatar a epopéia de um grupo de 32 franceses que estiveram internados naquele campo.O depoimento foi prestado por Louis Plougman, em janeiro de 1974, e se encontra disperso ao longo da obra. Eis a reprodução de alguns trechos do referido depoimento."

> "Trabalhamos muitas semanas na pedreira e também tínhamos que levar para o alto, todas as noites, uma pedra, exatamente como os outros deportados que trabalhavam na pedreira...
>
> Mais tarde, fui designado para trabalhar na alfaiataria. Livrei-me das intempéries...
>
> Tinha direito a ir ao chuveiro várias vezes por semana, direito à roupas limpas e corretas, lençóis e edredon para uso pessoal em meu beliche...
>
> Um dia, finalmente, chegou a hora de nossa liberdade. Partimos os 32 num vagão de passageiros, sob a guarda de soldados da Wehrmacht e não da SS...
>
> Retornamos para casa, depôs de assinar um documento onde prometíamos nada revelar sobre nossa aventura no campo de concentração..."[14]

Estes 32 franceses que "não saíram de Mauthausen pela chaminé" relatam que a vida do campo era dura, a disciplina rígida — como ocorre em qualquer caserna, mas que NADA tinha de parecido com o quadro dantesco que se tenta pintar!

A pedreira de Mauthausen é descrita como um inferno, onde os prisioneiros subiam os 186 degraus, inúmeras vezes por dia, até "arrebentarem" de cansaço. Todo o transporte de pedras era feito por vagonetas, como se pode constatar através das fotografias do campo. UMA VEZ POR DIA, no final de cada jornada de trabalho, os prisioneiros carregavam uma pedra de 4 a 10kg para a continuidade das obras do muro que cercava a fortaleza.

Como se viu anteriormente, os trabalhos na pedreira iam de 7 horas e 30 minutos às 17 horas e 30 minutos, com um intervalo de uma hora para almoço. Pois eis a "preciosidade de informação" prestada por Christian BERNADAC:

> "Os prisioneiros tinham de trabalhar, em condições pavorosas, desde às 7 da manhã até às 8 da noite. A ração diária consistia em um oitavo de um pãozinho redondo e três quartos de litro de sopa muito rala."[15]

• • •

O "Relatório Leuchter", recentemente publicado na íntegra pela Revisão Editora Ltda., sob o título de "Acabou o Gás!...", encarrega-se de desfazer o mito da existência de câmaras de gás em outros três campos — os de Auschwitz, Birkenau e Majdanek.

Mas o interessante para a presente abordagem é a questão dos totais que não fecham, do número de vítimas do "extermínio".

O engenheiro norte-americano Fred A. Leuchter depois de realizar uma detida investigação científica naqueles três campos de concentração, comprovou, sem quaisquer sombras de dúvidas, que JAMAIS EXISTIRAM CÂMARAS DE GÁS naqueles locais.

---

[12]Christian BERNADAC. Op. cit. p.17.

[13]Idem, p.42.

[14]Ibidem, p.65/66.

[15]Ibidem, p.43.

Concluídos os exames concernentes às câmaras de gás, Leuchter dirigiu seus estudos analíticos para os crematórios existentes em Auschwitz, Birkenau e Majdanek.

Note-se que o documento L-022 do Tribunal Militar de Nuremberg afirma que 1.765.000 judeus foram gaseados em Birkenau entre abril de 1942 e abril de 1944, portanto num período de dois anos.

Leuchter concluiu que estes números eram TOTALMENTE ABSURDOS, pois operando em capacidade máxima, os crematórios jamais poderiam processar uma cifra superior a 105.688 cadáveres!

Voltando ao caso específico de Mauthausen, é preciso lembrar que quando da ocupação do campo pelas tropas norte-americanas foram libertados 60 mil prisioneiros. Descontando-se os que foram antes disso libertados (como os 32 franceses aos quais se refere Christian BERNADAC), o total de mortes apregoadas (155.000) representa, pelo menos, o triplo do número máximo possível! Esses exageros, aliás, são observados em todos os livros que tratam do assunto não importando a que campo se reportem.

VIII - Farsa e Real idade

A crônica policial do dia 6 de fevereiro de 1989—uma segunda-feira de Carnaval —, noticiou, com muito estardalhaço, a morte por asfixia mecânica de 18 presos na 42; D. P., do Parque São Lucas, na Zona Leste da capital paulista.

Segundo o noticiário veiculado pela imprensa nacional, a carcereira Terezinha Dantas, depois de ter sido "agarrada por um preso que lhe aplicou uma gravata e a feriu com golpes de estilete", conseguiu libertar-se com a ajuda de polciais que "atiraram para o alto". Dominado o princípio de motim, cerca de 50 detentos foram colocados nus na cela forte que serve de depósito da delegacia. Os presos ficaram amontoados das 8 às 9,30 horas, quando o investigador Celso Jesus mandou os carcereiros soltá-los. Foi aí que os próprios presos denunciaram que havia muitos mortos entre eles. O médico Fábio da Silva Crochik, do Hospital de Vila Prudente, foi a primeira pessoa a examinar os mortos. Constatou que todos tinham morrido em conseqüência de asfixia mecânica.

No dia seguinte ao evento, o noticioso da Rede Manchete de Televisão informava que o movimento em defesa dos direitos humanos "exigia" a punição dos culpados, classificando o ocorrido como um "verdadeiro massacre".

Certamente que nenhum dos integrantes do movimento se deu ao trabalho de investigar a fundo algumas importantes questões: a carcereira Terezinha Dantas, mãe de quatro filhos, e que quase fora morta pelos amotinados, tivera a intenção de provocar as mortes ocorridas? Em outras ocasiões igual ou até maior número de presos não haviam sido confinados na cela forte, sem que ocorressem mortes? Se em lugar dos presos tivesse ocorrido a morte da carcereira e/ou de alguns guardas—como seguidamente acontece —, o movimento em defesa dos direitos humanos teria manifestado algum tipo de protesto? Certamente que não, porque jamais esses zelosos "defensores" da sociedade se preocuparam com as vítimas inocentes, que sucumbem aos milhares, a cada dia, em conseqüência da ação nefanda de marginais, quadrilhas de bandidos e dos guerrilheiros de todas as cores e matizes. Para esses "defensores" dos fora-da-lei, a sociedade e o Estado não têm o direito de defender-se. Se respondem à força com o emprego de força, se matam para não morrer, se aplicam punições aos que engendram fugas, imediata-

mente atraem a reprovação desses arautos de uma nova ordem social baseada na inversão de valores.

Mesmo de longe, sem uma análise detida dos fatos, pode-se afirmar, com convicção, que as mortes resultaram de circunstâncias especiais, circunstâncias que fugiam ao controle das autoridades carcereiras.

• • •

Este fato, ocorrido aqui mesmo no Brasil, fez com que nos viesse à memória uma tragédia de maiores proporções, ocorrida na Europa, mas que guarda bastante semelhança em suas características e conseqüências com as mortes da 42! D.P. do Parque São Lucas.

Com o desembarque anglo-americano na Normandia, em junho de 1944, o governo alemão decidiu transferir a grande massa de prisioneiros das prisões francesas para o território germânico, evitando que esses, tão logo fossem libertos, viessem a engrossar os efeitos das Forças Aliadas.

Nesse mês de junho de 1944, todas as regiões da França estão representadas no grande campo de concentração de Compiègne: são prisioneiros condenados por crimes comuns, ex-combatentes, guerrilheiros, membros da resistência e até mesmo "desgarrados" de dezenove nacionalidades. Eles atingiam, na época, a expressiva cifra de 49.860, conforme pesquisa realizada por André POIRMEUR. Outros 3.925 não puderam ser deportados por motivos diversos: doentes falecidos, evadidos, libertados, hospitalizados, etc.

Durante a deportação desses prisioneiros, foi organizado um comboio - o de n: 7909 —, que passaria a história como o "Trem da Morte".

Às 5 horas e 30 minutos da manhã de 2 de julho de 1944, partia de Compiègne com destino a Dachau (nas proximidades de Munich) uma composição ferroviária composta por 22 vagões, conduzindo 2.166 prisioneiros. Em cada um de 21 vagões foram embarcados 100 prisioneiros; no vagão restante, o vagão-hospital, foram acomodados 66 prisioneiros com problemas de saúde.

Às 16 horas e 30 minutos do dia 5 de julho, depois de 83 horas de viagem, quando se abriram as portas dos diversos vagões, na chegada ao destino, um quadro dantesco se apresentou aos olhos dos expectadores: 536 cadáveres jaziam no interior das diversas unidades da composição. Muitos deles despencaram do trem quando as portas foram abertas...

Esse foi mais um dos muitos "crimes de guerra" imputados aos alemães!

Christian BERNADAC em sua obra "Le Train de la Mort", editado em Genebra, no ano de 1976, e no Rio de Janeiro, por Otto Pierre Editores, em 1980, relata em seus mínimos detalhes essa fatídica viagem.

O relato de BERNADAC é insuspeito porque a totalidade de sua obra é eminentemente germanófoba. Sua linha de raciocínio tenta, de todas as formas, impingir ao leitor a convicção de que os alemães foram os únicos responsáveis pelo massacre de 536 "inocentes".

Mas, terminada a leitura do livro, todo leitor arguto que, deixando de lado as opiniões tendenciosas, se atenha à fria análise dos fatos, irá constatar que a realidade é bem outra.

O "Trem da Morte" se compunha (à exceção de um vagão totalmente metálico) de 21 unidades exatamente iguais.

Cada prisioneiro recebeu idêntica ração de viagem e a mesma quantidade de água. A lotação dos vagões era idêntica; as limitações de mesma ordem; e, no entanto, enquanto o número de mortes chegou a cifras impressionantes em alguns vagões, noutros foi inexpressiva e mesmo nula.

Eis o espelho da tragédia, de acordo com os dados oficiais, divulgados pelos alemães e confirmados, mais tarde, pelos franceses:

—Vagão n° 1—99 mortos;
—Vagão n: 2—76 mortos;
—Vagão n°. 3—75 mortos;
—Vagãon? 4—65 mortos;
—Vagão n? 5—64 mortos;
—Vagão ní 6—46 mortos;
—Vagão ns 7—44 Mortos;
—Vagão n? 8—36 mortos;*
—Vagão n: 9—17 mortos;
—Vagão n: 10— 8 mortos;
—Vagão n: 11— 3 mortos;

*Este vagão, segundo depoimentos, partiu com um total de 120 deportados. Ver adiante o porquê.

—Vagão n: 12— 2 mortos; (este era o vagão-hospital ou vagão-enfermaria);

—Vagão n: 13— 1 morto;

—Demais vagões (num total de 9) —Não houve mortos.

Como se explica essa paradoxal tragédia?

Como pode ter ocorrido tão elevado número de óbitos em diversos vagões e nenhuma morte noutros?

Ao invés de apontar os porquês, vamos transcrever, na íntegra, o depoimento de alguns sobreviventes daquela terrível viagem.

8.1 — Depoimentos de sobreviventes de vagões onde ocorreram mortes

"Os nervos estão à flor da pele e a angústia aumenta lentamente. Na outra ponta do vagão, um companheiro se sente mal e acaba sofrendo um desmaio; seus vizinhos o passam de braço em braço e o levantam até a lucarna; abanam-no com um trapo. Ele volta a si, pede água; um lhe dá seu cantil que havia sido cuidadosamente poupado; ele bebe avidamente, enquanto todos os que estão à sua volta o olham com inveja... exceto aquele que acaba de sacrificar a pouca água que tinha. As discussões se intensificam, tornam-se cada vez mais violentas. As posições são tão incômodas, que cada um acaba pondo a culpa no vizinho. Logo começa uma luta... Não demorou muito e um outro morreu. De repente um cara pôs-se a gritar, a se debater, começou a brigar com um de seus companheiros, trocaram socos. Tornou a cair extenuado. Alguns minutos depois, ele não respirava mais."[16]

"Viro de costas, com o braço protegendo a cabeça e mergulho no meu canto. Imploro: —Não se mexam mais. Não se matem!

Mas eles não ouvem. Eles se matam...

Homens armados de facas, garfos, pedaços de ferro, sobem sobre seus vizinhos que desabam no chão. Pés, mãos. Pisoteamento. Golpes. O sangue jorra...

[16]Francis ROHMER. In: Christian BERNADAC. *O Trem da Morte,* p.119.

O vagão, gigantesco tambor, ressoa de chamados, de gritos, de golpes vibrados nas paredes, de medo, de loucura, de delírios...

Perto de mim, um pai e filho que no início só pensavam em se protegerem e em se amarem, trocando insultos, rolam pelo chão numa confusão de pernas e braços... Os raios de luz iluminam duas lâminas... Pai e filho andam à roda.

—Você me paga.

— Seu porcaria!

—Vou liquidar com você!

O filho pula nas costas do pai. Um grito surdo assinala o fim da tragédia.

Caio de joelhos.

—Meu Deus! Como irei sobreviver?"[17]

E os depoimentos continuam, significativos, decisivos para a compreensão do drama:

"Foi na parada de Fismes que ouvimos pela primeira vez os chamados, depois os gritos e os berros frenéticos dos companheiros encerrados no vagão atrás do nosso.

Gritos, pedidos de socorro, insultos, batidas seguidas e violentas podiam ser ouvidas. Do lado de fora, os alemães pediam calma. De nada adiantavam os apelos. Todos nós compreendemos que nossos companheiros estavam se matando.

Aquilo deveria ter servido de alerta, mas, ao contrário, contagiou a todos nós. Algum tempo depois, os gritos, os pedidos de socorro, as batidas violentas não mais vinham de fora. Elas aconteciam em nosso próprio vagão."[18]

"Os primeiros a subir haviam se instalado ocupando um certo espaço relativo, e se sentado, obrigando os últimos a ficarem de pé. Isto foi a origem e a razão das discussões, dos socos e dos tapas. Todos

[17]André GONZALES. In: Christian BERNADAC. Op. cit. p.122/123. (O depoente foi o único sobrevivente deste vagão que apresentou 99 mortosl)

[18]J. B. PERREOLAZ. In: Christian BERNADAC. Op. cit. p.125.

queriam ficar sentados e invocavam a idade avançada, a saúde precária, um mal-estar passageiro para usufruir de regalias. As duas metades do vagão se insultavam mutuamente, cada uma delas alegando que a outra estava menos comprimida. As discussões não tinham fim... E, no entanto, com um pouco de boa vontade, teríamos podido acomodarmo-nos corretamente utilizando da melhor maneira o pouco espaço que nos era destinado. Isto não foi possível e o pior aconteceu."[19]

O depoimento desse sobrevivente de um vagão onde se registraram 75 mortes, prossegue:

"Para que todo mundo se acalmasse foi preciso proceder a uma segunda distribuição de água. Terminada esta, continuou-se com uma terceira até terminar a reserva. Desse momento em diante, não havia nenhuma possibilidade de se matar a sede... Um homem que estava em pé, apoiado na parede do vagão, desabou desmaiado. Foi o primeiro. Um após outro, perdíamos nossas faculdades de raciocínio e nossas forças. Nossos membros já estavam anquilosados e a asfixia começava a provocar os seus efeitos. Ficamos impotentes para cuidar dos nossos companheiros desmaiados."[20]

E mais adiante:

"Vemos alguns companheiros, subitamente enlouquecidos, atirarem-se uns contra os outros e se agredirem mortalmente. Um moreno alto, tipo de cigano, se levanta e brande uma çfarrafa. Meu companheiro de nome Barcos o vê avançar ameaçador. Um terrível soco faz com que ele perca o equilíbrio; o cigano está no chão, derreado. Então o medo se apodera de mim, e eu me deito ao lado da corrediça da porta do vagão. Cubro-me com cadáveres dos companheiros

[19]Jean THOMAS. In: Christian BERNADAC. Op. cit. p.132.
[20]Idem, p.133.

mortos. Assim, parcialmente protegido, enfrento momentos terríveis. Sou pisoteado por companheiros de prisão, que caem sobre mim...

Se alguns companheiros morreram numa relativa calma, uma grande maioria teve um fim agitado e algumas vezes horrível. Os reflexos, particularmente desordenados no amontoamento em que estávamos, em meio a nossa impotência física e moral, afetaram mesmo os mais fortes e aqueles que conservavam um pouco de lucidez... Todas essas lembranças, que conservo cuidadosamente, como um bem pessoal e atroz, me permitiram ter do homem, simultaneamente medo e piedade, mas também muito amor."[21]

Albert CANAC, sobrevivente de um vagão onde se registraram 46 óbitos, presta o seguinte depoimento:

"O trem está parado na passagem de nível de Saint-Charles. Uma corajosa guarda-cancela, ajudada por seus filhos, consegue nos passar algumas garrafas de água... Outros ferroviários fazem o mesmo. Aqueles que estão com as garrafas, insensíveis aos apelos dos companheiros, querem esvaziá-las de um trago. É preciso arrancá-las à força de suas mãos. Em semelhantes momentos nada mais tem importância: amizade, solidariedade são palavras vãs nessa situação. Esse espetáculo é de uma tristeza infinita para aqueles que ainda conservam a lucidez...

No auge da confusão formada, apesar da pouca luz, vejo Diderot desabar aos meus pés... Na penumbra do vagão, lamentos, gritos, estertores, erguem-se de toda parte. É a tragédia em todo o seu horror. Súbitas crises de demência abalam nosso carro... Alguns se atiram de cabeça abaixada, contra as paredes, derrubando tudo pelo caminho. Muitos deles caem para não mais se levantarem... Outros brigam. Em meio à loucura armam-se com o que encontram: facas, garfos, sapatos, furadores. Atacam o amontoado de gente, com golpes

[21]Coronel PUYO. In: Christian BERNADAC. Op. cit. p.134/145.

redobrados. Homens se matam a pancadas, se esganam, vazam os olhos uns dos outros... Encostados às paredes, os mais lúcidos protegem-se como podem, às vezes abatendo o agressor com um soco. Infeliz daquele que cai! E estamos ainda no primeiro dia de viagem..."[22]

8.2 — Depoimentos de sobreviventes de vagões onde não ocorreram mortes

"Existem, contra toda expectativa, reações humanas extraordinárias. Estabeleceu-se uma ordem: uns ficariam de pé enquanto outros se sentariam sob as ordens de um chefe, um médico escolhido de comum acordo e que, do seu canto, deu algumas instruções. Os mais doentes e os mais velíios poderiam respirar junto às lucarnas e as seteiras gradeadas por onde filtrava um pouco de ar. Houve uma trégua. Alguns agitavam os cobertores para ventilar. As conversas foram retomadas. Até se cantava para levantar o moral.

Cada atitude, cada necessidade elementar, constituíam problema. Nós nos esforçamos por solucionar cada problema durante a viagem. Era preciso estarmos de acordo para decidir o que seria obrigatório para todos. O bloco dos veteranos de Eysses tinha a seu favor bastante experiência e, sobretudo, a força da sua união. Eles se impuseram a todos e exerceram uma liderança salutar. Foram responsáveis diretos pela salvação de todos nós."[23]

"Ficou decidido um vaivém para os mais desesperados, permitindo-lhes passar alguns minutos frente às lucarnas de ventilação. Em alguns, eram aplicados lenços molhados sobre a testa... O calor úmido - as paredes do vagão minavam água —o ar tórrido e rarefeito que respirávamos queimava os pulmões, tornando **o** ambiente muito tenso. Foi preciso que nós, os responsáveis pela disciplina, interviéssemos a todo instante, com firmeza e rapidez, a fim de que essa situação perigosa não se degenerasse em um conflto coletivo e em pânico generalizado. Tivemos de dominar os mais nervosos e agir com energia para restabelecer os revezamentos normais previstos. Todos se despiam para melhorar a sudorização.Os mais exaltados foram confinados em uma das extremidades do vagão, sob vigilância... A tremenda sudação de todos, a imobilidade quase total a que estávamos obrigados, criavam uma situação interna extremamente tensa, no limite da explosão histérica coletiva; a menor fagulha podia provocar a explosão. Somente a disciplina, respeitada por todos, manteve, por bem ou por mal, uma situação bastante frágil de calma relativa... Acredito que a falta de liderança foi a principal responsável pela tragédia ocorrida em outros vagões..."[24]

"Pessoalmente, recordo-me de haver sido forçado a empregar a força para coagir um dos meus vizinhos, que eu nem ao menos conhecia, e que não havia querido se conter na prolongada espera do "urinol" em serviço permanente (uma lata vazia de conserva). Quando a lata me foi entregue, eu o obriguei a apanhar o que ele havia feito e colocar dentro dela. O infeliz, mais velho do que eu, chorava, mas executou o serviço me amaldiçoando! Apesar do mau cheiro resultante do suor que reinava em nosso vagão, essa rígida disciplina manteve a ordem indispensável, impedindo o desencadeamento de excessos e a aplicação da 'lei do mais **forte'."[25]**

"Antes da partida de Compiègne, os alemães, ao fazerem a revista, descobriram uma faca escondida entre a palha do vagão: por castigo, ficamos privados de água durante o primeiro dia de viagem (só fomos abastecidos em Reims). Acho que esse castigo, ao mesmo tempo que agravava os nossos sofrimentos, acabou contribuindo para que em nosso vagão não ocorressem óbitos. Não houve luta pela posse da água e registrou-se menos saturação atmosférica com a uréia re-

---

[22]Albert CANAC. In: Christian BERNADAC. Op. cit. p.148/149.

[23]Louis-Eugène SIRVENT. Idem, p.106.

[24]Michel HELLUY. In: Christian BERNADAC. Op. cit. p.108.

[25]Charles VILLIERS. Idem, 109.

> sultante da transpiração. Este, todavia, não foi o único fator favorável. Companheiros, cuja identidade lamento desconhecer, estabeleceram uma disciplina férrea nas obrigações dos cem prisioneiros e o revezamento periódico nos locais onde se podia melhor respirar. Movimentamo-nos sempre o menos possível. Foi feita uma escala de abanadores de cobertores para que o ar confinado circulasse."[26]

> "Consegui fazer com que os companheiros do meu vagão compreendessem que a água era um alimento precioso e que devia ser economizada. Um guarda vigilante se instalou ao lado da pipa. A água era distribuída em pequenas quantidades e a intervalos regulares... Não houve mortes no meu vagão."[27]

O depoente, Dr. Philippe BERNARD, que atuara na Legião Estrangeira, em pleno Saara, prossegue:

> "Fiz com que todos se sentassem, enfileirados, encostados nas paredes do vagão, as pernas abertas, e a fileira seguinte sentada entre as pernas daquele que estava atrás. Arrumados dessa maneira, noventa e dois homens acomodavam-se com relativo conforto. Os que sobraram tinham de ficar de pé, mas tinham a vantagem de respirar junto as lucarnas."[28]

8.3 — Notas à margem da tragédia

De 1? de janeiro de 1944 até 25 de agosto daquele mesmo ano partiram da França, com destino da Alemanha, um total de 326 comboios similares ao de n: 7909. Em todos eles não se repetiu a horrenda tragédia do "Trem da Morte", embora se registrassem algumas mortes, consideradas naturais naquelas difíceis circunstâncias.

---

[26]Pierre BENT. In: Christian BERNADAC. Op. cit. p.213.

[27]Dr. Philippe BERNARD. In: Christian BERNADAC. Op. cit. p.212.

[28]Idem, p.214.

Em Nuremberg, em 1945-46, os alemães foram julgados e responsabilizados pela morte de "984" franceses. Hoje, com o exaustivo trabalho de pesquisa realizado por BERNADAC, é possível verificar que o número exato de mortes foi bem menor—exatamente 536.

O número, todavia, não é importante. O que importa, em realidade, é definir a responsabilidade.

As mortes ocorridas na cela da 42! D. P. do Parque São Lucas, em São Paulo, e no "Trem da Morte" têm uma característica comum: nem a carcereira paulista nem os organizadores do comboio *n°*. 7909 tinham a deliberada intenção de matar quem quer que seja!

Nos dois casos, as mortes resultaram da desagregação moral de determinados grupos, do egoísmo pessoal de um punhado de indivíduos, cujo procedimento contagiou os demais.

Faltou, nos dois casos, uma liderança forte e capaz de evitar o pânico e a implantação do estado do "salve-se quem puder".

Tragédias dessa natureza não são raras; pelo contrário, são até mesmo comuns, em tempo de paz ou de guerra, no interior de prisões ou no seio de uma coletividade livre.

Por que se executam periódicos treinamentos para a evacuação de edifícios em caso de incêndios? Por que todos os exércitos do mundo treinam seus soldados em "sobrevivência"? Por que os militares recebem instrução teórica e prática sobre como enfrentar situações difíceis, semelhantes àquela enfrentada pelos "passageiros" do "Trem da Morte" ou de campos de prisioneiros (ou campos de concentração)?

As coletividades humanas quando submetidas a determinados níveis de tensão reagem das formas mais diversas e imprevisíveis. Alguns indivíduos, nessas circunstâncias, perdem os vínculos com a razão, bestializam-se, cometem atos que em situação normal jamais seriam capazes de realizar. Outros, ao contrário, redobram suas forças internas, transcendem ao usual e ao corriqueiro, cometendo atos de verdadeiro heroísmo.

A carcereira paulista e os organizadores do comboio n: 7909, Compiègne-Dachau, jamais poderiam prever as conseqüências de seus atos. Em ambos os casos, eles agiram no ESTRITO CUMPRIMENTO DO DEVER LEGAL —um instituto excludente de antijuridicidade reconhecido por todos os Códigos Penais do mundo.

IX - Porque tantos morreram nos campos de concentração Alemães?

Ninguém contesta o fato de que os campos de concentração alemães apresentaram índices elevados de óbitos, mas este fenômeno tão explorado por autores sensacionalistas e/ou comprometidos com interessados diretos pela propagação do mito do "extermínio deliberado", tem fundamento em circunstâncias bem diferentes.

Cometeram-se atrocidades nos campos de concentração alemães?

É certo que sim. Sádicos existem em todos os povos e sociedades. O sadismo é próprio do homem que, diferentemente dos outros animais, é capaz de sacrificar a vida de um semelhante pelo simples prazer de matar. Em todas as prisões do mundo se cometem excessos contra apenados. Há pouco tempo atrás, em São Paulo, foram chacinados inúmeros fugitivos, muitos deles desarmados, tão logo foram recapturados. Os excessos não podem ser atribuídos aos alemães como se fossem uma exclusividade sua!

Os japoneses, os vietnamitas — por exemplo, foram sempre extremamente rudes no trato de seus prisioneiros de guerra. Talvez mais duros do que os próprios alemães. No entanto, este fato é deliberadamente ignorado pelos que têm a missão de divulgar a história. Esse procedimento, hoje em dia, não se constitui em nenhum mistério. Aos poucos, a grande farsa montada começa a desabar. A falsa história está se transformando em estória, para desespero dos grandes interessados na "mentira do século".

As mortes recentemente ocorridas na 42! D. P. do Parque São Lucas, em São Paulo, e na composição n: 7909, respondem em parte a pergunta que deu título a este capítulo.

O lema "O TRABALHO LIBERTA" - que serve de zombaria para os "contadores de estórias", não era uma balela ou um falso apelo incitando os prisioneiros a trabalhar. O depoimento de Louis PLOUGMAN, que se encontra no Capítulo III desta obra, comprova que o sistema concentracionário cumpria a promessa de libertação.

Onde os prisioneiros se organizaram, submetendo-se às regras de disciplina, cuidando dos preceitos de higiene, e, acima de tudo, colocando o BEM DA COLETIVIDADE acima das AMBIÇÕES PESSOAIS, cultivando o espírito de grupo, a união, a coesão interna e a racionalidade, a sobrevivência não apenas se tornou possível, mas real.

Muitos milhares de ingleses passaram por campos de concentração alemães durante o transcorrer da Segunda Guerra Mundial. Poucos dentre eles deixaram de voltar para casa. Por que isto ocorreu? Os ingleses receberam tratamento diferenciado dos demais?

De forma alguma! Os ingleses sobreviveram em grande número porque se organizaram. Sobreviveram porque souberam enfrentar com ânimo forte as vicissitudes normais a um cativeiro. Eles foram os disciplinados e estóicos passageiros dos vagões do "Trem da Morte" que não apresentaram baixas!

Um divulgado episódio, ocorrido na Tailândia, durante a Segunda Guerra Mundial — e que passou à história sob a designação de "As Pontes do Rio Kwei", envolvendo prisioneiros ingleses em poder dos japoneses, dá uma exata dimensão da fibra e estoicismo dos soldados daquela nacionalidade em convivência com o infortúnio e as dificuldades.

A sobrevivência nas difíceis condições de um campo de concentração (não de um CAMPO DE CONCENTRAÇÃO ALEMÃO, mas de um campo de concentração qualquer) passaram, principalmente após o término da Segunda Guerra Mundial, a preocupar os responsáveis pelo planejamento e organização da instrução militar de todos os exércitos. Os profissionais e integrantes temporários do Serviço Militar, que passaram nos últimos anos por alguma das muitas unidades do Exército Brasileiro, jamais esquecerão dos "exercícios de sobrevivência", dos quais participaram durante o tempo de caserna.

Retirando lições do passado, a instrução militar conscientizou-e da necessidade de preparar seus homens para o enfrentamento de situações difíceis; situações como aqueiasque são vividas por prisioneiros de um campo de concentração.

Somente um bom preparo físico e psicológico pode decidir em *que tipo de vagão* os homens irão viajar no caso de repetir-se uma situação real.

Quem já participou de um "exercício de sobrevivência", seja como "prisioneiro" ou como "captor", pôde observar como as reações são as mais discrepantes e surpreendentes que se possa imaginar. Soldados que se mostram brilhantes no cotidiano das instruções corriqueiras, muitas vezes se entregam ao desânimo, agem com espírito mesquinho e se acovardam. Quando submetidos a tensões mais fortes, demonstram incapacidade de liderança e falta de condições para o enfrentamento de dificuldades. Em contra-

partida, elementos tidos como medíocres, revelam-se dotados de ânimo forte e reserva física e moral capazes de superar quaisquer obstáculos.

Esses tipos de reações não podem ser medidos e/ou previstos. Um grupo de homens pode constituir os passageiros em potencial para um vagão onde ninguém irá morrer, ou integrar a fatídica lotação de um "vagão-morgue", onde dezenas irão morrer.

Essa linha de raciocínio conduz a uma certeza: os ingleses estavam melhor preparados do que os soldados de outras nacionalidades.

Outra questão fundamental que deve ser levada em consideração: se a sobrevivência em campos de concentração se mostra difícil para soldados afeitos à falta de comodidade, à vida ao relento, à alimentação frugal e ao esforço físico, que dirá para civis, muitos deles acostumados ao conforto e ao nada fazer?

Claro que muitos morreram nos campos de concentração alemães: morreram porque se portaram como os passageiros dos vagões onde imperou a lei do "salve-se quem puder"; morreram outros porque não estavam acostumados ao desconforto; e ainda outros porque foram atacados pelas epidemias(resultantes da falta de higiene); e, finalmente, outros morreram em tentativas de fuga, ou fuzilados por infringir o regulamento. Houve os que foram vítimas de excessos e isto seria uma exceção se não tivesse ocorrido. Como já se teve oportunidade de ressaltar, sádicos existem em todas as sociedades. Há que levar em consideração o fato de que os alemães estavam acossados por todos os lados. A nação enfrentava um punhado de inimigos. Suas cidades eram diariamente bombardeadas. Centenas de milhares de civis inocentes, mesmo em cidades abertas — como Dresden, morriam a cada dia. O que se poderia esperar de um soldado que tivesse perdido os familiares mais caros em um desses bombardeios? Era possível exigir que tratassem os inimigos com benevolência?

Excessos foram registrados. Mas foram casos esparsos, muitas vezes punidos exemplarmente.

Enquanto o "Massacre de Mi Lay", bem mais recente, é deixado de lado para que sobrevenha o esquecimento, os Claude LANZMANN da vida ficam a recontar estórias sabidamente mentirosas.

Quem se preocupa em investigar a verdadeira história dos campos franceses, onde milhares de espanhóis morreram à míngua de qualquer tipo de recurso?

Quem se propõe a narrar a epopéia dos japoneses aprisionados em campos de concentração norte-americanos?

A sobrevivência é difícil em qualquer campo de concentração, e isto pelos mais diversos motivos. Os mais fracos sucumbem logo nos primeiros dias. Alguns conseguem prolongar a existência por mais tempo, mas só os fortes de espírito e boa compleição física superam uma provação mais longa. Afinal de contas, um campo de concentração não é nenhuma colônia de férias, nenhuma estação de repouso!

Vários depoimentos colhidos da obra "Des Jours Sans Fin", de Christian BERNADAC, permitem comprovar aquilo que antes se afirmou: isto é, que os elementos de cada nacionalidade respondem a seu modo os desafios do infortúnio.

Vejamos alguns desses importantes depoimentos:

> "Bob Sheppard, matrícula número 35174, era um inglês que fazia parte de nosso grupo. Um esfomeado havia roubado não sei o quê dele e, tendo que ser punido, o chefe SS quis que Bob lhe administrasse o castigo; porém ele, um "gentleman", recusou, explicando claramente que sua qualidade de combatente lhe impedia de bater em um de seus companheiros. O SS vacila. Suspense. Ameaça ministrar um castigo mais rigoroso no infrator, caso não fosse atendido.
>
> Inútil. Imperturbável, o inglês se manteve firme. Preferia ser punido a punir.
>
> O SS impressionado por esta atitude firme, virou as costas e se afastou para nosso grande alívio.
>
> No dia seguinte, Bob foi chamado a comparecer junto ao comando. Temíamos pelo que lhe poderia acontecer.
>
> Para surpresa nossa, voltou com um sorriso nos lábios. Trazia no braço direito uma faixa com o dístico de "kapb".[29]
>
> "Os russos, os mais numerosos e relativamente os mais resistentes fisicamente, eram brigões. Não eram tolhidos pelo menor escrúpulo em seu relacionamento com os outros detentos. Animados por um sentimento nacional muito definido, agrupavam-se de muito boa vontade sob o comando de alguns chefes de bando. Entregavam-se a verdadeiras expedições para roubar

---

[29]Jean-Malle JAUREGUY. In: Christian BERNADAC. *Dias Sem Fim,* p.27/28.

e pilhar; não se sentiam embaraçados de forma alguma por arancar o alimento de um outro companheiro, através de artifícios —e Deus sabe com quem aprenderam essas artimanhas!"[30]

"Os poloneses, também numerosos, constituíam uma das piores calamidades do lugar. Esse povo, eternamente oprimido, adquiriu com seus sofrimentos, uma mesquinharia e um egoísmo dissimulados, além de uma brutalidade pouco comum... Eles estavam dispostos a qualquer baixeza para extrair algumas vantagens."[31]

"Os tchecos e os iugoslavos formavam uma minoria heterogênea. Mostravam-se bons camaradas—pareciam constituir a parte do mundo eslavo mais próxima de nossa mentalidade."[32]

"Os italianos eram, em geral, homens pequenos e morenos que, na maioria, tricotavam pedaços de lã conseguidos não se sabe como, com agulhas incríveis. Não demoraram a transformar-se no bode expiatório de todos, principalmente dos russos. Estes lançavam-se em bandos sobre um grupo na saída da distribuição de pão e tomavam suas rações... Geralmente sujos, nos trouxeram os piolhos."[33]

Quase todas as obras que aludem ao "extermínio" —por ignorância ou deliberada intenção de exagerar cifras, afirmam que 6 milhões de judeus pereceram nos "campos de concentração nazistas".

Louis MARSCHALKO, autor de "Os Conquistadores do Mundo" — obra recentemente publicada pela Editora Revisão Ltda., realiza um profundo estudo a partir do número de judeus existentes antes e depois do conflto, e conclui que o total de mortos dessa nacionalidade não pode ter sido superior a 600 mil! Não há, segundo ele, como precisar o número exato de óbitos, mas este se encontra entre 500 e 600 mil.

Donde saiu esse número mágico de 6 milhões?

Segundo MARSCHALKO, "quando perguntaram ao general Taylor, o Promotor Público Chefe em Nuremberg, onde ele arranjara esse número de 6 milhões, ele simplesmente respondeu que se

[30]General Pierre de FROMENT. In: Christian BERNADAC. Op. cit. p.48.
31,32,33|dem| p.48/5!.

baseara na confissão do General Ohllendorf",[34] confissão que, diga-se de passagem, fora obtida sob tortura.

Aliás, conforme os estudos realizados por MARSCHALKO, "as autoridades de ocupação americana na Alemanha efetuaram uma investigação de pós-guerra para determinar o número exato de pessoas que haviam parecido nos campos de concentração alemães. Segundo o relatório conclusivo, publicado em 1951, morreram ao todo 1,2 milhão de pessoas nesses campos durante todo o período de existência dos mesmos."[35]

Esses números, que podem ser considerados oficiais, pois foram obtidos pelos norte-americanos e não pelos alemães, permitem constatar que praticamente a metade do número de mortes foi preenchido pelos judeus. Por que teria isto ocorrido?

A principal razão se prende aos números: com exceção dos russos, os judeus formaram o maior contingente de internados em campos de concentração alemães. Ocorre que a grande massa de prisioneiros russos era constituída de soldados —isto é, de homens afeitos ao enfrentamento de situações difíceis, enquanto o contingente de prisioneiros judeus, além de constituído de civis, incluía pessoas das mais diversas idades e de ambos os sexos.

Como assevera MARSCHALKO, desde a Guerra dos Boers, quando os britânicos haviam confinado homens, mulheres e crianças, ficou comprovado que as mulheres e as crianças têm menor chance de sobrevivência no cativeiro.

O episódio do "Trem da Morte", decisivo para a compreensão do drama da sobrevivência, coloca em evidência a importância da liderança, da união, do espírito de coletividade, e de dotes morais que os judeus poucas vezes demonstraram como internos dos campos. E esta não é uma acusação gratuita. Trata-se de uma verdade que pode ser constatada através do exame das muitas obras que se dedicam ao enfoque do "extermínio". Os próprios autores judeus se encarregam de apontar as fraquezas e pusilanimidades de seus irmãos "vitimados pelos nazistas".

Simone de BEAUVOIR—a conhecida amante de Claude LANZMANN (judeu como ela, autor do sensacionalista "Shoah — Vozes e Faces do Holocausto") e de Jean-Paul SARTRE, no prefácio da obra "Treblinka", do também judeu Jean-François STEINER, afirma que STEINER se dispôs a pesquisar a fundo a questão, por entender

[34]Louis MARSCHALKO. *Os Conquistadores do Mundo,* p.111.
[35]Idem, p.118.

que era preciso dirimir dúvidas e livrar-se da humilhação, já que entendia que seus irmãos de raça haviam se comportado desairosamente durante o episódio concentracionário. E Simone de BEAUVOIR, tendo analisado cuidadosamente a obra de STEINER, confessa que sua coragem "lhe valerá ser acusado de anti-semitismo por aqueles mesmos cujo silêncio, cuja ausência, levaram a dúvida aos corações."[36]

Enquanto o inglês Bob Sheppard, por sua atitude firme e altiva ganhava a admiração e a confiança de seus captores, sendo inclusive promovido a "kapo", eis como procedia um judeu, segundo o também judeu STEINER:

> "A cena fora extremamente rápida. Um menino, chegado num comboio, reconhecera o pai entre os judeus que trabalhavam no transporte de roupas dos que morriam "nas câmaras de gás",[37] e precipitara-se ao seu encontro. Vendo o rosto do menino iluminar-se ao reconhecer o pai, o SS que observava a cena concluiu que o menino procurava o pai desde que se haviam separado. A fisionomia da criança não traduzia surpresa, apenas uma grande alegria. Diante de uma tal inocência, o SS que assistia comovido, aproximara-se, enquanto o homem, deixando cair a pilha de roupas que carregava, apertava o filho nos braços.
>
> — Papai — murmurou o menino —, eu bem sabia que tornaria a encontrá-lo... Sabia que haveria de encontrá-lo.
>
> O pai, todavia, vira o SS aproximar-se e tentava interromper o filho.
>
> —Sim, sim — murmurava apenas, numa voz carinhosa e trêmula de emoção.
>
> O menino fixava o pai com curiosidade.
>
> —Você tem o ar triste, como essa gente que veio no trem.
>
> —Não, não é nada; mas agora é preciso que vá com os outros para passar pelo chuveiro...
>
> —Mas eu não quero mais separar-me de você.
>
> —Vá indo, não me demoro.
>
> O pai endireitou o corpo e olhou furtivamente para o guarda, que ficara todo o tempo imóvel. O menino se afastara obediente. O pai abaixou-se, pegou a pilha de roupa, levantou-se, pareceu hesitar uma fração de segundo, e então, repentinamente, encolheu a cabeça e partiu em desabalada carreira. O SS pensou em seu próprio filho e refletiu que esses judeus eram uns indivíduos curiosos...
>
> Mais tarde, quando havia relatado a cena ao Comandante do Campo, este mostrara-se vivamente impressionado.
>
> —O sacrifício de Abraão — fora o seu comentário..."*[38]

O Comandante de Treblinka certamente não se deu conta de um importante detalhe: Abraão se propôs a sacrificar o filho como prova de amor e respeito a Deus. O judeu protagonista do episódio relatado por STEINER, sacrificou o filho em proveito próprio,para *salvar sua própria vida!*

Não há dúvida de que Bob Sheppard teria embarcado num dos vagões do "Trem da Morte" em que não se registraram vítimas. Em contrapartida, o episódio narrado por STEINER, envolendo um judeu anônimo, leva à certeza de que, neste caso, teria ocorrido o contrário.

Adiante, STEINER diz que "é fora de dúvida que existia uma parcela de covardia na atitude da massa dos judeus, que preferia submeter-se ao pior aviltamento a rebelar-se."[39]

Para os judeus — conforma STEINER —"viver era uma Mitzwah", não importava como. Esta filosofia de vida, voltada para si próprio em detrimento do grupo, explica, em boa parte, por que os judeus superaram o número de mortes de quase todas as demais nacionalidades, sob o regime concentracionário.

---

[36]Simone de BEAUVOIR. In: Jean-François STEINER. *Treblinka,* p.14.

[37]A questão referente a existência de câmaras de gás em Treblinka foi abordada anteriormente, e voltará a sê-lo mais adiante. (N. do A.)

[38]Jean-François STEINER. Treblinka, p.93/94.

*Esta cena descrita por STEINER não induz à idéia de que a prática do extermínio era indiscriminada. O próprio STEINER afirma (Ver nota n° 86), que a maioria dos guerrilheiros de Vilna era composta por jovens e garotos. Os próprios alemães utilizaram garotos em suas Volksturm, no final da guerra, sem que nenhuma voz se levantasse com o intuito de evitar que fossem mortos. (N. do A.)

[39]Idem, p.83.

De qualquer modo, conforme ressalta Louis MARSCHALKO, o número de judeus mortos durante a Segunda Guerra Mundial (500 a 600 mil) não é tão impressionante assim, se for levado em conta o total de baixas de outras nacionalidades. As perdas de vidas húngaras, por exemplo, incluindo as vítimas dos ataques aéreos e dos que morreram gelados nos campos de morte da Sibéria, chegaram pelo menos a 1 milhão. Outro pequeno país —a Romênia, teve 560 mil baixas; a Iugoslávia, 1 milhão 690 mil; a *Polônia 3 milhões 320 mil;* a União Soviética, cerca de 10 milhões; e a *Alemanha, 9 milhões e 400 mil,* boa parte dos quais em conseqüência dos ataques aéreos a cidades abertas.

Mas os judeus não eram beligerantes! — certamente muitos irão alegar.

Talvez não tivessem lutado às claras, como aconteceu com outras nacionalidades. Mas transformaram os governos dos Estados Unidos e da União Soviética em títeres, em defensores de seus interesses. Não cabe aqui aprofundar esta questão. Para aqueles que desejarem inteirar-se dos sinuosos meandros da responsabilidade judaica pela Segunda Guerra Mundial, aconselhamos a leitura da obra de Louis MARSCHALKO —"Os Conquistadores do Mundo", editada no Brasil pela Editora Revisão Ltda.

Esta obra, em nosso entendimento, é definitiva e de leitura obrigatória para todos os interessados no assunto.

A cifra de 6 milhões de judeus mortos, embora exagerada, foi reduzida de metade em relação ao que pretendiam os construtores do mito do "holocausto judeu".

Logo após o término do conflto, conforme o jornal "Der Weg" provou, os "inquisidores" se transportaram para a Europa, dispostos a montar o palco para sua farsa.

O número de judeus "mortos pelos nazistas", segundo se propunha a propalar o "New York Herald Tribune", deveria ser de *12 milhões.* Mas o judeu Walter Lippman, um dos "inquisidores" alertou para o fato de aquela cifra, por demais exagerada, tornaria muito evidente a mentira. Ao invés de multiplicar-se por VINTE o número real, bastaria que ele fosse multiplicado por DEZ! Afinal de contas, embora sob tortura, o general Ohllendorf já admitira aquela cifra mágica e por demais conveniente aos propósitos sionistas.

Desde então, sem preocupar-se em investigar a origem e veracidade desses dados, os historiadores (ou "estoriadores") vêm repetindo "como autênticos papagaios" o total propalado. Nem o relatório publicado em 1951 pelos norte-americanos, informando que o total de mortos de TODAS AS NACIONALIDADES durante o período concentracionário alemão fora de 1 MILHÃO e 200 MIL, dos quais não mais de 600 mil judeus, modificou a mentira inicial.

Dez anos depois da publicação do relatório norte-americano, no dia 5 de maio de 1961, em pleno desenrolar do "julgamento" de Adolf Eichmann, em Jerusalém, o Dr. Robert Servatius, que defendera Fritz Sauckel em Nuremberg, e agora se encarregava da defesa de Eichmann, fez constar dos autos uma declaração prestada, dois dias antes, por Hussein Zulficar Sabri, deputado pela Assembléia Nacional da República Árabe Unida. Sabri não apenas refutou a cifra MÁGICA, mas declarou peremptoriamente que o "julgamento" de Eichmann era "uma paródia de justiça, que estava a merecer o repúdio de todos os povos."[40]

Eis a declaração de Sabri:

> "Os alemães não exterminaram seis milhões de judeus. Nem mesmo um milhão.. As perdas judias andaram em torno de 600 mil, no máximo. Hitler permitia aos judeus emigrarem mediante o pagamento de certa soma. Quanto aos pobres, ele reunia-os nos campos a fim de negociar com os representantes do sionismo para obter os fundos e o equipamento de que necessitava. Mas os sionistas fizeram promessas absurdas. Promessas que nunca realizaram, para obrigar Hitler a cometer crimes e criar uma lenda: a lenda do extermínio. De tudo isso resultou o surgimento do Estado de Israel, que era a intenção última dos sionistas... Os judeus mortos nos campos de concentração, foram SACRIFICADOS deliberadamente pelos sionistas, em prol de seu ideal maior."[41]

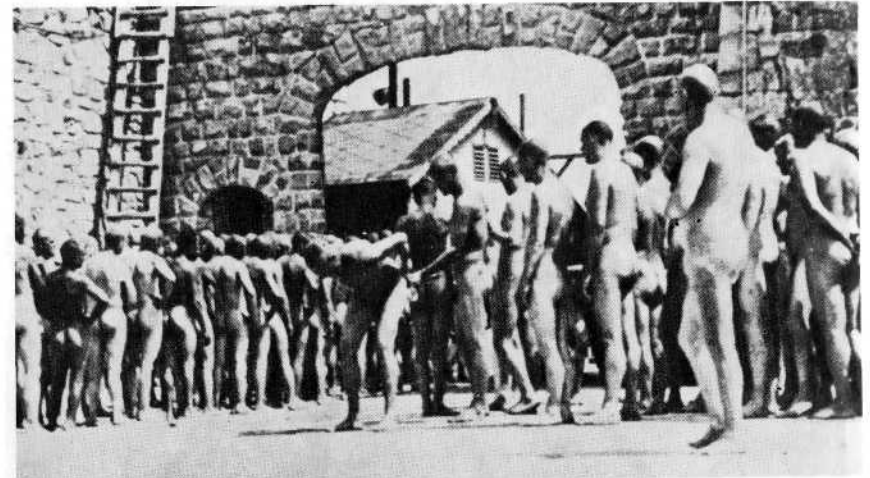
Os responsáveis pela acusação de Eichmann —Mosche Landau (natural de Danzig), Yitshak Raveh (natural de Auruch—Alemanha) e Benjamin Halevi (natural de Weissenfelsau-der-Saale—Alemanha) — todos "naturais" da Alemanha, mas JUDEUS por opção, limitaram-se a ignorar as declarações de Sabri, continuando a repetir, como ocorrera em Nuremberg e nos "julgamentos" subseqüentes, a velha e surrada cantilena: "os alemês foram responsáveis pelo extermínio de 6 milhões de judeus".

---

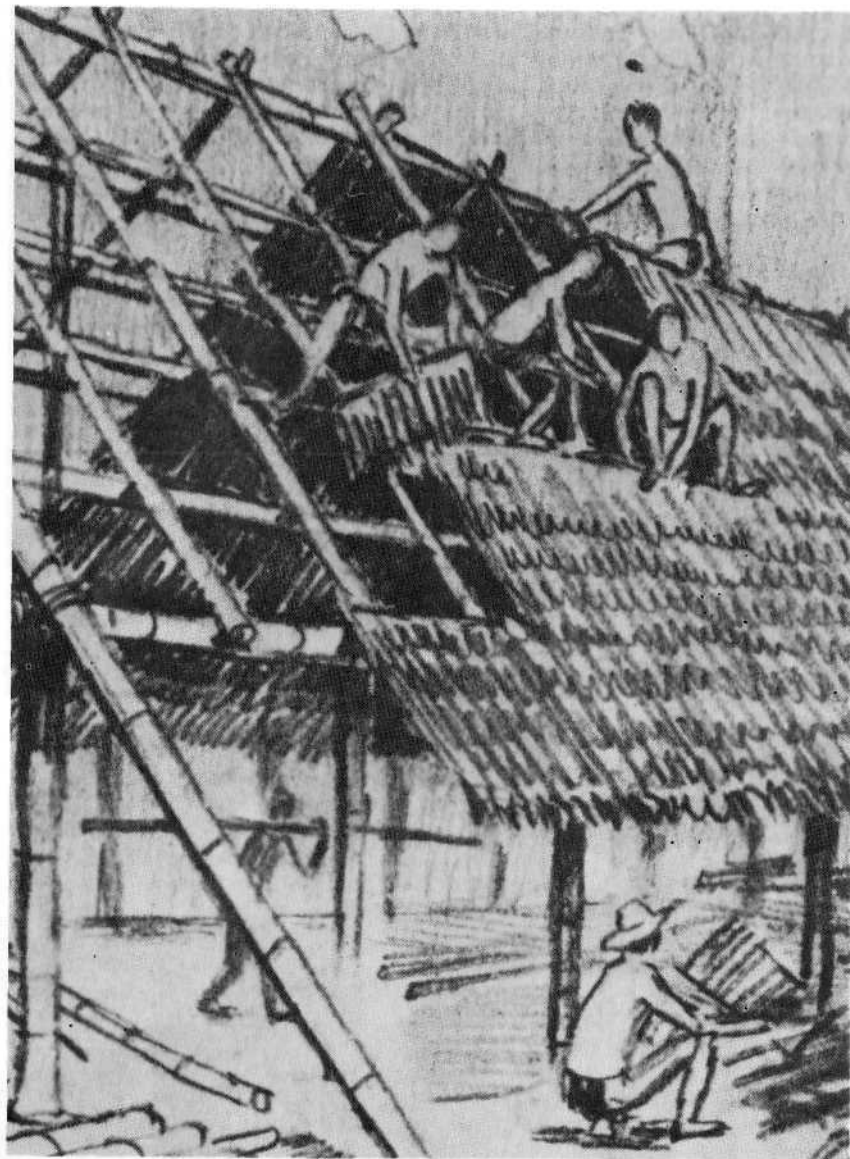
[40]Claude BERTIN. *Os Grandes Julgamentos da História — Eichmann,* p.82.
[41]Idem. p.82/83.

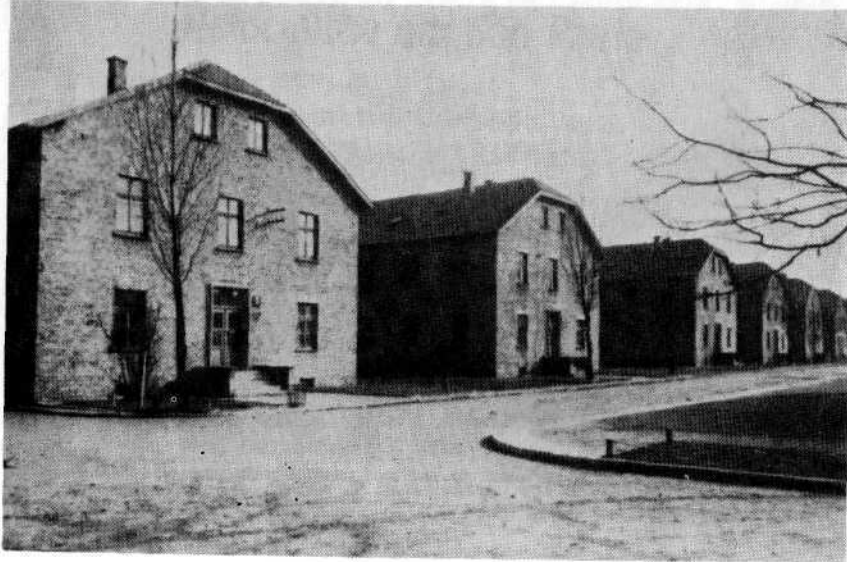
Execução de alemães presos usando uniformes americanos atrás das linhas aliadas por ocasião da ofensiva das Ardenas. (A execução de prisioneiros de guerra foi medida empregada por todos os beligerantes durante o transcurso da Segunda Guerra Mundial.)

Prisioneiros de guerra franceses, libertados ao Campo de Linz, preparam-se para o embarque numa aeronave norte-americana.

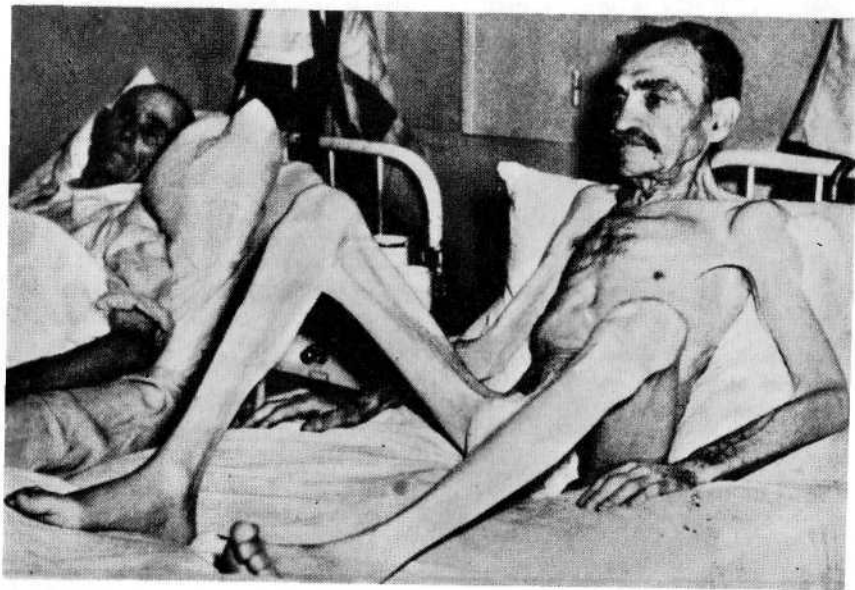
O difícil problema da sobrevivência em campos de concentração está diretamente ligado ao preparo físico e mental dos prisioneiros. Em Mauthausen, um grupo de ingleses prepara uma "refeição extra" no intervalo dos trabalhos.

Prisioneiros de Mauthausen prontos para a habitual sessão de despiolhamento. As magêrrimas figuras apresentadas pela propaganda antiralemã foram escondidas do fotógrafo?

Os internos do Revier (Hospital) de Mauthausen fotografados no dia da libertação do Campo. As fisionomias dos enfermos não demonstram o quadro descrito pelos "contadores de estórias".

Ziereis, o Comandante do Campo de Mauthausen, realiza uma inspeção ao local de trabalho. Onde estão os chicotes, a correria e o terror propalado pelos "esto-riadores"?

Prisioneiros ingleses constróem uma cabana de "atap" junto à ferrovia Ban Pong-Thanbyuzayat na Tailândia. Naquela região erma do sudeste asiático, enfrentando um clima diferente do europeu, e submetidos à privações bem mais duras, os ingleses sofreram baixas bem mais elevadas do que nos campos alemães. (Desenho realizado **por um ex-prisioneiro).**

Auschwitz em 1988, aparecendo os excelentes prédios construídos em 1940141, todos de alvenaria.

l ft/fiia *inocentes ilc>s hom- Ihinleün iiuliscriiiiiiuidm e* Í/« /a/ía íie *alimentos, crianças alemãs são atendidas por voluntárias. Às vezes, por falta de teto, elas são deixadas ao relento.*

Uma comissão médica das potências ocupantes examina uma criança alemã. Não se trata de um ex-prisioneiro de campo de concentração, mas de uma criança "livre".

A carência alimentar no final da guerra foi uma constante que atingiu a todos, indiscriminadamente.

A fome a que foram submetidos os alemães, sem exceção, não foi um fenômeno típico da guerra. Mesmo depois dela, pelo menos até a constituição da República bederal, em 1948, as potências ocupantes sumeteram os alemães a um regime alimentar insuflaente. Na gravura, um homem afetado pela desnutrição, dois anos depôs da derrota alemã.

X - A difícil sobrevivência em campos de concentração

Para que se possa compreender o porquê do grande número de mortes ocorridas em um campo de concentração, é preciso, antes de mais nada, conscientizar-se de que a sobrevivência é muito difícil nessa circunstância. E as dificuldades não foram nem são privilégio dos alemães. Mais de doze mil prisioneiros aliados morreram de fome, enfermidades e "maus tratos" na ferrovia da Birmânia à Tailândia (Sião), um sonho imperial nipônico que não chegou a ser concretizado. Milhares de prisioneiros norte-americanos, em época bem mais recente, morreram nos campos de prisioneiros da Coréia e, mais tarde, do Vietnã (ex-Indochina Francesa).

Para se ter idéia das dificuldades de sobrevivência em campos de concentração, basta lembrar que em Bergen —Belsen e Dachau (situados na própria Alemanha, junto às fontes de suprimento) morriam, durante o ano de 1944, uma média de 200 prisioneiros a cada mês. Todavia, nos últimos meses de 1944 e primeiros quatro meses de 1945, tendo aqueles dois campos recebido grande número de prisioneiros transferidos dos campos do Leste, em razão do avanço soviético, a situação piorou, aumentando em muito o número de óbitos. Acresça-se a isto outra circunstância não menos importante: os bombardeios de saturação tinham praticamente paralisado os transportes e o sistema de comunicação da Alemanha. O sistema de racionamento tornou-se mais rígido e mais caótico, semeando a desnutrição e o surto de epidemias. Não era apenas a população concentracionária que MORRIA DE FOME, era toda a população alemã!

Louis MARSCHALKO pergunta: "Quem deve ser responsabilizado se, em conseqüência direta dos bombardeios aliados de depósitos, pontes e estradas, houve fome geral?"[41]

Vamos examinar, a seguir, alguns aspectos limitativos da sobrevivência em campos de concentração.

---

[41] Louis MARSCHALKO. Op. cit. p.115.

10.1 — Alojamentos

Como foi visto em capítulo anterior, os franceses se limitaram a construir cercados, deixando os prisioneiros ao relento. E é interessante observar que os espanhóis confinados em território francês nem prisioneiros eram...

A organização concentracionária japonesa era caótica e durante algum tempo —como assevera Clifford KINVIG — "só se usou uma fração do espaço disponível: durante o dia, comprimiam-se mais de 700 homens num local que, em tempos de paz, servira de pátio de exercícios para 30 mulheres presas na Cadeia de Padu."[42]

Em Ban Pong, por exemplo, os novos abrigos construídos na selva não passavam de cabanas de "atap" (estruturas de bambu e folhas, em forma de telhados, com os lados bem baixos). Os japoneses nada construíam para seus prisioneiros. A construção de abrigos era de responsabilidade dos cativos e "muitos prisioneiros tornaram-se peritos nessa arte".[43]

O mobiliário das cabanas de "atap" era extremamente simples e rudimentar, consistindo de duas plataformas baixas, situadas uma de cada lado da cabana, no sentido do comprimento. Também feitas de bambu, ficavam a uns 60cm do chão. Essas plataformas serviam de camas, dispondo cada prisioneiro de uns 50 a 60cm, ficando praticamente uns colados aos outros.

Os utensílios de cozinha (incluindo panelas) tinham que ser elaborados pelos prisioneiros, o mesmo acontecendo com pratos e talheres. Como panelas eram utilizadas latas de gasolina de 4 galões. Os fornos eram de argila e os talheres de madeira.

Todos os campos de concentração alemães foram preparados para receber os prisioneiros. Construíram-se grandes blocos de alvenaria ou madeira (dependendo da disponibildade local de matérias-primas). Todos os campos foram dotados de hospitais ("Revier"). Os móveis e utensílios, embora rústicos, como é comum em quase todas os sistemas carcerários ou concentracionários do mundo, eram colocados à disposição dos prisioneiros. A maioria dos "blocos" possuía aquecedores à lenha ou carvão para minorar os rigores do inverno. Muitas janelas eram dotadas de tela. A Cruz Vermelha Internacional, pelo menos até o início dos "bombardeios

[42]Clifford KINVIG. *As Pontes do Rio Kwei,* p.28.

[43]Idem, p.36.

de saturação" aliados, realizava visitas periódicas aos campos de concentração alemães, constatando que o tratamento dispensado estava de acordo com as normas pré-estabelecidas pelos organismos internacionais.

10.2 — Alimentação

Na região em que os japoneses decidiram construir a ferrovia ligando Ban Pong (na Tailândia) a Thanbyuzayat (na Birmânia) havia poucos alimentos e a malária era endêmica. Os japoneses se viam obrigados a transportar praticamente tudo o que necessitavam através do Mar da China e do Golfo da Tailândia —águas patrulhadas por vasos ingleses e norte-americanos, que dificilmente deixavam de afundar os comboios nipônicos.

Sobrecarregados pelas necessidades de víveres, munições, combustíveis, medicamentos, equipamentos de reposição e armamentos, os responsáveis pela logística japonesa se viram às voltas com grandes dificuldades. Como, além disso, alimentar 56 mil soldados britânicos e australianos e 60 mil indianos, aprisionados após a rendição do General Percival, em fevereiro de 1942?

As condições pioraram rapidamente: os estoques de ração começaram a diminuir, sendo implantada uma dieta de arroz, à qual os estômagos europeus não estavam acostumados. Em pouco tempo, a maioria dos prisioneiros tinha sofrido uma redução de peso bastante considerável: homens que normalmente pesavam 90kg chegaram a pesar 50kg e até menos. Segundo Clifford KINVIG, "submetidos a um regime alimentar desse tipo, muito pobre em proteína, os prisioneiros entraram em processo de debilitação, estado em que vegetariam até o final da guerra."[44]

KINVIG acrescenta:

> "Os japoneses obrigavam os prisioneiros a trabalhar arduamente, davam-lhes a mesma comida parca, na base do arroz e os submetiam a maus tratos por qualquer desobediência. Os acampamentos eram muito primitivos e os únicos confortos existentes eram os instalados pelos próprios prisioneiros... Eram insuficientes os medicamentos fornecidos, enquanto que o

^Ibidem, p.27.

número de homens que caíam doentes era cada vez mais alto."[45]

As falhas no sistema de abastecimento japonês, segundo o relato de prisioneiros que sobreviveram ao cativeiro, muitas vezes fazia com que a parca ração não chegasse às marmitas.

A ração diária dos campos de concentração alemães era, inicialmente, de 1.500 calorias. No final da guerra, sofreu redução para 1200 calorias. Esta ração, que os detratores da Alemanha chamam de "ração de fome", reduzida com o "deliberado fim de conduzir ao extermínio", era aproximadamente igual à fornecida ao povo alemão. Se milhares de prisioneiros morreram em decorrência da desnutrição, igual número de civis alemães tiveram o mesmo fim, durante o final da guerra e mesmo DEPOIS dela, quando as forças de ocupação— inspiradas no Plano elaborado por Morgenthau (mais tarde posto de lado, quando os norte-americanos acabaram se convencendo de que era preciso manter na Europa um "bastião contra o bolchevismo") — mantiveram os alemães sob um período de fome pior do que o verificado durante o conflto.

Em outras palavras, a carência alimentar que se fez presente nos campos de concentração alemães não decorreu da vontade dos dirigentes daquela nação, resultando, isto sim, do colapso da produção interna de alimentos e da rede de transportes, praticamente paralisada nos últimos meses de guerra.

Stanislaw SZMAJNER, há pouco tempo falecido, e que residia no Brasil — autor de um livro de memórias sobre sua estada em Sobibor, como prisioneiro, afirma que na época em que chegavam os comboios de deportados, os internos comiam "as mais finas iguarias", nada faltando no que diz respeito à alimentação dos prisioneiros. Isto quer dizer, em outras palavras,, que as rações só sofriam redução quando os gêneros alimentícios deixavam de chegar aos campos. Mas —convém repetir, essa carência de gêneros alimentícios, agravada no final da guerra, não era um privilégio dos prisioneiros, mas FATO COMUM, vivenciado por toda a população alemã.

De qualquer modo, a dieta alimentar oferecida pelos alemães era bem mais variada e substancial do que a oferecida pelos japoneses, por exemplo, que também enfrentavam ingentes dificuldades no que tange aos transportes. Milhares de prisioneiros ingleses,

[45]Ibidem, p.27.

australianos e indianos, além de norte-americanos e chineses, morreram nos campos de concentração japoneses, sem que os historiadores e a imprensa emprestem ao fato o cunho sensacionalista que costumam dar ao sucedido nos campos alemães.

10.3 — Disciplina e Trabalhos

Na maioria dos campos de concentração japoneses, a rotina começava com a chamada, seguida do desjejum de arroz cozido e chá. A seguir, reuniam-se as ferramentas, e os homens partiam para a linha férrea, ou para o canteiro de obras, onde começavam a trabalhar às 8 horas. Para os trabalhadores da via férrea Ban Pong-Thanbyuzayat, que concentrou o maior número de prisioneiros, a caminhada até o local de trabalho aumentava à medida que a estrada progredia. Havia uma interrupção de uma hora, ao meio dia, quando era trazida a refeição para os prisioneiros, se o acampamento ficasse próximo; se distante, eles comiam o almoço que traziam consigo: arroz cozido frio e um pouco de legumes secos. O trabalho prosseguia até às 4 horas, mais ou menos, quando então voltavam ao acampamento, estafados e talvez com algum tempo para se banharem no rio, se o acampamento ficasse próximo, antes da refeição da noite e da segunda chamada.

Os japoneses não forneciam luz, de modo que a lavagem de roupa, os consertos e outras tarefas eram feitos no que restava da luz do dia, ou junto das fogueiras que os prisioneiros acendiam. Pouco depois do amanhecer do dia seguinte, reiniciava-se a rotina.

O desespero da situação levou muitos prisioneiros a tentar fugir, a despeito dos obstáculos naturais que cercavam os campos japoneses. A primeira tentativa—de acordo com Clifford KINVIG — "foi feita por um grupo de oito australianos de um grupo avançado que trabalhava em Tavoy, na Birmânia. Eles foram logo recapturados pelos japoneses e seus agentes brimaneses. Antes de serem fuzilados, obrigaram-nos a se ajoelhar junto à sepultura cavada pelos companheiros de cativeiro e onde os corpos foram jogados."[46]

Um grupo de três soldados holandeses, fugitivos de Thanbyuzayat, teve o mesmo destino, enquanto que mais ao sul, em Tamarkan, dois oficiais britânicos estiveram fugidos durante três semanas, escondidos na selva, antes de serem recapturados e levados de

[46]Ibidem, p.103.

volta ao acampamento, onde, depois de um breve interrogatório, foram mortos à baioneta.

Os relatos oficiais afirmam que não há registros de fugas bem sucedidas de prisioneiros de guerra europeus dos campos japoneses, com todas elas terminando em aplicação da *pena de morte* aos recapturados.

A rotina dos campos de concentração alemães corresponde, no que tange à disciplina e ao trabalho, ao relato do ex-interno Giménez MORENO (vide Cap.5). As punições e penas de morte aplicadas não se baseavam em sadismo gratuito ou em atitudes isoladas de carrascos bestiais. Todos os campos de concentração, em época de guerra, são obrigados a submeter os internos à severidade dos regulamentos, sob pena de não manterem a necessária disciplina.

Segundo KINVIG, "mais de doze mil prisioneiros aliados morreram de fome, enfermidades e maus tratos durante o cativeiro na Birmânia e na Tailândia",[47] o que representa um percentual (levando-se em conta o número total de prisioneiros) muito mais elevado do que aquele verificado nos campos alemães.

A capacidade de adaptação às regras de um campo de concentração varia de pessoa para pessoa e de nacionalidade para nacionalidade, dependendo de caracteres inatos. O testemunho do Dr. Beilin, no processo de Adolf Eichmann, é bastante elucidativo. Tendo vivido longo tempo em campos de concentração alemães, ele verificara que "com igual tratamento, os judeus da Europa oriental resistiam melhor e por mais tempo do que os judeus ocidentais."[48]

E acrescentou:

> "Talvez estes últimos — o belga, o francês e o holandês— estivessem habituados a condições de vida mais confortáveis, o que os tornavam bem mais vulneráveis. Talvez o judeu polonês, ucraniano, báltico, estivesse animado de um desejo mais determinado de sobrevivência, fosse mais afeito à vida dura, à disciplina, à alimentação frugal, enfim, às carências comuns das pessoas pobres. O fato é que os judeus ocidentais perdiam o ânimo de lutar e deixavam-se morrer com uma espécie de sombria lassidão."[49]

---

[47]Ibjdem, p.162.

[48]Claude BERTIN. Op. tt. p.149/150.

[49]Idem, p.150.

E aqui um paradoxo: se todos os judeus, independentemente de nacionalidade ou origem, como queiram,iam *logopara as câmaras de gás,* como explicar o fato de que os judeus orientais viviam por mais tempo do que os ocidentais?

O depoimento do Dr. Beilin—um judeu, como a maioria absoluta das testemunhas do processo Eichmann—.deixou no ar uma espinhosa questão para os arautos do "extermínio": se havia uma *esperança de vida* para os internos dos campos de concentração, isto significa que nem todos morriam. Os mais resistentes, os capazes de enfrentar o regime concentracionário, adaptando-se às regras de disciplina e de trabalho, conseguiam sobreviver. E isto, apesar de tudo, aconteceu para muitas pessoas. O teatro de operações principal da Segunda Guerra Mundial, isto é, a Europa, foi extremamente duro para todos: para os soldados que enfrentaram a morte nas linhas de frente e para os civis aprisionados nos campos de concentração, ou, embora livres, submetidos aos bombardeios indiscriminados, à carência de alimentos, medicamentos e abrigos.

10.4 — Assistência Médico-Hospitalar

Imagine-se a Alemanha submetida a uma guerra total, lutando em duas frentes e com suas cidades sendo submetidas, diuturnamente, a bombardeios terríveis. Bombardeios que, como o de Dresden, fizeram um total de 250 mil mortos, estimando-se igual número de feridos-

Os serviços assistenciais de natureza médico-hospitalar, numa situação terrível como a enfrentada pela Alemanha teria, evidentemente, que obedecer prioridades. Qualquer nação que se visse obrigada, como aconteceu com a Alemanha, a decidir entre o atendimento de seus soldados feridos em combate, aos seus milhares de civis vitimados pelos bombardeios, e aos prisioneiros dos campos de concentração, sem sombra de dúvida, colocaria o atendimento da população concentracionária como terceira e última prioridade. Não se tratava de uma medida injusta, amoral ou sádica. Tratava-se de uma medida lógica e que, em idênticas circunstâncias, seria imitada por qualquer um dos beligerantes.

O quadro de necessidades em médicos, enfermeiros, leitos hospitalares, medicamentos, material de sutura e curativos e toda uma vasta gama de similares era gigantesco e impossível de ser atendido em sua plenitude. É certo que os campos de concentração,

como terceira prioridade, haveriam de enfrentar terríveis problemas no setor de saúde, convivendo em seu cotidiano com uma carência crônica de pessoal e material. Daí resultou a elevação do índice de mortalidade, já superior aos parâmetros normais em razão de outras causas, como a falta de adaptação ao regime disciplinar e de trabalho, à alimentação precária, à promiscuidade, etc.

Os acampamentos de selva japoneses, onde eram confinados os prisioneiros, tinham uma semelhança: sempre as mesmas cabanas de "atap" e, inevitavelmente, uma ou duas delas destinadas a funcionar como hospital, não que a palavra "hospital" tivesse o significado que normalmente se lhe empresta. Tudo o que se podia dizer, com certeza, sobre essas rudimentares construções é que elas continham homens doentes, atendidos por um oficial médico, também prisioneiro, cujo tratamento consistia sobretudo de *palavras de estímulo.*

No caso dos prisioneiros, a resistência à doença era imensuravelmente inferior à das unidades de combate, devido à alimentação inadequada e ao trabalho muitas vezes extenuante, às condições de vida primitivas e à ausência quase total dos medicamentos necessários ao tratamento de seus males. Tal como ocorria com a Alemanha, o Japão se via às voltas com centenas de milhares de feridos em combate e de civis vitimados pelos bombardeios de suas cidades.

Clifford KINVIG descreve as "cabanas-hospital" como recintos infestados por "enxames de moscas sobre as latrinas toscas e as plataformas de dormir, as quais eram atacadas, também, por inúmeros insetos que, ao anoitecer, punham o demônio como companheiro de cama dos cativos."[50]

Todos os campos de concentração alemães possuíam suas equipes médicas, certamente reduzidas, o que obrigava à busca incessante de especialistas entre o efetivo de prisioneiros.

As obras referentes ao "extermínio", invariavelmente, insistem em que os campos de concentração alemães "matavam em escala industrial", pouco importando a vida dos internos, já que estes podiam ser facilmente substituídos pelas novas levas de prisioneiros.

Mas existem depoimentos esparsos que levam a pensar se realmente isso ocorreu, se não há exagero nos relatos dos historiadores, se não são eles, em realidade, "contadores de estórias" travestidos de historiadores...

---

[50]Clifford KINVIG. Op. cit. p£2.

O Dr. Miklos NYISZLI, autor de "Médico em Auschwitz" — e que atuava naquele campo como anátomo-patologista — narra um episódio que coloca em cheque as "versões oficiais".

Segundo o relato do Dr. NYISZLI, numa determinada ocasião, o médico-chefe de Auschwitz, Dr. Mengele, duvidou do diagnóstico de uma médica em relação a dois óbitos ocorridos em um dos Reviers do campo. Em razão disso, determinou que o anátomo-patologista realizasse a autópsia dos cadáveres. A médica havia diagnosticado como causa mortis a febre tifóide.

Diz Miklos NYISZLI:

> "Anuncio ao Dr. Mengele o diagnóstico: inflamação do intestino delgado com ulceração extensa. Faço uma exposição comparativa para o médico-chefe entre o estado de ulceração do intestino delgado, na terceira semana de febre tifóide, e a ulceração que ocorre às vezes na ocasião da inflamação do mesmo órgão. Faço-lhe notar que a inchação do baço acompanha muitas vezes a inflamação do intestino e que, por conseguinte, não se trata de febre tifóide mas de grave inflamação do intestino delgado, causada provavelmente por intoxicação PROVOCADA PELA CARNE."[51]

Aqui, uma revelação "assombrosa": COMIA-SE CARNE EM AUSCHWITZL.

Prossegue o Dr. Miklos NYISZLI:

> "O Dr. Mengele discute detalhes e acaba admitindo o meu diagnóstico. Voltando-se para mim expressa a opinião de que os médicos que cometem erros de diagnóstico tão grosseiros seriam muito úteis para o KZ como empreiteiros de aterro do que no hospital estabelecendo maus diagnósticos, em conseqüência dos quais MORREM OS DOENTES QUE TERIAM PODIDO SE SALVAR."[52]

Outra interessante constatação: o "terrível" Dr. Mengele se preocupava com a *cura dos doentes!:..*

---

[51]Miklos NYISZLI. *Médico em Auschwitz,* p.112.

[52]Idem, p.112.

E o Dr. Miklos NYISZLI continua:

> "Estando por trás do Dr. Mengele, posso ler o que ele escreve nas margens do diagnóstico: 'Responsabilizar a doutora'.
>
> (...) No dia seguinte, recebi notícias reconfortantes quanto à colega responsável pelo diagnóstico falho: o Dr. Mengele admoestou-a, nada acontecendo de mais grave para ela. Certamente pesou o fato de serem escassos os médicos em Auschwitz."[53]

Adiante, o Dr. Miklos NYISZLI relata outro episódio bastante elucidativo:

> "No dia 6 de outubro de 1944, cedo, pela manhã um tiro partiu de uma torre de vigia e feriu de morte um prisioneiro KZ que se achava além da zona neutra entre a pequena e a grande cadeia de controle que cerca todo o campo de Auschwitz. O prisioneiro, UM ANTIGO OFICIAL RUSSO, fora enviado para cá por causa de uma tentativa de evasão de um campo de prisioneiros de guerra. Segundo toda probabilidade é ainda uma evasão que tentou e é assim que ele chegou à linha de mira de um guarda. Uma comissão política dirigiu-se ao lugar tendo à sua frente o Dr. Mengele, para fazer no local as constatações usuais. (...) Para explicar a morte violenta é preciso um laudo de necrópsia. (...) Recebi a incumbência de examinar o cadáver do oficial russo."[54]

Eis algumas importantes e interessantes constatações:

1) A expressão *"antigo oficial russo"* põe em dúvida as afirmativas de que Auschwitz era um "campo de extermínio", onde os internos tinham *vida curta;*

2) As medidas que se seguiram à morte do oficial estão a demonstrar que os óbitos ocorridos fora dos parâmetros normais (mortes violentas), isto é, as mortes não causadas por doenças, precisavam ser "explicadas". O procedimento não era um ato "pro

---

[53]Ibidem, p.112/113.

[54]Ibidem, p.61. it. p.61.

forma", destituído de seriedade; pelo contrário, exigia a participação de uma comissão política e, inclusive, a realização de autópsia.

Não se faça um juízo apressado de Miklos NYISZLI. Nem de longe se poderá dizer que a obra "Médico em Auschwitz" é pró-alemã. Eis o que ele diz em várias passagens:

> "Ao todo, vinte mil pessoas passam todos os dias pelas câmaras de gás e dali para os fornos de incineração."[54]
>
> "Doutor Mengele é um nome mágico. Só de ouvi-lo todo mundo treme."[55]
>
> "O Dr. Mengele, primeiro médico do KZ de Auschwitz, é infatigável no exercício de suas funções."[56]
>
> "Os judeus gregos da ilha de Corfu foram gaseados e cremados sob um fino chuvisco de outono... Os pára-raios em barras de ferro dispostos nos quatro cantos da chaminé do crematório amolecem sob o poderoso fogo da noite e se contorcem."[57]

A declaração de que ocorriam gaseamentos em Auschwitz é mentirosa, conforme o laudo do Relatório Leuchter, cuja validade não foi até hoje contestada. Mesmo que pessoas tenham sido gaseadas em Auschwitz, os crematórios tinham a capacidade teórica de absorver, NO MÁXIMO, 354 CORPOS a cada vinte e quatro horas

Quanto às considerações que Miklos NYISLI faz sobre o Dr. Mengele, (o "médico maldito", segundo os "contadores de estórias"), o que se pode deduzir, a partir de seu procedimento por ocasião do diagnóstico falho de determinada doutora, é que seus subordinados tinham de trabalhar corretamente ("Seu nome é mágico. Só de ouvi-lo todo mundo treme."). Além disso, o fato de "ser infatigável no exercício de suas funções" servia de exemplo para os que tinham, em Auschwitz, a missão de curar enfermos.

A verdadeira história do Dr. Joseph Mengele, e a de outros médicos alemães que prestaram serviço nos campos de concen-

---

[55]Ibidem, p.70.

[56]Ibidem, p.33.

[57]Ibidem, p.125/126.

tração, ainda está para ser contada. Depoimentos verídicos se misturam com torpes estórias, que aos poucos vão sendo desmistificadas. O que se pode assegurar, desde já, é que o trabalho por eles desenvolvido foi épico, pois realizado sempre em precárias condições, em meio à escassez de medicamentos e de aparelhagem.

XI - A existência das Câmaras de Gás

Por ocasião do Julgamento de Nuremberg e dos julgamentos subseqüentes, realizados no final da década de 1940, os "acusadores" aliados apontavam a existência de câmaras de gás em praticamente todos os campos de concentração alemães.

Em 1961, quando do julgamento de Adolf Eichmann, a relação dos campos que possuíam câmaras de gás estava bem mais restrita: Majdanek, Auschwitz, Belzec, Sobibor, Treblinka e Chelmno.

Mas os exageros em relação a estes campos continuavam, como a compensar a redução drástica no número dos que "posufam" câmaras de gás. Por exemplo: "Existiam em Auschwitz QUINZE FORNOS CREMATÓRIOS que funcionavam a pleno rendimento e podiam incinerar até 10.000 CORPOS POR DIA."[58]

Como se vê, em relação à capacidade indicada por Miklos NYISLI (ver capítulo anterior), os acusadores de Jerusalém resolveram dividi-la pela metade. Ao invés de 20.000 corpos, agora só era possível cremar 10.000!

Em realidade, Auschwitz só possuía 5 crematórios, totalizando 17 fornalhas, as quais —conforme os estudos realizados por Fred A. LEUCHTER — só podiam, teoricamente, incinerar 354 corpos a cada vinte e quatro horas. Este rendimento não poderia ser mantido, na prática, porque os fornos exigiam desativações constantes para reparos.

O Relatório Leuchter comprovou, em bases científicas, que as câmaras de gás de Majdanek e do complexo Auschwitz-Birkenau JAMAIS EXISTIRAM.

Mesmo que tivessem existido, seus crematórios não poderiam, em hipótese alguma, ter absorvido o número de cadáveres alegado.

Como se vê, o número de campos de concentração que "possuíam" câmaras de gás continua diminuindo. Antes, eram dezenas deles; em Jerusalém passaram a ser seis; agora, são, no máximo, quatro. E desses quatro um deles está próximo de ser riscado da lista: o de Chelmo —cujas câmaras de gás eram "ambulantes", já que instaladas em carrocerias de caminhões. Fred A. LEUCHTER, *em seu relatório,* baseado na longa experiência com as câmaras de gás norte-americanas e com os exames realizados in loco em

---

[58]Claude BERTIN. Op. cit. p.149.

Majdanek e Auschwitz-Birkenau, afirma que "outras alegadas instalações que somente usavam o CO como gás de execução se achavam localizadas em Belzec, Sobibor, Treblinka e Chelmno", não puderam ser examinadas por terem sido destruídas quer DURANTE ou APÓS a Segunda Guerra Mundial. Diz o cientista norte-americano:

> "O gás de CO é um gás de execução relativamente fraco, pois requer TEMPO DEMAIS para levar à morte, talvez até uns 30 minutos, e se tiver boa circulação, mais tempo ainda."[59]

Sabe-se que alguns "especuladores" sugeriram que o gás empregado em Belzec, Sobibor e Treblinka tenha sido não o CO mas o CO_2. A este respeito, assim opina LEUCHTER:

> "O CO_2 (bióxido de carbono) é ainda menos eficaz do que o CO. Tais gases, ao que foi alegado, eram produzidos por motor Diesel. Os motores Diesel produzem escapamento que contêm pouquíssimo monóxido de carbono e tornariam necessário que a câmara de execução fosse pressurizada com a mistura ar/gás a fim de concentrar o último o bastante para acarretar a morte. O monóxido de carbono em quantidades de 3000ppm ou 0,30%, causará náuseas e dor de cabeça APÓS UMA EXPOSIÇÃO DE UMA HORA, e talvez algum dano de duração prolongada."[60]

Observe-se que a maior autoridade norte-americana em câmaras de gás diz que, APÓS UMA EXPOSIÇÃO DE UMA HORA ao monóxido de carbono, EM CONDIÇÕES ESPECIAIS DE PRESSURIZAÇÃO, o **máximo que poderá ocorrer** são sintomas como *náuseas e dor de cabeça,* e, eventualmente, *algum dano de duração prolongada.*

Em Jerusalém,por ocasião do "julgamento" de Adolf Eichmann, a testemunha Michael Padchlewnik depôs sobre o funcionamento de Chelmo. De acordo com Claude BERTIN, Chelmo fora um campo de dimensões modestas, "pertencente ao tempo do amadorismo,

---

[59]Fred A. LEUCHTER (Apresentação de S. E. CASTAN). *Acabou o* Gás.'.- *O Fim de um Mito,* p.31.

[60]Fred A. LEUCHTER. Op. cit. p.31/32.

onde foram liquidadas, apenas, 30 mil pessoas",[61] mas muito eficiente, pois dele "apenas quatro ex-internos haviam sobrevivido". Três deles se negaram a depor em Jerusalém. Michael Padchlewnik afirmou que as "viagens" não duravam mais do que VINTE MINUTOS, o que, aliás, é confirmado por 100% dos *estoriadores.*

De acordo com LEUCHTER, uma exposição de VINTE MINUTOS ao monóxido de carbono não é capaz de provocar *nem mesmo uma leve dor de cabeça!*

Pelo visto, Chelmno passa a perder credibilidade e logo estará perfilado a Majdanek e Auschwitz-Birkenau...

Das várias dezenas de campos de concentração alemães que praticavam o "extermínio", com o emprego de câmaras de gás, chegou-se a um reduzido número: Sobibor, Belzec e Treblinka. São três apenas que ainda resistem à análise dos cientistas e técnicos da atualidade. E se ainda resistem, é devido ao fato de terem tido suas instalações "destruídas". Por quem? Não se sabe...

Nos três campos poloneses, localizados no leste da Polônia, próximos ao rio Bug, foram utilizados, segundo os estoriadores, motores de combustão a diesel. Alguns dizem que esses motores eram de antigos tanques (carros de combate) soviéticos; outros, afirmam que se tratavam de motores de antigos submarinos alemães.

Tecnicamente, conforme se pode verificar através do Relatório Leuchter, esse procedimento encerrava em si inúmeras dificuldades, as quais levaram o cientista norte-americano a duvidar de sua eficácia. Ainda mais se forem levados em conta os "depoimentos" de sobreviventes, que indicam tempos de exposição demasiado curtos e altos rendimentos em número de "vítimas".

A existência de câmaras de gás em Belzec, Sobibor e Treblinka pode ser, a qualquer momento, definitivamente descartada, como aconteceu em relação a outros campos. Alguns empecilhos de vulto vêm impedindo que os técnicos e historiadores interessados em desmistificar o "mito do extermínio" visitem os campos poloneses do Bug. S. E. CASTAN teve denegado pela embaixada da Polônia um pedido de autorização para examinar aqueles locais. Parece que há fortes interesses em esconder a verdade, ou, pelo menos, em dificultar o trabalho daqueles que põem em dúvida o "holocausto judeu".

De qualquer modo, mesmo que a existência das câmaras de gás de Belzec, Sobibor e Treblinka não venha a ser desmentida,

---

[61]Claude BERTIN. Op. cit. p.132/133.

Por que motivo morreram 600 mil judeus?

Os judeus foram os primeiros a declarar guerra ao nacional-socialismo e os artífices da Segunda Guerra Mundial, hecatombe que mergulhou o mundo em quase seis anos de lutas.

Os meandros da política belicista dos judeus estão perfeitamente delineados na obra de Louis MARSCHALKO, "Os Conquistadores do Mundo", e não cabe aqui examinar esses aspectos. O que importa é deixar claro que os judeus não eram "neutros", como muitos pretendem. Eles, muito antes de setembro de 1939, movimentavam cordéis, davam vida a "fantoches" e executores explícitos de sua política anti-alemã. Os judeus, em sua esmagadora maioria, não apareceram nas frentes de batalha, como soldados, porque outros o fizeram em seu lugar.

De um total de 11,5 milhões de judeus, que residiam na Europa, antes da guerra, pereceram 600 mil, ou seja, *5,22% do total.* Este percentual é bastante baixo se comparado com as perdas sofridas por outros beligerantes. A Hungria, por exemplo, com uma população aproximadamente igual a dos judeus europeus, sofreu um total de 1 milhão de baixas. Um total de 3,6 milhões de soldados alemães morreram em ação na guerra; 1 milhão e 200 mil civis foram mortos nos bombardeios de saturação; 1 milhão e 400 mil alemães pereceram nos campos e nas cadeias dos Aliados e da União Soviética; 2 milhões e 400 mil alemães orientais, juntamente com 600 mil alemães sudetos e 200 mil outras pessoas de origem alemã foram massacradas no fim da guerra. As baixas alemãs da Segunda Guerra Mundial totalizaram, portanto, 9,4 milhões de pessoas. Os japoneses perderam mais de 2 milhões de pessoas, entre civis e militares. A União Soviética sofreu um total de 10 milhões de baixas, e assim por diante...

O "holocausto judeu" é uma gota d'água em comparação com as perdas sofridas por outros povos lançados à guerra, pela ação de bastidores dos sionistas, durante a década de 1930. Suas perdas foram muito baixas em relação ao mal que fizeram a outros povos, mesmo àqueles não diretamente ligados ao teatro da guerra—como o brasil, que sofreu 1500 baixas e perdeu vários navios mercantes.

Diz Louis MARSCHALKO:

> "O Hitlerismo não era a única coisa que o mundo judaico odiava. Mais ainda, os judeus temiam os movimentos que pavimentavam o caminho para uma nova compreensão entre as nações da Europa. O principal objetivo dos judeus era lançar essas novas tendências no descrédito e também fazer que o resto do mundo as visse com maus olhos. Enquanto de um lado faziam campanha visando uma colaboração total, do outro, eles tudo faziam para estrangular todos aqueles que estavam colaborando com os inimigos deles: os alemães."[62]

E adiante, prossegue:

> "Usando uma interpretação errônea do conceito racial, os judeus fingiram que os alemães estavam alegando a supremacia única para a Alemanha sobre todos os outros países. Assim, eles conseguiram isolar os outros países da Alemanha. Eles distorceram a teoria racial, insinuando que a Alemanha queria conquistar o mundo, e com base nessa teoria estava reivindicando a supremacia mundial."[63]

Essa visão distorcida da filosofia nacional-socialista foi denunciada, mesmo durante o desenrolar da Segunda Guerra Mundial, por muitas vozes —como a do herói norte-americano Charles Lindbergh —, sem que se chegasse a resultados práticos. A revista norte-americana "Nineteenth Century", no seu número de setembro de 1943, no auge da guerra, reconhecia que:

> "A crença geral de que a Alemanha provocou esta guerra para alcançar o poder mundial é, a nosso ver, errônea. A Alemanha queria tornar-se uma potência de primeira linha, mas entre ser uma potência de primeira grandeza e querer conquistar o mundo existe uma diferença muito grande. A Grã-Bretanha também é uma potência de primeira grandeza, mas não quer dominar o mundo."[64]

Baseado em fatos praticamente irretorquíveis, o autor húngaro Louis MARSCHALKO aponta o judaísmo como o grande e único responsável pela eclosão da Segunda Guerra Mundial. Eis, em síntese, os seus principais argumentos:

---

[62]Louis MARSCHALKO. Op. cit. p.58.

[63]Idem, p.59.

[64]Revista "Nineteenth Century". In: Louis MARSCHALKO. Op. cit. p.59.

a responsabilidade pelo que ali possa ter ocorrido aponta em outra direção, que não a dos alemães.

Os "contadores de estórias" não conseguiram montar um "crime perfeito". Cometeram "gafes", deslizes, que colocam outra nacionalidade, que não a alemã, num beco sem saída. Até hoje, os "tribunais" julgaram e puniram os alemães pelo "massacre" de 6 milhões de judeus. O total de mortes foi de apenas 1/10 dessa cifra "mágica", surgida ao acaso, mas conveniente aos interesses dos que desejavam a criação de um Estado e o recebimento de polpudas "indenizações".

> "O judaísmo, em primeiro lugar, impediu a reconciliação entre os países e a possibilidade de cooperação, destruindo até mesmo os pré-requisitos para essas finalidades. Usando e abusando da propaganda mentirosa e de falsidades, fazendo uso do rádio e da imprensa escrita, os judeus projetaram uma imagem totalmente falsificada aos olhos da humanidade. Criaram uma atmosfera mundial geral na qual o simples fato de enunciar a verdade em ligação com a questão alemã poderia ter como conseqüência a perda da vida ou da subsistência, ou implicar em suspeita de alta traição. Todas as propostas de paz feitas pelos estadistas alemães foram rotuladas de puras mentiras. Os judeus ridicularizavam todos os planos honestos e limpos. Fizeram todas as realizações sociais alcançadas na Alemanha parecerem uma simples demagogia revolucionária. Fizeram todo progresso parecer um obstáculo ao progresso, toda manifestação ao conceito de elite parecer um barbarismo, e todas as formas de antibolchevismo parecerem antidemocráticas. O Coronel Charles Lindbergh tornou-se suspeito de alta traição, quando ousou exprimir a sua sincera opinião sobre o Socialismo Nacional Alemão, baseado na sua própria experiência pessoal."[65]

Como se vê, os judeus que pereceram, na Europa, durante a Segunda Guerra Mundial, não foram "vítimas inocentes do nazismo", mas sim de seus líderes espalhados por quase todos os países do mundo, donde manipulavam a política internacional a serviço de seus próprios interesses.

Ninguém de sã consciência põe dúvida ao fato de que a maioria dos 600 mil judeus mortos durante os anos de guerra pereceram nos campos de concentração alemães.

Resta investigar como aconteceram essas mortes.

Eles foram gaseados, como pretendem osestoriadores? Foram mortos "apenas" pelo fato de serem judeus?

11.1 -O "direito de matar"

Até hoje não há consenso sobre o "direito de matar". Os que negam esse direito invocam razões de ordem moral e religiosa. Ainda agora, por ocasião da tecitura do novo texto constitucional brasileiro, as correntes estiveram divididas. Muitos deputados e senadores quiseram instituir a pena de morte na legislação do país. Foram derrotados pelos que negam ao Estado tal direito.

Mas este impedimento legal só subsiste numa circunstância especial: no Brasil é vedado ao Estado "matar" EM TEMPO DE PAZ. Em tempo de guerra, a PENA DE MORTE é prevista para uma série de crimes. E isto não ocorre apenas no Brasil. A PENA DE MORTE EM TEMPO DE GUERRA é adotada, praticamente, por todos os códigos penais militares do mundo.

A guerra é um fenômeno universal e imemorial da humanidade. Os homens lutaram entre si em todos os tempos e regiões da Terra: com lanças, flechas e tacapes antes do advento da pedra lascada; com espadas e lanças metálicas, antes da invenção da pólvora; com armas de fogo de todos os calibres em épocas mais recentes; com a utilização de bombas atômicas no final da Segunda Guerra Mundial; com mísseis de longo e certeiro alcance, na atualidade...

Muitas das guerras do passado, incluindo as duas guerras mundiais do presente século, emprestaram apoio irrestrito à idéia (tese) de que a guerra é *um meio pelo qual se resolvem conflitos políticos.* A política, atividade social visando à consecução dos principais objetivos de uma unidade política, normalmente tem à sua disposição tanto meios militares quanto não-militares: diplomáticos, ideológicos, econômicos e outros. A análise histórica de todas as guerras demonstra que existe proporcionalidade entre os objetivos políticos em jogo e os objetivos militares que foram adotados e, em conseqüência, a intensidade de violência empregada.

---

[65] Louis MARSCHALKO. Op. cit. p.60.

Em outras palavras, *"quanto mais importantes os fins políticos, mais violentos os meios escolhidos e empregados."*[66]

Em 1942 a Alemanha perdera as últimas esperanças de obter a paz. Atacada em terra, mar e ar, tinha pleno conhecimento de que só lhe restavam duas alternativas: vencer a guerra ou perdê-la, neste caso, arcando com todas as suas conseqüências. A compreensão dessa fatalidade se materializaria no ano seguinte, em Teerã, quando Stalin, Roosevelt e Churchill estabeleceram como objetivo da guerra "a rendição incondicional da Alemanha".

Diante da impossibilidade de chegar a uma paz honrosa, a Alemanha viu-se premida a prosseguir a guerra. Os fins políticos voltaram-se, portanto, para uma única saída: era preciso VENCER ou MORRER. Não lhe restava outra alternativa. Forçada pelos Três Grandes — que certamente obedeciam a uma diretriz emanada da mesma fonte —, teria que prosseguir, custasse o que custasse, pois a outra possibilidade — a derrota, traria terríveis conseqüências. Como bem diz Julian LÍDER: QUANTO MAIS IMPORTANTES OS FINS POLÍTICOS, MAIS VIOLENTOS OS MEIOS ESCOLHIDOS E EMPEGADOS!

Os três campos de concentração do Bug surgiram no decorrer do fatídico ano de 1942, quando a Alemanha lutava pela sua sobrevivência. Quando as ilusões de paz se haviam desfeito, e a única alternativa era a continuidade, a qualquer preço, das ações bélicas.

Belzec foi aberto em março de 1942; Sobibor, em maio de 1942; e Treblinka, em junho de 1942. Todos eles tiveram vida relativamente curta, pois foram fechados no segundo semestre de 1943.

Fica ainda no ar a pergunta: possuíam esses campos câmaras de gás? E mais: era aplicada, ali, a pena de morte?

A segunda pergunta pode ser mais facilmente respondida: SIM, aplicava-se a pena de morte em todos os três campos, porque esse procedimento era comum em todos os demais campos, desde que os prisioneiros cometessem atos contrários aos regulamentos, e esses atos estivessem catalogados entre aqueles passíveis da pena de morte.

Já foram enunciados anteriormente, no texto deste trabalho, alguns casos em que a atual legislação penal militar brasileira prevê a PENA DE MORTE em tempo de guerra. É interessante examinar, aqui, outros artigos do Código Penal Militar Brasileiro:

[66]Julían LÍDER. *Da Natureza da Guerra,* p.346.

• *"Art. 262* — Praticar dano em material ou aparelhamento de guerra ou de utilidade militar, ainda que em construção ou fabricação, ou recolhidos a depósito, pertencentes ou não às forças armadas."

"Art. 383 — Praticar ou tentar praticar qualquer dos crimes definidos no Art. 262, em benefício do inimigo, ou comprometendo ou podendo comprometer a preparação, a eficiência ou as operações militares.

Pena: — Grau mínimo: Reclusão de 20 anos. Grau máximo: MORTE"

No período compreendio entre março de 1942 e o final de 1943, época em que funcionaram os três campos do Bug, a retaguarda alemã foi constantemente atacada por grupos de guerrilheiros que procuravam, sob todas as formas, cortar as extensas e expostas vias de suprimento do Exército alemão.

Esse tipo de ação —vulgarmente conhecido por SABOTAGEM —, corresponde exatamente ao tipificado nos dois artigos acima. Deduz-se, daí, que, em caso de guerra, nós brasileiros aplicamos a PENA DE MORTE aos SABOTADORES. Convém repetir que esse procedimnto extremo não é peculiar ao Brasil, mas comum a praticamente todos os códigos penais do mundo.

Houve épocas em que a ação dos guerrilheiros, por trás das linhas alemãs, que iam do mar Negro ao Báltico, se fez tão intensa que, embora se fizessem necessárias 26 composições de suprimentos diversos, somente 8 ou 10 delas conseguiam chegar ao destino. Essa atividade se fez mais intensa justamente num estágio crucial da guerra, quando os alemães, após as vitórias de 1941, estavam paralisados em toda a extensão da frente, sofrendo pesados contra-ataques. A chegada de suprimentos à linha de frente era vital à sobrevivência do Exército alemão.

Era preciso agir com o máximo de rigor, na tentativa de deter ou pelo menos minimizar a ação dos grupos guerrilheiros, do contrário, a qualquer momento, poderia ocorrer o colapso total do esforço alemão.

Os fuzilamentos de Baby Yar, Smolensk, Minsk, Vilna, e diversos outros locais — exaustivamente explorados pela propaganda anti-alemã —, a outro motivo não se deveram senão ao combate à ação dos guerrilheiros.

Morreram judeus naquelas oportunidades?

Louis MARSCHALKO responde a esta pergunta:

"Nos países do Leste, isto é, na Polônia, Ucrânia e Lituânia, os judeus sofreram as suas maiores perdas. (...) Essas perdas foram sofridas principalmente nas guerrilhas ucranianas, quando os alemães foram forçados a fazerem reféns. Entre esses reféns havia um grande número de judeus, já que estes ficavam ao lado dos guerrilheiros."[67]

Com propriedade, MARSCHALKO assevera que "as vidas humanas perdidas na guerra de guerrilhas não provam nenhuma intenção deliberada de exterminar os judeus."[68]

As PENAS DE MORTE então aplicadas estavam de acordo com a legislação penal militar vigente, e eram imprescindíveis à manutenção das linhas de abastecimento do Exército alemão. Simples avisos, palavras, panfletos, jamais seriam suficientes para conter a ação dos guerrilheiros e sabotadores.

Partindo do pressuposto de que a ação de guerrilheiros e sabotadores é passível de PENA DE MORTE, e que esse princípio não era prática exclusiva dos alemães, chega-se a uma única conclusão possível: OS ALEMÃES NÃO COMETERAM ATROCIDADES AO MATAR GUERRILHEIROS E/OU SABOTADORES QUE AGIAM POR TRÁS DA LINHA DE FRENTE, NO LESTE EUROPEU. Nem mesmo extrapolaram desse direito ao tomar reféns. Essa prática também foi largamente utilizada pelos Aliados.

11.2— As diversas "formas" de matar

A História da Humanidade é prenhe de exemplos de aplicação de penas de morte. E muito variada, também, nas formas de executá-la: garrote vil, fogueira, lapidação, crucificação, força, fuzilamento, guilhotina, câmaras de gás, etc.

Alguma delas é imoral ou ilegal? Sob o ponto de vista moral, talvez todas elas sejam condenáveis. Mas, sob o ponto de vista legal, nenhuma pode ser considerada contrária ao direito, porque o direito é um produto da sociedade. Cada sociedade, em determinada época ou espaço geográfico, constrói seus ordenamentos jurídicos de acordo com o grau de proteção desejado. E a aplicação

[67] Louis MARSCHALKO. Op. cit. p.114.

[68] Idem, p.115.

de penas é decorrência direta da importância do bem que se tem em vista proteger.

Qualquer sociedade nacional (Estado) tem plenamente reconhecido o direito de elaborar suas leis e de estabelecer as penas que irão garantir o seu cumprimento.

Nos Estados Unidos, por exemplo, em razão da não uniformidade dos códigos estaduais, a pena de morte não se apresenta como regra geral. Em alguns Estados ela é aplicada e noutros não. E nos Estados em que se aplica a pena capital, variam as "formas" de matar: cadeira elétrica, câmara de gás, injeção de substância mortal, etc.

As "formas" de matar variam, pois, mesmo na atualidade. Não há ainda um consenso sobre a forma ideal de aplicar a PENA DE MORTE.

Algumas delas — como o enforcamento e o fuzilamento —, criam uma situação constrangedora para o carrasco, já que ele é obrigado a por-se "cara-a-cara" com o réu. Outras, como a cadeira elétrica e a câmara de gás, eliminam essa circunstância, pois o carrasco comprime um botão, ou deixa cair os grânulosde cianureto, em um recinto donde não vê o condenado nem pode ser visto por ele.

Essas duas últimas "formas" de aplicação da PENA DE MORTE são, sem sombra de dúvidas, mais humanas se consideradas sob o ponto de vista do carrasco. Elas eliminam o "elo de ligação" entre o matador e a vítima.

Não há provas de que tenham existido câmaras de gás em Belzec, Sobibor e Treblinka, a não ser aquelas representadas por um pequeno punhado de testemunhas, "sobreviventes"daquelescampos. Para os que defendem a tese de que as provas testemunhais são suficientes para dirimir dúvidas, lembramos que, até pouco tempo atrás, admitia-se, com apoio em testemunhas, a existência de câmaras de gás em Majdanek, Auschwitz e Birkenau... E até o final da década de 1960, o "mito" ia mais longe ainda: as câmaras de gás faziam parte do cotidiano de outros campos, como Dachau, Bergen-Belsen, Mauthausen, etc.

O mais provável é que o *"mito das câmaras de gás alemãs"* se desfaça com o passar do tempo, e que a existência delas em Belzec, Sobibor e Treblinka acompanhe os passos dos demais campos. Mas, se por ventura elas ali existiram, não há nisto nada de excepcional. Guerrilheiros e/ou sabotadores são passíveis de PENA DE MORTE, não importando a "forma" empregada por quem aplica a pena. Qual a diferença entre fuzilar um grupo de 10 indiví-

duos ou gasear outro de igual número?

Se diferença existe, esta está ligada ao "meio" e não ao "fim".

A morte em câmaras de gás é um método em uso corrente no mundo contemporâneo, tão contrário à moral e aos princípios religiosos quanto os demais, e tão legal quanto eles.

Não cabe qualquer crítica à Alemanha nacional-socialista, se esta, no curso da guerra, tivesse feito uso de câmaras de gás como "forma" de aplicar a pena de morte. O máximo que se poderia questionar diz respeito à legalidade ou ilegalidade das penas aplicadas. Apesar da vasta bibliografia contrária, um número crescente de indícios e mesmo de provas irrefutáveis está a indicar, de modo cada vez mais convincente, que as execuções levadas a efeito nos campos de concentração alemães tiveram apoio nas leis e regulamentos de guerra em vigor.

Para os três campos do Bug, os mais próximos do teatro leste de operações, foram conduzidos os guerrilheiros e sabotadores que agiam nas vastas extensões da Ucrânia, partindo de bases localizadas nos Pântanos do Pripet e em outras regiões, assim como os rebeldes do Gueto de Varsóvia. A respeito destes últimos, é importante que se diga que eles eram "pelo menos tão cruéis e tão fanáticos quanto os terríveis Mau Maus, e que os judeus se tinham declarado um partido beligerante, e que tinham agido como tal em toda a Europa."[68]

Por outro lado, convém ressaltar que as cadeias radiofônicas soviéticas e mesmo ocidentais "jamais perdiam uma oportunidade de instigar o fanatismo judeu europeu."[70]

Um jornal editado na França por nacionalistas judeus — o "Shem" —, publicou um notável artigo, em seu exemplar de 8 de julho de 1944, descrevendo as condições oferecidas pelos campos de concentração alemães. Esse artigo não fazia qualquer referência à câmaras de gás. Pelo contrário, dizia que a vida num campo de concentração "pode aparecer dura para um prisioneiro, enquanto que em outro ela parecia ser mais tolerável e num terceiro poderia haver condições de vida até bastante boas."[71]

Adiante, o artigo em questão acrescenta:

---

[69]Ibidem, p.115.

[70]Ibidem, p.115.

[71]Ibidem, p.115.

> "Em geral, os prisioneiros de todos os campos de concentração recebem um tratamento bastante razoável. As mulheres têm de fazer trabalho caseiro leve. Os homens trabalham na construção de estradas e em construções diversas, mas os operários habilidosos são usados em suas próprias profissões."[72]

É bastante estranho que esta opinião *insuspeita,* porque externada por um órgão judeu, tenha sido deixada de lado, no final da guerra, quando um "movimento orquestrado" criou o mito do *"extermínio".*

A questão dos reféns, isto é, da aplicação da pena de morte a cidadãos apanhados a esmo, pode suscitar a repulsa de muitas pessoas. Mas, convém recordar que no decorrer do Julgamento de Nuremberg "várias testemunhas depuseram confirmando que uma ordem escrita e assinada pelo general Eisenhover foi encontrada nos Montes Harz. Essa ordem mandava que para cada soldado americano morto, VINTE REFÉNS ALEMÃES fossem abatidos."[73]

Essa prática, certamente rigorosa, não se restringiu à Segunda Guerra Mundial. Muito mais recentemente, na Guerra do Vietnã, os norte-americanos cometeram atrocidades dessa natureza. O episódio de Mi Lay, que "consternou" o mundo, fez com que inúmeros militares fossem levados a julgamento. Como se sabe, embora "condenados" para acalmar o clamor dos defensores dos "direitos humanos", foram logo postos em liberdade-

---

[72]Ibidem, p.115/116.

[73]Ibidem, p.114.

XII - Os verdadeiros responsáveis peio extermínio

A balela dos 6 milhões de judeus mortos durante o transcurso da Segunda Guerra Mundial se desfez, desde o ano de 1951, quando as autoridades de ocupação norte-americanas publicaram seu relatório conclusivo sobre o número de pessoas mortas nos campos de concentração alemães. Como já foi visto, segundo o referido relatório, o número exato de judeus que pereceram nos campos alemães não pode ser levantado com absoluta precisão, mas está situado entre 500 a 600 mil pessoas.

Boa parte desses óbitos decorreram das causas enumeradas e examinadas no capítulo 10, ou seja, à dificuldade de adaptação, à carência alimentar, à precariedade da assistência sanitária, à promiscuidade, aos surtos epidêmicos e, até mesmo, aos bombardeios aliados. Outra parcela ponderável foi condenada à pena de morte por motivos vários, principalmente devido a participação em atividades de guerrilha e sabotagem. Um número bastante expressivo pereceu fora dos campos alemães, no interior dos guetos ADMINISTRADOS PELOS PRÓPRIOS JUDEUS.

Diversas obras escritas por autores judeus (como *Treblinka,* de Jean-François STEINER, e *Mila 18,* de Leon URIS), estão repletas de exemplos de como os próprios judeus contribuíram para o "extermínio" de seus irmãos.

Convém examinar esses depoimentos. Das páginas dessas obras anti-alemãs é possível extrair inúmeros fachos de luz que rompem a escuridão e desvendam mistérios. Mas, antes de fazê-lo, torna-se necessário aprofundar um pouco mais o estudo do "direito de matar".

O "estrito cumprimento do dever legal" é um dos institutos de exclusão da antijuridicidade reconhecido no mundo inteiro. A esmagadora maioria dos códigos penais — e entre eles se inclui o nosso —, reconhece que o sujeito que age sob a proteção dessa excludente não comete crime, mesmo que o ato por ele praticado esteja revestido de tipicidade.

Diz Anibal BRUNO:

> "Quem se encontra em estrito cumprimento de dever legal não comete crime. É evidente que não podem ser tidos por criminosos o carrasco que executa uma sentença de morte, o policial que detém um criminoso, o encarregado de prisão que o encarcera, embora matar alguém, privar a outrem da liberdade sejam fatos delituosos. A licitude da situação é manifesta. Muitos Códigos se dispensam mesmo de registrar expressamente esse caráter discriminante da obediência à lei, que os romanos já conheciam com suficiente latitude."[74]

Adiante, o famoso penalista brasileiro acrescenta:

> "O dever legal" é imposto por qualquer regra de Direito positivo, regulamento, disposição de caráter geral formulada por autoridade pública no domínio da sua competência. E compreende não só os deveres inerentes a um cargo ou função como os que incumbem a particulares."[75]

Com base nessa doutrina penal aceita universalmente, nenhum agente que executa uma sentença de morte determinada por instâncias superiores, legitimamente investidas do direito de julgar e atribuir penas, pode ser responsabilizado pelo ato de matar. Quem já ouviu falar que os carrascos das penitenciárias norte-americanas foram, alguma vez sequer, questionados em razão das penas de morte que aplicaram? A maioria dosjuristas internacionais reconhece a ilegalidade do Julgamento de Nuremberg, mas ninguém questiona a ação do carrasco que executou os líderes nacionais-socialistas. E isto porque, se houve ilegalidade, esta foi dos responsáveis pelo "julgamento", e não do carrasco que executou as penas. Este último agiu sob o manto protetor do ESTRITO CUMPRIMENTO DO DEVER LEGAL.

Esta conclusão lógica evidencia que os julgamentos de *"criminosos de guerra alemães"* — como Ziereis, Rudolf Hoess, Franz Stangl, e mesmo Eichmann — foram totalmente ilegais, pois eles NADA DECIDIAM. Eles apenas EXECUTAVAM ORDENS. E se no cumprimento das missões que lhes eram atribuídas, ordenavam ou mesmo executavam pessoas, faziam-no sob a proteção do ESTRITO CUMPRIMENTO DO DEVER LEGAL.

Houve, todavia, pessoas — e não foram poucas! —que partici-

---

[74] Anibal BRUNO. *Direito Penal,* Tomo 2, p.7.

[75] Idem, p.8.

param das mortes ocorridas nos campos de concentração alemães, sem o manto protetor do ESTRITO CUMPRIMENTO DO DEVER LEGAL. Pessoas que deveriam ter sido conduzidas ao banco dos réus e jamais o foram! Muito pelo contrário, a maioria delas ali compareceu na qualidade de testemunhas, apontando os alemães como culpados!

Por mais estranho e paradoxal que possa parecer, os que tinham a proteção do direito para executar penas de morte, não apenas foram levados ao banco dos réus, mas também condenados, enquanto as "testemunhas", que contribuíram para as mortes, sem qualquer apoio legal, nada mais fizeram do que aumentar o grau de desmoralização dos pseudo-tribunais, passando incólumes por todos eles. Mas do que isto: ganharam dos "estoriadores" auréolas e galardões que, normalmente, só são outorgados aos heróis.

Esta vergonhosa realidade salta aos olhos de qualquer leitor perspicaz, que não se deixe levar pelas falsas aparências e pelas mentiras engendradas.

Examinemos os fatos, a partir do relato de autores "insuspeitos", como Jean-François STEINER e Leon URIS, além do brasileiro Marcos MARGULIES.

Leon URIS, em "Mila 18", faz referência ao Governo Civil Judaico (Judenrat), instalado em Varsóvia, após a vitória alemã sobre os poloneses:

> "Como membro do conselho executivo do Governo Civil Judaico, Paul Bronski tinha diversos privilégios e imunidades. A ração para sua família era igual à de um oficial polonês, maior que a ração judaica em mais da metade desta."[76]
>
> "Os ricos têm possibilidades de se arranjarem. Há um violento comércio de ouro, jóias e papéis falsos arianos. Todos, nas classes superiores, LUTAM POR SI MESMOS."[77]
>
> "Max Kleperman era um produto dos cortiços. Aprendeu, com tenra idade, que era mais fácil viver à custa dos seus semelhantes do que—Deus lhe perdoe! — vergando as costas num trabalho honesto. (...) Quando os alemães invadiram a Polônia, Max ficou triste porque ninguém gostava dos germânicos. Todavia, era um homem realista. Seu passado tornava-o perfeito para o tipo de negócio que estava florescendo—mercado negro, contrabando, câmbio. Na verdade, nunca as oportunidades foram tão amplas. (...) Com licença para operar, Max Kleperman reuniu em torno de si a mais imoral quadrilha de trapaceiros de Varsóvia.Os tentáculos de seu rendoso negócio abriam-se em todas as direções."[78]

Max Kleperman e sua "quadrilha de trapaceiros", segundo a visão de Leon URIS, não eram ALEMÃES, mas JUDEUS, como aliás ocorria com todos os membros da firma designada "Os Sete Grandes."

Mas, afinal de contas, o que significava e o que fazia a firma de Max Kleperman? Deixemos que Leon URIS o diga:

> "A principal fonte de renda era a venda de proteção. Se um pai ou um filho era surpreendido vagando na rua por um grupo alemão encarregado da arregimentação de trabalhadores, e enviado para os campos de trabalho, fora de Varsóvia, Kleperman se encarregava de arranjar uma libertação mediante o pagamento de certa remuneração."[79]

A "quadrilha" de Kleperman simplesmente prendia outro judeu pobre, que não estava em condições de "pagar por sua proteção", e trocava-o, com os alemães, pelo que fora resgatado a peso de dinheiro.

Vejamos o que diz Leon URIS, mais adiante:

> "Era na área dos resgates que Max Kleperman posava de benfeitor do povo. Quando vinham até ele pedir pela libertação de um parente, Max tratava-os com grande simpatia, durante todo esse tempo avaliando o quanto poderia arrancar. Dizia-lhes que seria necessário muito dinheiro para realizar um acordo com os alemães. Há honra entre os ladrões. Max recusava pagamento até que obtivesse a libertação. (...) Possuir

---

[76]Leon URIS. Mila 18, p.174.

[77]Idem, p.260.

[78]Ibidem, p.267/270.

[79]Ibidem, p.270.

bens era um prêmio para os judeus e Kleperman era capaz de alugar e vender a preços astronômicos, pretendendo "prestar um favor" aos bastante abastados."[80]

Enquanto em alguns prédios dezenas de pessoas se amontoavam em um único cômodo, noutros reinava o fausto e a riqueza. Eram os alemães responsáveis por isso? Desde o instante de sua implantação, o Gueto de Varsóvia foi administrado exclusivamente pelos judeus. Eles criaram o seu Judenrat, a sua própria polícia, e permitiram que Max Kleperman e seus asseclas instalassem ali uma autêntica "máfia judia".

A Milícia Judaica, que dava cobertura ao Judenrat e à organizações como "Os Sete Grandes", era chefiada por um antigo subalterno da Prisão Pawiak — chamado Piotr Warsinski, que possuía uma longa reputação de brutalidade para com os prisioneiros.

Diz Leon URIS:

> "Warsinski reuniu à sua volta a ralé da sociedade judaica. Homens e mulheres de mentalidade estreita, com registros criminais, sem consciência. Receberam grossos cassetetes, braçadeiras, capacetes azuis e botas pretas, o símbolo do poder. Receberam rações especiais e acomodações privilegiadas para eles e suas famílias."[81]

A fome matava milhares de pessoas no gueto, onde velhos e crianças eram abandonados nas calçadas. Mas a falta de alimentos não era provocada pelos alemães. Estes distribuíam as rações por intermédio do Judenrat, que recebia o total correspondente às necessidades. A Gestapo, em uma batida realizada no interior do gueto, localizou várias toneladas de alimentos estocados em esconderijos secretos. Os membros do Judenrat vendiam os alimentos por preços exorbitantes, criando a situação de fome crônica reinante. Enquanto vários milhares morriam de inanição, algumas centenas de privilegiados obtinham fabulosos lucros.

O Gueto de Varsóvia tinha duas faces: a da miséria dos espoliados, cujos corpos esqueléticos desfilavam pelas ruas que eram reservadas aos que não tinham bens ou fortuna, e a do fausto dos privilegiados. Deixemos que Leon URIS descreva os dois extremos:

> "—Quer a companhia de uma jovem? Uma agradável virgem de uma boa família hassídica... Apenas cem zlotys...
>
> Uma longa fileira de esfarrapados e famintos seres humanos organizava-se para receber o caldo aguado e insípido de uma cozinha. Um velho morre na sarjeta. Ninguém se importa com ele.
>
> Uma criança senta-se, apoiada a um muro, coberta de chagas e de mordidas de piolho, queimando de febre, gemendo penosamente. Ninguém olha.
>
> Enquanto isso, os "reis" dos Sete Grandes, com farinha, carne e vegetais, faziam tranqüilamente os seus negócios, em murmúrios ao longo dos muros, nas alcovas, nos pátios.
>
> Nas ruas, amontoavam-se os cadáveres..."[82]

Mas o Gueto de Varsóvia não é só miséria, sofrimento, lágrimas e morte:

> "Os bordéis arrecadavam uma fortuna; cerveja, vodca e conhaque escorriam nas tavernas e até mesmo as antigas prostitutas que faziam "trottoir" arranjavam uma inesperada mina de ouro.
>
> Muitos músicos de Varsóvia eram judeus. Soldados alemães e suas mulheres visitavam o gueto a fim de dançar e se divertir num dos cinqüenta clubes noturnos, dirigidos principalmente pelos Sete Grandes..."[83]

Os alemães assistiam impassíveis ao desmando e espoliação por que passavam os judeus? O que diz Leon URIS a este respeito?

> "A comida chega todos os dias ao Transferstelle. Simplesmente não chega a ser distribuída para todos. Os órgãos judeus que controlam o gueto apoderam-se

[80] IbIdem, p.271.

[81] Ibidem, p.276.

[82] Ibidem, p.359/360.

[83] Ibidem, p.339.

de tudo. Os membros do Judenrat distribuem entre si as cotas que pertencem à comunidade. Os Sete Grandes têm o controle virtual das padarias licenciadas. Os padeiros são os "reis" do gueto.

Desnecessário dizer que os Sete Grandes possuem a mais lucrativa e a mais altamente organizada equipe. Todavia, vez por outra cometem erros e são apanhados. Sempre que os alemães capturam um contrabandista dos Sete Grandes, imediatamente o fuzilam."[84]

Quando as tropas alemãs atacaram os revoltosos do Gueto de Varsóvia, de uma população inicial de 500 mil pessoas, existiam, segundo estimativas oficiais, pouco mais de 60 mil.

Parece,desnecessário justificar o porquê de tantas mortes...

Mas por qual razão os alemães atacaram o gueto?

Eles tiveram a intenção de "exterminar" judeus?

Não é preciso recorrer a autores pró-alemães. Continuemos examinando o texto de Leon URIS:

"Durante semanas a Gestapo estivera vigiando os movimentos de Tommy Thompson, na Embaixada Americana, na Cracóvia. Conheciam as suas simpatias e estavam convictos de que ele passava informações para os judeus. A Gestapo deixou-o prosseguir, na esperança de que poderiam seguir seus contatos com êxito e romper o anel que se estendia até Varsóvia. (...) Desde o momento em que Thompson passara um pacote de oito mil dólares para Wanda, a mensageira do grupo sionista "Bathyran", estavam de olho nela. (...) Alguns instantes após Rebeca Eisen, conhecida como Wanda, ter-se desembaraçado do pacote de dólares e ser presa, as quarenta e duas pessoas que estavam na Praça da Cidade Velha (situada fora da área do gueto) foram cercadas e detidas para interrogatórios. Quatro judeus disfarçados foram encontrados entre elas. Um deles foi identificado como o contato de Rebeca Elsen, ou Wanda. (...) Além do armamento adquirido através dos poloneses, montou-se um vasto arsenal de bombas de fabricação doméstica e granadas produzidas a partir de canos de água pelo químico Jules Schlosberg."[85]

Ora, o leitor não precisa ser perito em assuntos militares para perceber que tais atividades constituíam a mais pura forma de preparação para a guerrilha urbana. Quando os alemães atacaram o Gueto de Varsóvia não tiveram em mira o "extermínio" de JUDEUS, mas de GUERRILHEIROS. E a ação repressiva levada a cabo pelos alemães estava perfeitamente enquadrada na legislação militar. Os guerrilheiros judeus do Gueto de Varsóvia não se limitavam a um punhado de homens. Eles tinham um efetivo composto de dezenas de milhares de "fanáticos", que resistiram por três semanas a tanques, canhões e armas automáticas.

No Gueto de Vilna a história, conforme Jean-François STEINER, não foi diferente:

"Com a descoberta de uma mensagem cifrada à Organização Unida dos Guerrilheiros, trazida por duas moças judias presas na estação de Malkinia, os alemães descobriram a existência, no Gueto de Vilna, de uma célula de guerrilheiros. (...) Naquela noite, grupos furtivos deslizaram pelos esgotos para fora do gueto para se juntarem a Mordecai Tenenbaum, que reunia na floresta o primeiro núcleo do que iria ser a União dos Guerrilheiros. (...) Nenhum dos participantes contava mais de vinte anos. Todos eram integrantes das Juventudes Sionistas e consideravam que tudo que pudesse acontecer aos judeus da Diáspora não lhes dizia respeito, que a vida deles e todos os seus esforços deviam ser orientados no sentido do país de Israel."[86]

Cabe aqui abrir um parêntese para recordar as palavras de Hussein Zulficar SABRI, o Deputado pela Assembléia Nacional da República Árabe Unida, por ocasião do "julgamento" de Adolf Eichmann: "Os judeus mortos foram SACRIFICADOS DELIBERADAMEN-

---

[84]Ibidem, p.367/368. 367/368.

[85]tbidem, p^17/320/453.

[86]Jean-François STEINER. Op. cit. p.46/47/50.

TE PELOS SIONISTAS, EM PROL DE SEU IDEAL MAIOR: A CRIAÇÃO DO ESTADO DE ISRAEL".

Mas, continuemos a examinar a obra de Jean-François STEINER:

> "Nascera a idéia da resistência armada. A juventude sionista dispusera-se a lutar. (...) Paralelamente ao trabalho interno de propaganda, entrara-se em contato com todas as outras organizações "Paole Sion" (Partido Operário Sionista Socialista), "Bund" (Socialista não Sionista), "Betar" (Juventude Sionista Extremista) e comunistas. (...) A organização puramente militar do movimento foi estabelecida alguns dias depois. Compunha-se de um estado maior de cinco pessoas. (...) — E a retirada estratégica? —perguntara alguém, no decorrer da discussão. A resposta de Wittenberg foi seca e decisiva: —Não fazemos estratégia, fazemos a guerra."[87]

É perfeitamente compreensível que os alemães tenham agido com rigor em Vilna, tal como ocorreu em Varsóvia. O Gueto de Vilna era um barril de pólvora, repleto de guerrilheiros, dispostos a tudo.

O leitor desavisado há de questionar, a esta altura, por que os alemães "inventaram" os guetos, isolando as comunidades judaicas?

O gueto (ou "ghetto") não é uma "invenção" alemã. "Borghetto", em italiano, significa um pequeno burgo. A partir desta definição, o Oxford Dictionnary afirma que a palavra gueto tem origem no diminutivo italiano. Outros rejeitam esta colocação, afirmando que a palavra se origina do termo hebraico "guet", que significa divórcio, separação. Aceito, pois, do hebraico, o termo teria sido latinizado para passar a significar, popularmente, o muro, o limite, a barreira que circunda o bairro judaico, separando-o do resto da cidade. Até mesmo o Papa Pio IV, em sua bula de 27 de fevereiro de 1602, utilizou o termo no sentido hebraico, quando autorizou os judeus romanos a abrirem lojas *"extra ghectum septum hebraicum"*.

Qualquer que seja, porém, a origem etimológica do termo e de seu emprego, o fato é que os alemães nada têm a ver com isso. A instituição nasceu com os primórdios do cristianismo. No gueto, desde os mais remotos tempos, o judeu estava sujeito à legislação que lhe impunha a compulsória maneira de trajar, facilmente identificável.

Os alemães não inovaram ao segregar os judeus nos guetos europeus. Eles apenas repetiram uma tradição que se reproduzia, no continente, por séculos a fio.

Os "guerrilheiros" sobreviventes de Vilna, Varsóvia, e de outros guetos onde os sionistas se armaram, indiferentes à sorte dos demais, foram transportados para os três campos do Bug. Certamente a maioria deles foi condenada à pena máxima, procedimento CORRETO, segundo a legislação militar. O fato de terem sido fuzilados ou gaseados é irrelevante.

O que importa é examinar alguns aspectos *ignorados* pelos estoriadores, cuja preocupação única é inculpar os alemães pelas mortes ocorridas.

Se os judeus foram responsáveis pela morte de centenas de milhares de seus congêneres de sangue no interior dos guetos, ou pela espoliação ou pelo envolvimento em guerrilhas, o mesmo ocorreu no recinto dos campos. Ali, indiferente à sorte dos condenados à morte que chegavam nos trens, dançava-se, cantava-se, montavam-se teatros e, como não poderia deixar de ser, continuava-se a *amealhar bens alheios.*

Jean-François STEINER, apesar de ter pretendido escrever uma obra anti-alemã, acabou discerrando as cortinas de uma realidade bem diferente da que inicialmente tinha em mira. Das páginas de "Treblinka" salta aos olhos uma ignomínia: foram os próprios judeus que contribuíram para o "extermínio" dos condenados. Judeus que, tal como ocorrera entre os muros dos guetos, preferiram pagar qualquer preço para sobreviver. Não custa repetir o que já se disse anteriormente: OS ALEMÃES TINHAM O "DIREITO DE MATAR", mas OS JUDEUS NÃO GOZAVAM DESSE "DIREITO".

Em todos os campos de concentração alemães, os blocos eram administrados por "kapos" da mesma nacionalidade de seus ocupantes, os quais dispunham de uma Polícia KZ, através da qual mantinham a ordem e a disciplina. Louis MARSCHALKO e mesmo os autores comprometidos com a divulgação do "extermínio" citam inúmeros exemplos de brutaiidades gratuitas praticadas por judeus no desempenho de missões administrativas. A Polícia Judaica dos KZ escreveu páginas e páginas de terror, muitas vezes sacrificando

---

[87]Idem, p.46/47/49/50/54/56/57/59/60.

vidas. Os nomes de muitos desses "carrascos" constou da lista de testemunhas de processos *contra os alemães.* E, no entanto, eles próprios haviam torturado e matado os seus irmãos.

O organograma de Treblinka, por exemplo, conforme Jean-François STEINER, "previa um Comandante judeu, dois "kapo-chefes" (um por campo), e ainda um "kapo" assistido por dois contra-mestres, por comando."[88]

O sobrevivente de Sobibor Stanislaw SZMAJZNER, recentemente falecido no Brasil, narra os episódios coincidentes com a chegada dos comboios de deportados. Segundo ele, sempre que isto ocorria, OS prisioneiros *se banqueteavam com iguarias e bebidas das mais variadas espécies.* Em outras palavras — apoderavam-se de bens que não lhes pertenciam, como vinha ocorrendo desde o período passado no gueto. Ainda que SZMAJZNER tenha sido "réu confesso" do crime de espoliação, foi levado a Düsseldorf, como testemunha no processo movido contra Franz Stangl (o comandante de Treblinka e Sobibor). É conveniente recordar que, por prática semelhante àquela cometida por SZMAJZNER, os alemães haviam fuzilado, em Varsóvia, vários membros de "Os Sete Grandes".

Eis o que disse Stanislaw SZMAJZNER no curso de uma entrevista concedida a Gitta SERENY:

> "Claro que éramos corrompidos. A única coisa que contava era viver. Lembro-me da nossa raiva quando os comboios chegavam do Leste e não do Oeste. Os que vinham da Alemanha, Holanda, Áustria e Hungria, nos traziam roupas e todas as espécies imagináveis e inimagináveis de iguarias. Podíamos escolher o que preferíssemos..."[89]

E noutra oportunidade:

> "(...) não nos faltava nada para nossa sobrevivência. Pelo tempo em que os comboios chegaram, tivemos toda a comida do mundo, tudo o que pudéssemos sonhar."[90]

---

[88]Ibidem, p.104.

[89]Gitta SERENY. *No Meio das Trevas,* p.116.

[90]Idem, p.113.

Jean-François STEINER não consegue fugir, como Leon URIS, da "amarga realidade": os judeus continuaram a agir em Treblinka do mesmo modo como o fizeram no gueto, isto é, explorando seus próprios irmãos.O quadro descrito por Stanislaw SZMAJZNER para Sobibor se repete em Treblinka:

> "Um dia em que Kurt Franz, desocupado, passava diante de uma antiga barraca, teve sua atenção despertada por cochichos e um rumor abafado de alguma coisa que raspava. Pensou imediatamente num túnel. Sem fazer o menor ruído, esgueirou-se até junto da porta. Não havia prisioneiros no interior da barraca, como chegara a pensar, mas dois guardas ucranianos. Sacou a pistola do bolso e, empunhando-a, abriu a porta com um pontapé. O estupor grudou ao solo os dois homens que, paralisados, viram-no entrar. Os ucranianos tinham entre as mãos uma pequena enxada; em torno deles, a terra estava revolvida como se acabasse de ser trabalhada.
>
> — Que diabo estão fazendo aqui? — perguntou Kurt Franz.
>
> Aterrorizados e incapazes de pronunciar uma palavra, os ucranianos fitavam o oficial SS. Um deles abriu a mão esquerda e estendeu-a diante de si. Na semi-obscuridade reinante, ela refulgia com o brilho amarelado do ouro ao qual se mesclavam alguns reflexos de diamantes.
>
> — Raios me partam! —exclamou Kurt Franz, compreendendo aos poucos do que se tratava. Sentia-se transtornado ao constatar que os jueus haviam ousado, dentro do próprio recinto de Treblinka, roubar os pertences de seus irmãos.
>
> Por um instante, assaltou-o a tentação de eliminar os dois ucranianos, mas interessava-lhe saber se fazia muito tempo que costumavam vir desenterrar o ouro escondido pelos judeus.
>
> — Dois meses — responderam, trêmulos.
>
> — Desde a manhã seguinte em que os judeus desocuparam as barracas?
>
> — No dia mesmo — balbuciou um deles.
>
> O resultado das escavações a que fez proceder

então foi impressionante: quarenta quilos de ouro e de pedras preciosas e muitas centenas de milhares de dólares e de zlotys. Quase igual quantidade de ouro e dinheiro foi recuperada junto aos ucranianos.

O caso poderia ter-se encerrado ali, quando lhe ocorreu a idéia de mandar revistar os prisioneiros.

(...) Quando o milheiro de prisioneiros encontrou-se alinhado em cinco fileiras, Kurt Franz surgiu. Sem uma palavra, aproximou-se do primeiro homem da primeira fila e ordenou-lhe que esvaziasse os bolsos. Acontece que aquele prisioneiro não trazia ouro consigo, e o oficial SS pôs-se a percorrer as fileiras, detendo-se diante de cada um. Entrementes, a notícia e motivo da revista espalharam-se pelas fileiras. Não foi encontrado ouro ou qualquer valor em poder do segundo homem, nem tampouco do terceiro e do quarto. Ao chegar ao décimo, Kurt Franz começou a ter dúvidas, primeiramente contra às próprias suspeitas e depois quanto à eficácia da revista. Ao chegar ao vigésimo, desistiu. Ia dar ordem para debandar quando teve idéia de fazer os homens recuarem alguns metros.

—Cinco passos à retaguarda, marche!—comandou, e a massa recuou em sacudidelas ritmadas. A superfície que ocupava momentos antes lembrava um gramado de parque após um piquenique de colegiais; apenas, os papéis amassados eram aqui notas de banco, e os reflexos amarelos estavam longe de ser botões extraviados ou cintilações irisadas de gotas de orvalho..."[91]

Para um "campo de extermínio", como apregoam os estoriadores, Treblinka era dotada de características bastante singulares. O ambiente que ali reinava pouco tinha de tétrico, infernal ou assemelhado a uma "fábrica de morte". Se Treblinka foi, em realidade, um "campo de extermínio", os judeus que sobreviveram ao "massacre" muito têm a explicar para o mundo.

Eis como STEINER descreve o ambiente de Treblinka:

"Os ensaios começaram imediatamente. A uma simples requisição de Gold, os prisioneiros selecionados para a orquestra podiam ser dispensados do trabalho.

(...) A orquestra não tardou a tornar-se de primeira qualidade.

(...) De um momento para outro, Treblinka transformou-se num pensionato às vésperas da grande festa anual.

(...) O espetáculo estava prestes a ser lançado quando chegaram os boxeadores. Pertenciam a dois antigos clubes esportivos cuja rivalidade fizera as delícias da população judia de Varsóvia antes da guerra: o Macabeus e o União Esportiva.

(...) Treblinka tornara-se então "louca pelo boxe"; nas suas próprias palavras, um dos sobreviventes conta que "durante as noites livres, era comum ver-se, no pátio, os homens reunidos em grupos em volta de idiotas que, olhos pisados e nariz inchado, esmurravam-se um ao outro, sem piedade."

(...) Os judeus de Treblinka vão às lutas de boxe, como se estivessem em sua cidadezinha natal, armados de uma provisão de amendoins e de tomates podres. Divididos em dois campos de torcedores, lançam gritos de encorajamento ao seu favorito e injúrias ao adversário.

(...) Algumas crianças, filhas de Hofjuden, aparecem trazendo programas, que são distribuídos entre o público.

(...) Como número inicial, Salver entoa a ária principal de Lohengrin. Treblinka-Bayreuth estremece, comovida, ante a dor do infeliz Lohengrin.'*[2]

O mínimo que se poderá dizer é que os judeus de Treblinka tinham lágrimas para derramar por Lohengrin, enquanto assistiam impassíveis ao "massacre" de seus irmãos.

Sobre a flagrante ilegalidade dos julgamentos dos comandantes e funcionários dos campos de concentração alemães, é preciso acrescentar mais uma circunstância de fundamental importância: tanto o "Manual Britânico de Leis Militares" como o "Basic Field Manual Rules of Land Warfare", dos norte-americanos, eram taxati-

---

[91]Jean-François STEINER. Op. cit. p.180/184.

[92]Idem, p.304/311.

vos no que tange ao *cumprimento de ordens superiores.*

O Manual Britânico, datado de 1929, em seu Capítulo XIV, diz o seguinte:

> "É importante observar-se que os membros das forças armadas que cometem violações dos reconhecidos regulamentos militares, desde que ordenadas por seu Governo ou pelos comandantes, *não são criminosos de guerra e não podem, absolutamente, ser punidos pelo inimigo."*

Já o "Basic Field Manual Rules of Land Warfare", dos norte-americanos, preceitua:

> "Os indivíduos das forças armadas não serão punidos por quaisquer delitos, no caso de serem eles cometidos sob ordens ou sanção do seu Governo ou de seus comandantes."

Em abril de 1944, os ingleses mudaram a redação deste preceito, o mesmo ocorrendo com os norte-americanos, em novembro daquele ano, certamente para adaptarem seus regulamentos ao que fora acordado em Teerã, onde os Três Grandes haviam decidido punir os "criminosos de guerra nazistas". Em outras palavras, mudou-se a lei APÓS A TEÓRICA CONSUMAÇÃO DOS FATOS, ferindo o tradicional e internacionalmente reconhecido princípio de que *"não há crime sem lei anterior que o defina, nem pena sem prévia cominação legal"* (Nullum crimen, nulla poena sine lege).

É com base neste inconteste atropelo ao direito, que muitos afirmam, com sobradas razões, que o Julgamento de Nuremberg e todos os que o sucederam, tendo com réus antigos membros do Governo alemão, do partido nacional-socialista, das forças armadas, dos órgãos de repressão, e mesmo de simples funcionários do regime, não passaram de um *linchamento,sem* qualquer fundamento legal.

CONCLUSÃO

Não é preciso acrescentar muitas palavras ao que se procurou demonstrar até aqui. O leitor arguto há de ter chegado à conclusões próprias. Conclusões que levam a admitir o exagero e a falsidade com que os "estoriadores" discorrem sobre o "extermínio" ou "holocausto judeu". E pôde constatar que o exagero e a falsidade não se restringem às cifras,mas procuram mascarar, principalmente, as causas que determinaram a morte de tão grande número de pessoas.

Os 500/600 mil judeus mortos durante o transcurso da Segunda Guerra Mundial representam uma cifra bastante inferior àquela comumente propalada (6 milhões), mas ainda assim merecedora de estudos por parte dos historiadores. Por que teriam morrido estas cinco ou seis centenas de milhares de judeus?

Em primeiro lugar, é preciso compreender que essas mortes ocorreram numa situação muito especial: os judeus estavam em guerra com a Alemanha nacional-socialista, seja através de ações concretas de sabotagem ao esforço de guerra alemão ou empreendimentos de guerrilhas, seja por meio de uma ação sub-reptícia dos agentes sionistas infiltrados nos governos inimigos da Alemanha, principalmente da União Soviética e dos Estados Unidos. Estando em guerra, os judeus haveriam de apresentar sua quota de sacrifício em vidas humanas, como de resto ocorreu com todos os beligerantes que tomaram parte do conflito.

Se for levado em conta o fato de que os judeus eram, em realidade, os principais adversários do governo nacional-socialista alemão, conclui-se que sua quota de sacrifício em vidas humanas foi sensivelmente menor do que a de outros beligerantes. Não foram os judeus, de modo algum, os maiores sacrificados da Segunda Guerra Mundial. Outros povos jogados na hecatombe sangrenta, pelos verdadeiros condutores da política européia, pagaram um preço muito mais caro.

As perdas judaicas estiveram subordinadas às causas exaustivamente examinadas no curso deste trabalho de pesquisa bibliográfica: um bom número de judeus encontrou a morte nos guetos, onde imperou a exploração das massas pelas minorias administrativas, interessadas apenas em auferir lucros à custa dos internos; outros morreram durante os transportes ferroviários, realizados no curso das deportações para o Leste, pois estes se faziam em

condições pouco favoráveis (devido não a "maldade dos alemães", nem a deliberada intenção de "matar os deportados", mas à precariedade dos transportes e à longa lista de prioridades de uma nação submetida a uma guerra total); morreram outros nas retaguardas das inúmeras frentes de batalha, na frente russa, onde os judeus agiam infiltrados nos bandos de guerrilheiros e sabotadores; morreram outros, ainda, nos campos de concentração, para onde eram mandados os guerrilheiros urbanos de Varsóvia, de Vilna, e de outras cidades, sentenciados à pena de morte; morreram, também, nos campos de concentração, simples prisioneiros, em conseqüência de doenças, da carência alimentar, das dificuldades de adaptação, ou mesmo sentenciados por infração dos regulamentos.

Muitas das estórias contadas pelos pretensos historiadores chegam aos limites do ridículo e, por isso mesmo, são facilmente desmascaradas (ver a ilustração a seguir). Outras, porém, têm persistido no tempo, apesar do dito popular de que "mentiras têm pernas curtas".

Ziereis, o Comandante de Mauthausen, inspeciona um dos muitos locais de trabalho. Dezenas de "depoimentos" de ex-internos afirmam que o ato de fumar durante o horário dos trabalhos era punido com a pena de MORTE. Observe-se o prisioneiro que está voltado para o Comandante.

> "Quanto mais mortos no fim da jornada de trabalho, tanto maior o bom-humor de Zierefs."[93]
>
> "Matava-se em Mauthausen por motivos absurdos, como: não correr como devia no caminho que vai para as latrinas, cozinhar batatas ou fumar durante o trabalho."[94]

Dados "históricos", como os apresentados pelo brasileiro Marcos MARGULIES, são dignos de menção:

> "As experiências revelaram-se satisfatórias: todos os presos políticos poloneses morreram em poucos minutos, ENCERRADOS NOS 16 BARRACÕES DE MADEIRA, SOB O EFEITO DO GÁS ASFIXIANTE."[95]

Só quem desconhece as dificuldades técnicas de uma câmara de gás poderia acreditar em tamanho absurdo! Aliás, com a publicação do Relatóro Leuchter, os "contadores de estórias", entre os quais certamente se perfila MARGULIES, terão de revisar suas "informações", sob pena de caírem no ridículo.

A capacidade dos crematórios de Birkenau, tema de análise científica por parte de Fred A. Leuchter, foi examinada no corpo deste trabalho. Foi possível verificar que a capacidade máxima de incineração de corpos no complexo Auschwitz-Birkenau era de *354 corpos a cada vinte e quatro horas.* Pois, à revelia da lógica científica, Marcos MARGULIES emite a seguinte "preciosidade" de informação:

> "Os quatro crematórios de Birkenau eram realmente modernos. Cada qual dispunha de cinco fornos, com fogões poderosos. A sua capacidade, considerando-se o tempo necessário para a limpeza, era de queima de *12 mil cadáveres por dta..."*[96]

---

[93] Karl WEBER. In: Christian BERNADAC. *Os 186 Degraus,* p.43.

[94] Hans KANTHAK. In: Christian BERNADAC. Op. cit. p.168/169.

[95] Marcos MARGULIES. Gueto de Varsóvia, p.70.

[96] Idem, p.80.

E mais adiante, este verdadeiro absurdo:

> "Com o decorrer do tempo, os operadores de fornos adquiriram mais prática. A capacidade dos fornos foi dobrada: quemavam-se agora *24 mil corpos por dia.*"[97]

Mas os absurdos não param por aí. Adiante, prossegue o referido autor:

> "Além de Auschwitz existiam ainda na Polônia ocupada pelos nazistas 479 campos de concentração e EXTERMÍNIO que não alcançaram tanta fama. Dos quase 3.500.000 judeus que habitavam a Polônia em 1939, mal sobraram, em 1945, 100 mil."[98]

Ainda hoje, quando se caçam "nazistas matadores de judeus", poucos se dão conta dos verdadeiros responsáveis pelas vidas que se perderam sem necessidade. Ninguém procura dar caça aos especuladores do Gueto de Varsóvia, responsáveis por milhares de mortes ocasionadas pela inanição. Muito menos se procura responsabilizar os grupos sionistas que levaram a guerrilha para o interior dos guetos, obrigando os alemães a intervir. De quando em quando "escapa" uma informação como esta de Jean-François STEINER:

> "Wittemberg chegou ao local onde o seu estado-maior se reunira, minutos após o final do discurso. Todos já sabiam do seu conteúdo. Na rua, os transeuntes haviam desviado os olhos ao cruzar com ele.
>
> (...) —É preciso elaborarmos uma tática—disse o líder sionista.
>
> (...) Do lado de fora, ouviam-se gritos esparsos: "Morra Wittemberg!"
>
> — A população vai considerar-nos responsáveis pelo seu massacre— alvitrou alguém.
>
> — Pouco me importa. O que me interessa é que os judeus se revoltem."[99]

---

[97]Ibidem, p.81.

[98]Ibidem, p.89.

[99]Jean-François STEINER. Op. cit. p.72/73.

Wittemberg, como outros líderes sionistas, tinha em mira um fim último que, no seu entendimento, compensava qualquer número de vítimas: a criação do Estado de Israel. Na verdade, muitos judeus lutavam por este ideal, enquanto outros procuravam tão-somente locupletar-se à custa de seus irmãos de sangue. Neste último caso, distinguiram-se organizações como a dirigida por Max Kleperman ("Os Sete Grandes"), responsáveis diretas pela fome e pelos surtos epidêmicos que dizimaram os habitantes dos guetos.

Aliás, segundo Leon URIS, no Gueto de Varsóvia todos cantavam uma modinha que dizia:

> "Não esconda o seu anel de ouro, mãe,
> Suas oportunidades são quase nulas,
> Pois, se alguém antes não o encontrar,
> Kleperman, o "goniff" o fará..."[100]

Os guerrilheiros de Wittemberg e de outros líderes da guerrilha judaica sacrificaram vidas, indiscriminadamente, pela causa sionista — ou seja, pela criação e consolidação do Estado de Israel. Por outro lado, Max Kleperman e toda uma vasta gama de seguidores, espalhados pelos guetos e pelos campos de concentração, fizeram-no em causa própria. Aliás, quando se vê, nos dias atuais, um personagem de preto que faz parte da "Escolinha do Professor Raimundo", a figura de Max Kleperman ganha vida e surge revigorada pelo toque mágico de quem tão sabiamente a criou. E de seus lábios poderiam, muito bem, sair as seguintes palavras: *"Mais vale o sacrifício de algumas centenas de milhares de judeus, do que sofrer um prejuízo no bolso..."*

---

[100]Leon URIS. Op. cit. p.267.

Posfácio

Conforme se encontra fartamente documentado no apêndice da 2ª edição de *Acabou o Gás!... O Fim de um Mito,* uma das já laureadas publicações da Editora Revisão Ltda., por insistência de seus leitores, S. E. CASTAN resolveu empreender uma pesquisa de campo que vinha sendo por ele planejada desde o ano de 1987. 0 referido trabalho consistiria numa visita aos antigos campos de concentração de Majdanek, Auschwitz e Birkenau — todos eles localizados em território polonês —, por uma comissão integrada por 8 membros (1 Deputado Federal, 1 Oficial Superior do Exército, 1 Professor de História, 1 Engenheiro Civil, 1 Engenheiro Químico, 1 Repórter, 1 Intérprete, além do organizador), com a finalidade de examinar, oficialmente, as instalações onde teriam funcionado as alegadas câmaras de gás.

Na correspondência enviada ao Consulado Geral da Polônia, S. E. CASTAN se propunha a CONFIRMAR ou DESMENTIR, definitivamente "as tenebrosas histórias sobre as câmaras de gás, que enchem as bibliotecas, livrarias e os lares, quase que diariamente, pela televisão."

Ao solicitar autorização para a pretendida visita, o autor e editor revisionista informava que não desejava que o seu trabalho de investigação científica fosse feito à revelia do Governo polonês, como ocorrera por ocasião da visita do engenheiro norte-americano Fred A. Leuchter Jr., que retirara material destinado a exame sem o conhecimento das autoridades daquele país.

Depois de marchas e contra-marchas, o Sr. Mieczyslaw Klimas, Cônsul Geral da Polônia, em Curitiba-PR.em correspondência datada de 27 de janeiro de 1989, informava que *não havia interesse em que a visita fosse concretizada,* porque a "Comissão Central das Pesquisas Sobre Crimes Nazistas na Polônia" considerava o assunto *encerrado,* "sendo desnecessário provar hoje mais uma vez a *responsabilidade alemã."*

Com data de 8 de fevereiro de 1989, S. E. CASTAN refutava as alegações do Consulado Polonês, ponderando que com o passar do tempo, muitos dos "dogmas históricos" relativos ao "extermínio" têm sido desfeitos — como o total de "vítimas" de Auschwitz-Birkenau —, o que por si só justificaria sua pretensão. Além disso, informava que estaria enviando, oportunamente, um exemplar do Ivro *"O Massacre de Katyn",* no qual era comentado e descrito, em detalhes, *o assassínio, perpetuado pelos SOVIÉTICOS, contra*

milhares de oficiais poloneses, fato que a historiografia oficial polonesa vinha atribuindo, há mais de quatro décadas, aos *alemães.*

No dia 13 de março de 1989, pouco mais de um mês depois da correspondência enviada ao Consulado Polonês, ocorria uma virada histórica de 180 graus na atitude do Governo daquele país em relação ao "affair" Katyn.

Conforme reportagem publicada pela Revista "Veja", em 15 de março de 1989 (N° 1071, p. 43), as autoridades polonesas vinham, por mais de 40 anos, apagando sistemática e incansavelmente um dístico que poloneses anônimos teimavam em grafar no monumento às vítimas de Katyn: *NKWD — 1940!* Pois, a partir da segunda-feira, 13 de março de 1989, o dístico incriminador deixou de ser apagado: o Governo polonês passava a admitir, oficialmente, que *o massacre de Katyn não fora perpetrado pelos alemães, mas sim pelos soviéticos!*

Além do "furo" jornalístico e histórico obtido pela Editora Revisão Ltda., que antecipou-se à versão, *agora oficial, polonesa,* há que considerar uma estreita correlação entre o "affair" Katyn e a alegada existência de câmaras de gás em alguns campos localizados em território da Polônia: *se a autoria do massacre de Katyn, que era imputada aos alemães, de repente mudou de rumo, voltando-se contra os soviéticos, por que não admitir que as histórias referentes às câmaras de gás venham, de igual modo, transformar-se em meras "estórias"?*

O que ficou claro em tudo isso é que a inflexibilidade do Governo polonês, no que tange à revisões históricas, perdeu consistência...

1? parte - Bibliografia

1. BARROSO Gustavo. *Os Protocolos dos Sábios de Siãa. M* reed. Porto Alegre, Revisão, 1989.
2. BRECHT, Berthold. *Gesameüe Werke.* Vol. II, Düsseldorf, Zeit, 1956.
3. CART1ER, Raymond. A *Segunda Guerra Mundial,* 2 vol., Rio de Janeiro, Primori, 1977.
4. DAHNS, Hellmuth Günther. A *Segunda Guerra Mundial.* 2 vol. Rio de Janeiro, Bruguera, 1968.
5. FEST, Joachim. *Hitler.* Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1976.
6. FULLER, J. F. C. A *Conduta da Guerra.* Rio de Janeiro, Biblioex, 1966.
7. HITLER, Adolf. *Mein Kampf.* 23. ed. Munich, AufL, 1933.
8. MARSCHALKO, Louis. *Os Conquistadores do Mundo. 2* ed. Porto Alegre, RevisSo, 1989.

2? parte - Bibliografia

1. BERNADAC, Christian. *Os Manequins Nus.* Rio de Janeiro, Otto Pierre, 1980.
2. . *O Trem da Morte.* Rio de Janeiro, Otto Pierre, 1980.
3. .*Os 186 Degraus.* Rio de Janeiro, Otto Pierre, 1980.
4. .*Dias Sem Fim.* Rio de Janeiro, Otto Pierre, 1980.
5. .*Kommandos Femininos.* Rio de Janeiro, Otto Pierre, 1980.
6. BERTIN, Claude. *Os Grandes Julgamentos da Histôria-Eichmann.* Rio de Janeiro, Otto Pierre, 1980.
7. BRUNO, Anibal. *Direito Penal.* Tomo 2, 3.ed. Rio de Janeiro, Forense, 1978.
8. CASTAN, S.E. *Holocausto Judeu ou Alemão?* 26.ed. Porto Alegre, Revisão, 1988.
9. . *Acabou o Gás!... O Fim de um Mito.* (Apresentação do Relatório Leuchter sobre as alegadas Câmaras de Gás). Porto Alegre, Revisão, 1988.
10. CLOS, Max & CUAU, Yves. *A Revanche dos Dois Vencidos.* Rio de Janeiro, Bibliex, 1971.
11. CONTE, Arthur. *Yalta - A Partilha do Mundo.* Rio de Janeiro, Bibliex, 1986.
12. DAHMS, Hellmuth Günther. A *Segunda Guerra Mundial.* 2. Vol. Rio de Janeiro, Bruguera, 1968.
13. DAVIDSON, Eugene. *A Alemanha no Banco dos Réus.* 2. Vol. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970.
14. FEST, Joachim. *Hitler.* Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1976.
15. GABUS, Eric. *La Criminaüti de Ia Guerre.* Genebra, Editions Générales, 1953.
16. HEIBER, Helmut. *Adolf Hitler.* Berlim, Verlag, 1960.
17. HEYDECKER, Joe J. & LEEB, Johannes. *O Julgamento de Nuremberg.* 6.ed., Lisboa, íbis, 1967.
18. JACKSON, Robert H. *The Nuremberg Case.* Nova York, Alfred A. Knopf Inc., 1947.

19. KAHN, Leo. *Julgamento em Nuremberg.* Rio de Janeiro, Renes, 1973.
20. KESSEL, Joseph. *Dr. Kersten - O Médico de Himmler.* 3.ed. São Paulo, Flamboyant, 1966.
21. KINVIG, Clifford. AÍ *Pontes do Rio Kwei.* Rio de Janeiro, Renes, 1974.
22. LANZMANN, Claude. *Shoah — Vozes e Faces do Holocausto.* São Paulo, Brasilense, 1987.
23. LÍDER, Julian. *Da Natureza da Guerra.* Rio de Janeiro, Bibliex, 1987.
24. MARGUUES, Marcos. *Gueto de Varsóvia.* Rio de Janeiro, Documentário, 1974.
25. MARSCHALKO, Louis. *Os Conquistadores do Mundo.* Porto Alegre, Revisão, 1988.
26. MORENO, Gimánez. *Mauthausen — Campo de Concentração e de Extermínio.* São Paulo, Ediciones Hispanoamericanas, 1975.
27. NYISZLI, Miklos. *Médico em Auschwitz.* Rio de Janeiro, Otto Pierre, 1980.
28. OLIVEIRA, Sérgio. *O Massacre de Katyn.* Porto Alegre, Revisão, 1989.
29. ROUX, Catherine. *Triângulo Vermelho.* Rio de Janeiro, Otto Pierre, 1980.
30. ROZANOV, G. *Alemanha 45 - A Agonia do III Reich.* Rio de Janeiro, Saga, 1967.
31. SERENY, Gitta. *No Meio das Trevas.* Rio de Janeiro, Otto Pierre, 1981.
32. STEINER, Jean-François. *Treblinka.* 3.ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, s.d.
33. URIS, Leon. *Mila 18.* Rio de Janeiro, Cedibra, 1972.
34. WELLES, Summer. *the Time for Decision.* Nova York, Harper & Row, 1944.
35. WYKES, Alan. *Hitler.* Rio de Janeiro, Renes, 1973.

fr>

no Canadá como a mais completa síntese revisionista existente em todo o Mundo), Sérgio Oliveira também o adquiriu acreditando tratar-se de "mais um... " naturalmente, como as centenas e milhares de pessoas que já tiveram ocasião de ler o mesmo, caiu do cavalo; mas caiu com os pés no chão, sacudiu a poeira e com toda a calma, começou a examinar e conferir o "cavalo" de focinho a rabo, e entrou num novo mundo: simples, honesto e puro, onde a mentira não tem lugar.

Seu primeiro passo posterior foi reler parte dos livros que havia adquirido, muitas vezes com sacrifício, e colocar os pontinhos nos is.

Assim em março de 1989 surgiu o 1 ? resultado de suas pesquisas o livro "O Massacre de Katyn", atribuído aos alemães no "julgamento" de Nuremberg. Interessante lançamento: em poucas semanas depois, a sionista revista "Veja" noticiou que após 46 anos o governo polonês acusara a URSS como a responsável por esse ato, debitando esta a culpa a Stálin.

Sérgio que diariamente, na sua enorme biblioteca, descobre novas manipulações das quais fomos vítimas, apresenta agora uma obra que sem a menor dúvida causará aovo impacto, deixando para os leitores e a História, o julgamento do verdadeiro papel desempenhado por Hitler e o povo alemão.

S.E. Castan

Leia